

JACIARA ANDRADE SILVA

OLIVIA ALEXANDRE DE CARVALHO

ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ

ELAINE ALVES DE SANTANA

AMBIENTES FUNERÁRIOS

Adornos em Sepulturas Humanas
do Sítio Justino/SE,
Evidência do Contato Nativo
Americano/Europeu



Editora UFS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

REITOR

Angelo Roberto Antonioli

VICE-REITOR

Valter Joviniano de Santana Filho

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

COORDENADOR DO PROGRAMA EDITORIAL

Péricles Morais de Andrade Júnior

COORDENADORA GRÁFICA

Germana Gonçalves de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso

Fabiana Oliveira da Silva

Germana Gonçalves de Araújo

Jacqueline Rego da Silva Rodrigues

Joaquim Tavares da Conceição

Luís Américo Bonfim

Martha Suzana Cabral Nunes

Péricles Morais de Andrade Júnior (Presidente)

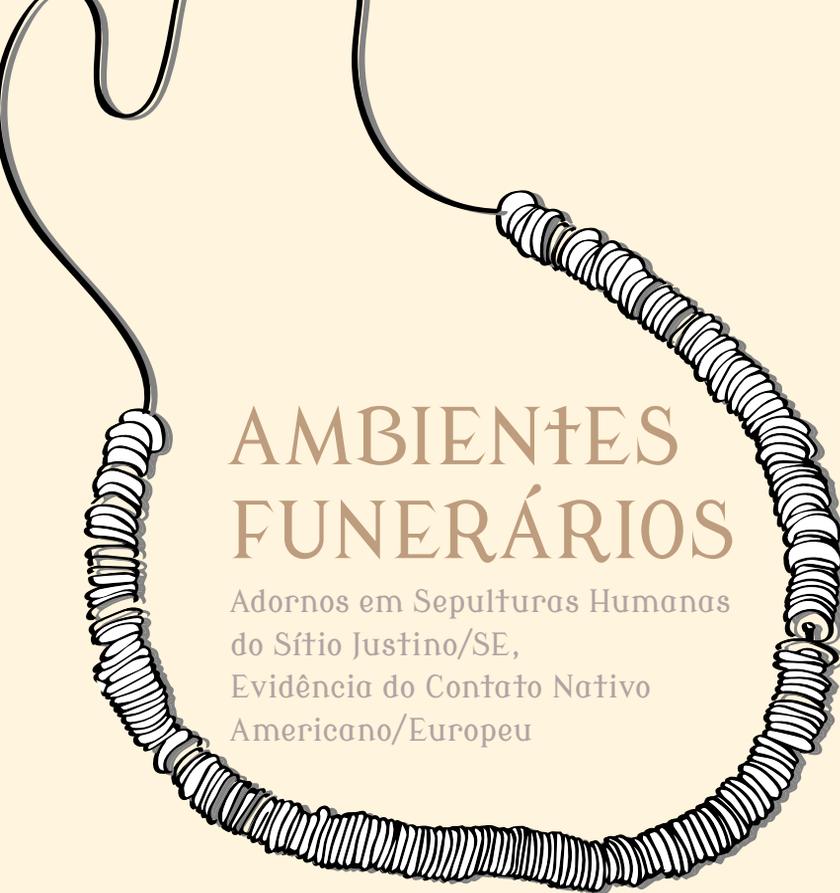
Ricardo Nascimento Abreu

Sueli Maria da Silva Pereira

Yzila Liziane Farias Maia de Araújo



Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
CEP 49.100 - 000 - São Cristóvão - SE.
Telefone: 2105 - 6922/6923. e-mail: editora@ufs.br
www.editora.ufs.br



AMBIENTES FUNERÁRIOS

Adornos em Sepulturas Humanas
do Sítio Justino/SE,
Evidência do Contato Nativo
Americano/Europeu

JACIARA ANDRADE SILVA

OLIVIA ALEXANDRE DE CARVALHO

ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ

ELAINE ALVES DE SANTANA



Editora UFS

São Cristóvão/SE
2020

Obra selecionada e publicada com recursos públicos advindos do Edital 001/2019 do Programa Editorial da UFS.

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora.

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

ILUSTRAÇÃO

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Guilherme Al-chedyack Kauark

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Poliana Freire Campos da Silva

FICHA CATALOGráfICA

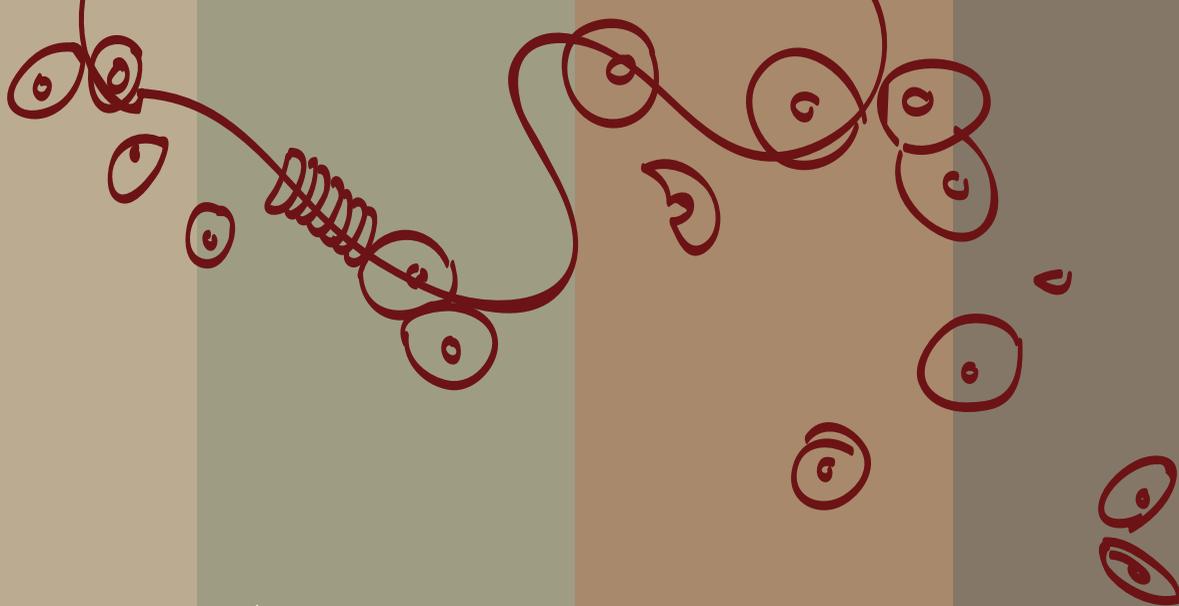
Biblioteca Central – Universidade Federal de Sergipe

A492a Ambientes funerários : adornos em sepulturas humanas do Sítio Justino/SE, evidência do contato nativo americano/europeu [recurso eletrônico] / Jaciara Andrade Silva ... [et al.]. – São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2020.
260 p. : il.

ISBN: 978-65-86195-07-1

1. Arqueologia – Sergipe. 2. Sítios arqueológicos – Sergipe. 3. Túmulos. I. Silva, Jaciara Andrade.

CDU 902.03:393.1(813.7)



PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

AMBIENTE FUNERÁRIO NA ARQUEOLOGIA

ABORDANDO A MORTE COMO NOVO COMEÇO

TANATOLOGIA

PRÁTICAS FUNERÁRIAS

FORMAÇÃO DAS ÁREAS ARQUEOLÓGICAS FUNERÁRIAS

ÁREAS SEPULCRAIS

SÍTIOS CEMITÉRIOS

DECOMPOSIÇÃO CADAVERICA

INFORMAÇÕES TAFONÔMICAS

MATÉRIAS DA PESQUISA

PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)

INÍCIO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS E SÍTIOS EVIDENCIADOS PELO PAX

Sítio JUSTINO

A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO Sítio JUSTINO

CARACTERIZAÇÃO CRONOLÓGICA E ESPACIAL DO Sítio JUSTINO

SEPULTURAS HUMANAS E ÁREAS SELECIONADAS

Unidades

Sepulturas

OS ADORNOS FUNERÁRIOS

MÉTODOS APLICADOS NA ANÁLISE DOS ADORNOS

Adornos Coloniais

Adornos Nativos

Uso dos Ossos e Dentes de Animais

Uso de Conchas

Uso dos Minerais

OS ADORNOS COMO ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS

ORIGEM EUROPEIA

ORIGEM NATIVA

Sobre os Adornos em Ossos

Sobre os Adornos em Conchas

Sobre os Tembetás

OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E O CONTATO NATIVO-EUROPEU

O NOVO MUNDO NO OLHAR DO COLONIZADOR

RELATOS DOS CRONISTAS SOBRE A MORTE

SOBRE OS ADEREÇOS

MÉTODOS APLICADOS

"LEITURA" DOS SEPULTAMENTOS HUMANOS

ARQUEOTANATOLOGIA

Tipos de Inumação

Estrutura da Sepultura

Acompanhamentos Funerários

Quantitativo de Indivíduos

Aspectos Bioantropológicos

Indicativos de Saúde e Doença

ONDE CHEGAMOS AFINAL?!

O AMBIENTE FUNERÁRIO: ÁREAS E SEPULTURAS

NOVAS "LEITURAS" PARA OS NÍVEIS DE ENTERRAMENTO

UNIDADES COM VESTÍGIOS DE CONTATO

Unidade MR 6/10

Unidade FL 31/35

Unidade AE 16/20

Unidade MR 31/35

"LEITURA" DOS CONTEXTOS FUNERÁRIOS E SEPULTADOS
As áreas dos sepultamentos e os inumados

CONCLUINDO MAIS UMA ETAPA, QUE VENHAM OUTRAS!

REFERÊNCIAS

ANEXOS

ANEXO A

Catálogo dos Adornos

ANEXO B

Resultados das Análises DRX e EDX



PREFÁCIO

A Arqueologia brasileira tem amadurecido ao longo dos anos e se pode dizer mesmo que já apresenta uma identidade própria, e continua surpreendendo em diversidade de conhecimentos que consegue aglutinar, nos proporcionando, através da materialidade, e mesmo na imaterialidade, viagens pelo tempo e espaço, com o intuito de revelar os mistérios encobertos nas entranhas da terra ou sob a água.

Dessa forma, em cada investigação, em cada leitura, a experiência continua, por entre os diversos contextos, nas mais variadas regiões do planeta, em mais uma busca incessante por desafios, seja num momento mais remoto da humanidade ou mesmo no contemporâneo tecnológico, decifrando iconografias milenares ou explorando as reservas técnicas e os laboratórios.

No incessante esforço para manter a continuidade e a sinergia entre a pesquisa e a missão de formar novas gerações, que nos regozijamos ao vermos materializar-se mais uma contribuição científica oriunda da academia, e em particular, com profundo orgulho, regado por gratidão, através de uma singela contribuição dada a obra que se apresenta.

Certamente o leitor, a leitora discernirá o conteúdo delicado na tratativa do maior dos mistérios, a morte, e como ela, à

luz da Arqueologia, não representa um final de uma trajetória devida, mas renasce pela história contada nos objetos.

Assim, o convite está feito para essa jornada entre o supostamente finito e o imortalizado na materialidade revelada pela incomensurável curiosidade científica.

Sintam-se à vontade para compartilhar conosco mais essa aventura!

Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz

DECANO

Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe



A morte se configura como o final do estágio, do ciclo da vida. Ela é interpretada dentro do contexto das ciências sociais, humanas, biológicas, da saúde, religiosas e até mesmo dentro do contexto criminal. Ao que parece, dentro desse “simples” ato de morrer, existem diversas implicações e variadas etapas que são decodificadas e implícitas ao conhecimento comum. No âmbito desta pesquisa, morrer constitui chegar à linha que separa as evidências das relações sociais em vida e após a morte, e, na leitura dessas provas, torna-se possível compreender as relações do morto com os vivos, e talvez, o seu papel dentro de um agrupamento social.

Os estudos na Arqueologia, dentro deste contexto, incluem as leituras dos comportamentos mortuários (ligados à forma com a qual o indivíduo foi depositado e o tratamento oferecido ao corpo), os acompanhamentos funerários, a distribuição espacial das sepulturas na área cemiterial e, os aspectos relacionados à saúde\doença (SILVA, 2006).

Isso se dá porque a morte, para a pesquisa bioarqueológica, não é o fim, ela marca o início de um novo momento, compreendidos no processo de decomposição, na dinâmica dos ele-

mentos bioturbadores, nas reconfigurações dos espaços e em toda a composição dos conjuntos funerários.

Os estudos envolvidos no ambiente da Arqueologia Funerária, conforme a perspectiva supracitada, abordam a configuração das áreas de sepultamento humano, entendidas enquanto estruturas resultantes de um comportamento intencional e na qual é constituída por três elementos fundamentais: o corpo, os acompanhamentos e a cova.

Com base nesses três elementos, foi possível construir uma proposta para elucidar novas questões sobre o período de ocupação cemiterial do Justino, utilizando alguns esqueletos humanos, adornos funerários e o espaço do cemitério em que foram depositados, entendendo que, a soma desses elementos pode ser determinante para entender a sua dinâmica presente no contexto geral do sítio-cemitério.

Diante disso, a área foi caracterizada como um sítio de ocupação pré-colonial, com ocupações mais recentes de mais de 1200 anos, datadas com base na coleta de amostras de carvão. Nesse sentido, houve a emergência de novas datações capazes de inserir o sítio em um período compatível com as contas de vidro evidenciadas enquanto contexto funerário por Silva (2013).

A configuração deste livro se deu então em quatro partes, composta pela fundamentação teórica, a exposição do material a ser trabalhado, metodologias adotadas e os resultados encontrados.

Dividir a fundamentação teórica repartidas em duas construções distintas, tornou-se necessário uma vez que não coube na pesquisa uma interpretação única das áreas cemiteriais e contextos funerários, mas, igualmente considerar historicamente a ocupação do território de Xingó, pois, uma vez que, tais fatos

indiscutivelmente provocaram mudanças no comportamento daquelas pessoas diante do evento da morte.

Ao trazer questões relativas às formações, características e tipos de áreas sepulcrais, a proposta buscou permitir uma visão sobre a escolha do lugar, além de todos os fatores que ocorreram desde o momento do enterramento até a descoberta arqueológica. Mais uma viagem no tempo?!

Assim, esses processos transformativos aconteceram nas áreas, continuamente dinâmicas, e, no próprio processo de decomposição humana, capaz de alterar a configuração do contexto funerário, sobretudo diante dos modelos de enterramentos adotados.

Diante da composição dos artefatos presentes nos sepultamentos selecionados, o elemento principal repousou nas contas de vidro de contexto europeu, associadas às nativo-brasileiras, advindas com as diversas ocupações pós século XVI, em meio à expansão mercantilista no mundo.

Este segundo momento tratado em sua fundamentação teórica se dá então na busca de uma construção desse passado, contado por relatos de cronistas e outras fontes históricas, em caráter iconográfico e/ou documental, buscando assim, entender a ocupação no Sertão do atual território sergipano, enfatizando a área do Baixo São Francisco, local de instalação do Justino.

Além deste fator, também estava a tentativa de identificar os períodos de comércio e os centros de origem dos artefatos, uma vez que entender o período no qual as contas foram produzidas permite estabelecer uma datação relativa ao esqueleto, e, conseqüentemente, ao sítio.

Essas informações específicas se dão como base no levantamento de características pontuais as quais marcaram períodos e centros de produções de contas, sobretudo, quando pas-

sam a ser utilizadas como moeda comercial, o que fez aumentar a produção e o desenvolvimento de novas técnicas.

O sítio Justino, localizado às margens do rio São Francisco, foi descoberto em meio ao desenvolvimento do Projeto Arqueológico de Xingó, o PAX. O objetivo era de mapear as áreas com potencial arqueológico, face às transformações previstas para a área em função da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó.

Diante da configuração evidenciada em meio à execução de sondagens no terreno, foi descoberto o grande potencial arqueológico do sítio e sua escavação acabou sofrendo diversas reconfigurações, sobretudo de caráter metodológico, tornando-o único diante dos demais escavados no desenvolvimento do PAX.

O sítio foi escavado por mais de quatro anos, agregando uma equipe multidisciplinar, que resultou no maior acervo produzido pelo PAX. Isso possibilitou mais de 20 anos de estudos, até os dias de hoje, à medida em que surgem novos métodos e técnicas de investigação, trazendo novas informações e discussões! A conclusão dos trabalhos em sua área e a execução de diversas pesquisas de cunho acadêmico propiciou a formação de um importante acervo científico para estudos futuros.

A utilização do Justino enquanto objeto de pesquisa, e, mais especificamente algumas de suas sepulturas humanas e os outros elementos a elas associadas, se deu em função da riqueza cultural de composição funerária, sobretudo dos artefatos empregados enquanto adornos. Neste momento, optou-se pelo abandono da classificação estabelecida para a área dos cemitérios no desenvolvimento da pesquisa, como a adoção da divisão dos quatro cemitérios A, B, C, D propostos por VERGNE (2002, 2004).

Nessa perspectiva, propusemos novos modos de leitura dessa área arqueológica, considerando não apenas as deposições a cada nível, mas, em determinados intervalos, ponderados

como espaços mínimos necessários para o enterramento de esqueletos humanos.

Levando em consideração o período em que há presença de artefatos cerâmicos (40-140 cm), uma vez que, é sabido que nas três sepulturas (137, 138, 140) apresentadas por Silva (2013), há contas de vidro as quais estão associadas ao emprego de vasilhames cerâmicos, inseridas em profundidades inferiores a 140 cm. Então, foram estabelecidos três intervalos de ocupação cemiterial, onde o primeiro ocorre entre 40-70 centímetros de profundidade no solo, o segundo entre 70-100 centímetros e, o último entre 100 a 140 centímetros, levando em consideração o piso na profundidade registrada como a base de cada sepultura analisada.

Com isso, os dois atributos: a presença de vasilhames cerâmicos e adornos, compõem o que se poderia considerar como “enxoval funerário”, os quais também foram investigados nas novas sepulturas, na continuidade dos estudos, em que se buscou uma ampliação da amostra e um melhor entendimento sobre a distribuição espacial dessas sepulturas na área do sítio.

Diante desses eixos investigativos, uma nova sepultura passou a fazer parte da amostra e, duas novas áreas dentro do sítio, uma vez que as contas de vidro estão associadas a elas particularmente.

Definidas as amostras antropoarqueológicas para estudo, foram delimitadas as duas linhas de investigação: a primeira envolvendo as áreas específicas de sepultamento e a segunda, os adornos inseridos no conjunto funerário. No que compete às áreas específicas de sepultura, a fundamentação do trabalho foi conduzida envolvendo a leitura das áreas mortuárias e os aspectos bioantropológicos relacionados, tomando por base os registros documentais produzidos no desenvolvimento do PAX

e bibliografias complementares, como Vergne (2004), Carvalho (2007), Silva (2013).

Nessa perspectiva, foram empregadas ferramentas normalmente utilizadas em métodos específicos para a pesquisa bioarqueológica, como a Arqueotematologia, que, promove a leitura dessas áreas mortuárias e a reconstituição dos espaços originais em um caminho regresso, apontando os elementos envolvidos e capazes de provocar alterações, como também, mensurando as causas e efeitos possíveis.

Os adornos, compreendidos como elementos materiais, eram compostos por uma diversidade de peças e conjuntos, de origem local ou europeia, com variação morfológica e de matéria-prima constituinte. Eles foram depositados em associação direta aos indivíduos, formando colares e outros adereços nem sempre rastreáveis.

A aplicação das ferramentas intrínsecas à Arqueotematologia permitiu igualmente identificar a função atribuída ao adorno, na reconstituição da organização das peças envolvendo o indivíduo inumado, as quais foram registradas a cada camada de escavação.

Com relação aos métodos adotados para a classificação dos adornos, sobretudo as contas, os dois grupos de artefatos, nativos e europeus foram analisados com base em atributos próprios, e o registro final das peças ocorreu em uma ficha de cadastro individual.

Dentre as características apontadas para as contas europeias estão o seu local e período de produção, o tipo de técnica de manufatura adotada, e as suas classificações técnicas referentes à forma, coloração e decorações.

Isso ocorre por causa da composição das peças que apresenta estrutura uniforme e pasta de sílica que forma o vidro,

mas não há distinção quanto a matéria-prima adotada, sendo este um dos principais pontos que difere do artefato local e do artefato advindo de fora.

Os adornos produzidos pelos grupos indígenas locais tinham como matéria-prima o tipo de recurso existente, que em geral eram produzidos a partir dos ossos, dentes, conchas e minerais brutos, ou seja, pouco transformados estruturalmente.

Por isso, identificar a matéria-prima e a técnica utilizada para produzir as peças pode conduzir a uma história associada ao grupo humano que as produziu ou ao próprio artefato em si. As conchas, por exemplo, quando mantidas algumas de suas características morfológicas diagnósticas, podem ser classificadas quanto ao ambiente de onde provém, marinha, estuarina ou limnológicas (de águas interiores não relacionadas ao mar). Com isso, podem ser diagnosticados o local de origem do organismo animal, possibilitando estudos em arqueologia ambiental, assentamentos e migrações de grupos humanos e de animais.

Além desses atributos ambientais, se pode considerar os aspectos técnicos relacionados à confecção e forma do artefato; associando em alguns casos o uso da peça em relação às suas características.

As pesquisas sobre os adornos arqueológicos no Brasil ainda são pouco desenvolvidas, uma vez que carece de parâmetros que associem os tipos específicos de ornamentos e sua caracterização como um marcador cultural em grupos humanos pretéritos, nos coube então, promover nessa investigação uma abordagem prioritariamente técnica.

As contas estudadas e o contexto no qual foram encontradas permitiram sustentar a hipótese de ocupações humanas posterior ao século XVI para a área onde se localizava o sítio Justino.

Dessa forma a pesquisa se propôs então utilizar o ambiente mortuário e seus elementos de composição em busca de uma interpretação coerente quanto ao que se consideraria inicialmente como o período mais recente de ocupação do cemitério. Dessa forma, pretendemos instigar a pesquisa em busca e a reflexão quanto à uma arqueologia de contato, em que a chegada dos europeus e a possível relação com os grupos humanos locais no passado poderiam ter provocado mudanças nas composições dos enxovais mortuários e talvez até estabelecido nova hierarquia social.

O Justino foi ocupado por muitos anos, com esplêndida riqueza de artefatos, organização e mais especificamente em arqueotanatologia, as posições funerárias. Todos esses elementos o colocam entre uma das necrópoles mais importantes do país. As águas do rio São Francisco, no vai e vem de suas águas, lavaram suas camadas, mas não foi suficiente para apagar a “história contada” pelos inumados em suas terras, verdadeiros protagonistas através de sua osteobiografia.

I AMBIENTE FUNERÁRIO NA ARQUEOLOGIA

Ainda no âmbito da Arqueologia, a morte é aqui interpretada como a linha que separa a evidência material das relações sociais em vida e após o perecimento, ela envolve aspectos materiais, simbólicos, comportamentais e permitem que a pesquisa bioarqueológica transite por caminhos antes desconhecidos.

O estudo de parasitas, alimentação, ligação genética, práticas sociais e de subsistência além das evidências de conflitos, são adquiridos através de pesquisas em remanescentes ósseos e seus correlacionados. Os espaços das sepulturas então, são portadores de tais informações e permitem que o profissional de bioantropologia adentre no universo dos contextos arqueológicos e que essa junção de dados gere informações osteoarqueológicas que permitem que a Arqueologia alcance seu papel.

Isso reflete na compreensão das ações que envolvem o ser humano, utilizando como recurso, as provas deixadas de sua existência, tanto o caráter da cultura material quanto imaterial.

A prática de enterrar os seus mortos levou o homem a ser cuidadoso com a escolha do local de deposição. Esses lugares variavam conforme o traço cultural ou a configuração territorial.

Além disso, os espaços sepulcrais foram pouco a pouco sendo formados e, trazem à superfície provas vivas dessa relação vivo x morto; através dos artefatos ou dos gestos funerários. Para Silva e Calvo (2007), os sepultamentos humanos consistem em:

“...estruturas complexas que envolvem vestígios de cultura material relacionados às práticas funerárias que, por sua vez, vinculam-se ao fenômeno morte e suas implicações socioculturais, étnicas, religiosas, políticas, econômicas, psicológicas, de territorialidade, de subsistência, ambientais, naturais, individuais e simbólicas”. (SILVA E CALVO, 2007, p. 469).

Os rituais praticados, com ações anteriores e no ato do enterramento, são traduzidos através da configuração dos espaços das inumações e das próprias características das amostras ósseas.

Tais interpretações são feitas com base em metodologias próprias e com a interdisciplinaridade entre as áreas comuns como a geologia; na leitura dos estratos, a medicina legal, no que se refere ao processo de decomposição cadavérico e nas ciências sociais e humanas ao discutir o tema como partes do comportamento do homem.

Para promover a leitura bioarqueológica nos ambientes funerários, são utilizados neste trabalho, métodos específicos que visam uma melhor compreensão sobre tais áreas. A Arqueotanatologia é aplicada enquanto uma disciplina que reúne um conjunto de métodos próprios para a leitura dos espaços sepulcrais. Ela é utilizada como principal viés para o mapeamento dos possíveis padrões em espaços funerários.

Com este objetivo, esta disciplina então faz esta leitura das áreas de sepultura através de três aspectos: o espaço da sepultura, o esqueleto e os acompanhamentos; levando em consideração as ações naturais ou antrópicas que podem alterar o pacote sedimentar e o vestígio arqueológico.

Tomando por base as principais bibliografias da área, quando aplicada a este trabalho ela é então dividida entre três matrizes principais de leitura com base no tipo de prática mortuária, o ambiente e o modo que ocorreu a decomposição e, os atos promovidos após o enterramento do indivíduo e, a partir daí as etapas que envolvem sequencialmente cada uma delas.

Tomando por base os estudos arqueológicos e sua proposta de compreender o homem em seus aspectos bioculturais o estudo da morte e as áreas sepulcrais conduzem à busca por elementos que corroborem para a interpretação dos espaços funerários e as práticas que os envolvem, uma vez que as ações humanas são resultantes dos seus sentimentos diante de múltiplas situações e, o modo que a morte é interpretada, pode ser um elemento determinante para a escolha dos locais de deposição ou mesmo o tratamento oferecido.

ABORDANDO A MORTE COMO NOVO COMEÇO

Os estudos evidenciados sobre a morte e todos os processos que ocorrem antes ou após o ocorrido são tratados dentre diversas ciências, conforme mencionado anteriormente. Apesar de ser um assunto ainda em ascensão, o tema morte vem ganhando espaço na sua abordagem médica, enquanto estágio de interrupção da vida¹; biológico, ao pensar em sua decomposição, forense, sobre as discussões acerca da natureza da morte, ou dentre as ciências sociais e humanas em uma visão mais comportamental.

1 Conjunto de propriedades responsáveis pelo funcionamento orgânico de animais e plantas ou espaço de tempo entre o nascimento e a morte, existência (BECHARA, 2009).

Dentro do viés da Arqueologia, a morte é então tratada quanto aos seus aspectos materiais e imateriais. As ações que envolvem os rituais de inumação e o próprio espaço em que foram sepultados resultam em parte deste processo e, parte desta memória é preservada nos artefatos associados e nos restos esqueléticos. Tendo em vista as abordagens propostas para análise do modo de distribuição dos enterramentos em um sítio-cemitério, e, os elementos a eles associados, é importante compreender a morte, tendo em vista seu potencial informativo, interpretando-a como um evento divisor, que, marca o ponto exato de transformação do ser biológico. Isso permite dentro de uma leitura arqueológica que possa ser visto dentro de uma cadeia de eventos.

O primeiro momento da morte é o ato de sepultar, ação que, quando executada é influenciada por fatores diversos, como, por exemplo, posição social ou questões de saúde. Além disso, são levadas em consideração as representações simbólicas que marcam a cultura a que este elemento pertenceu.

O sepultamento também cumpre o papel de isolar o corpo para que ele inicie seu processo de decomposição, sofrendo as ações diretamente do meio ambiente.

Dentro da ótica da Arqueologia, nos estudos sobre os ambientes funerários, é iniciado o processo investigativo; levantando dados sobre o indivíduo em cada estágio que transcorreu em sua vida e após a morte, a sociedade que interagiu, e, sobretudo nos remanescentes culturais deixados em seu contexto funerário.

Figura 1 – Estágios gradativos sofridos pelo corpo após a morte e seu papel enquanto evidência arqueológica.



Uma vez interpretada a morte como o evento divisor dos dois estágios cumpridos por cada indivíduo, torna-se necessário entender sua definição e o modo que ocorrem todos os processos decorrentes do seu acontecimento.

TANATOLOGIA

Conforme o dicionário de língua portuguesa Houaiss (2009), Tanatologia é uma palavra originada dos radicais gregos “*thánatos*” e “*logos*”, estando a primeira ligada a figura masculina representativa da morte, e a segunda ao estudo, daí o estudo da morte.

Em uma visão mais ampla, Fischer (2007) propôs que, a definição deve ser amplificada considerando além do estudo da morte, o processo de morrer, o leito e as perdas. Outro teórico, Kovács (2008) aponta que, o grande desenvolvimento da Tanatologia ocorreu após o período das Guerras Mundiais² com os estudos de Feifel, em seu clássico “*The meaning of death*”³ e, para a autora, esta obra conduz a uma conscientização sobre

2 A primeira Guerra Mundial ocorreu entre os anos de 1914-1918; A Segunda Guerra entre 1939-1945;

3 FEIFEL, H. *The meaning of death*. New York: Mc Graw Hill. 1959.

a importância de discutir o tema morte. De um modo geral, a Tanatologia é abordada dentro da psicologia no que se refere à compreensão do homem sobre o sentimento e momento da morte, além das ações religiosas e convencionais ligadas a ela.

A morte é apontada por Freud (2006), como a única ação que o homem não é capaz de contornar, é a ação da natureza sobre o ser biológico.

Há elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho, as tempestades, que arrastam tudo o que lhes antepõe, as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra a qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (FREUD, 2006, p. 25).

Ainda seguindo os pensamentos da morte como ação da natureza, Ariès (2000) aponta que a sociedade não podia intervir em quaisquer mudanças advindas neste destino, pois, eram por ações de milagres, segundo o autor *"la familiaridade con la muerte es una forma de aceptación del orden de la naturaleza [...]"* (ARIÈS, 2000, p. 43).

Para Torres (1997, p.169), "o homem trata a morte como um fenômeno cultural", e, seria esse o elemento que o diferencia dos outros animais. Sabe-se que, o animal tem uma percepção sobre a morte, "ele a sente como perigo que o ameaça e reconhece seus predadores, reagindo por instinto de conservação" (RODRIGUES, 2006, p.18), porém, não é um comportamento convencional, "são ditadas pelas leis da espécie a que pertencem" (RODRIGUES, *op cit*).

O mesmo autor descreve casos de percepções da morte em animais domesticados. Esses animais se recusam a deixar o túmulo do seu dono. Para o pesquisador, são raros casos que estão ligados ao processo de domesticação e a sua vida em meio a uma sociedade humanamente organizada. Assim, o autor afirma que a consciência da morte é então, “uma marca da humanidade” (RODRIGUES, 2006, p.19).

Fazendo um paralelo com a Arqueologia, Carvalho, Queiroz e Vergne (2002), apontam que a presença de animais nas sepulturas demonstra que o animal ocupava um papel importante na cultura de sua população. Nos sepultamentos estudados pelos pesquisadores no sítio Justino, a fauna não estava sendo utilizada apenas para confecção de adornos, mas os remanescentes ósseos animais foram encontrados quase completos e em grande parte articulados, o que demonstra uma intencionalidade no tratamento da inumação.

A percepção da morte dentro da cultura ocidental é envolta do sentimento de medo e finitude, apesar de, para Loureiro (2000), mesmo dotado desse conhecimento, ele vive convencido da imortalidade, uma vez que, a morte é vista para Kübler-Ross (1998), como um evento pavoroso e temido.

A mesma autora defende o tema como um tabu, um assunto proibido, “recorremos aos eufemismos, fazemos com que o morto pareça adormecido” (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 11), sendo a mesma resistência observada nos estudos pouco significativos sobre a morte, como já mencionados. Para Fuks (2003), o reconhecimento só é perceptível ao homem visto pela morte do outro. Com isso, Bellato e Carvalho (2005) apontam que “[...] nós, enquanto seres humanos, marcados pela temporalidade da vida, lutamos contra a ideia de nossa finitude, sendo que temos buscado o alívio possível para o paradoxo

existencial que se apresenta frente ao dualismo vida e morte” (BELLATO e CARVALHO, 2005, p. 100).

A morte é vista e sentida pelo vivo, e, os eventos materiais e imateriais que a envolve, dão significado e memória a este fim, sendo que, para alguns, ela ocorre apenas na carne, perdurando então, o espírito que busca a paz e quietude eterna.

Dentro do registro arqueológico, esses eventos são interpretados através dos gestos e dos acompanhamentos depositados em conjunto com os mortos, que são perceptíveis pelas leituras dos espaços de deposição e dos restos ósseos.

Nessa perspectiva, a Arqueologia nos estudos específicos com ambientes funerários cumpre o papel de reconstituir não apenas os espaços e as posições dos indivíduos, mas, todos os gestos relacionados ao seu tratamento e cuidados após a morte.

PRÁTICAS FUNERÁRIAS

As áreas arqueológicas conceitualmente chamadas de sítios-cemitérios permitem que sejam compreendidos aspectos tanto na esfera espacial, quando é analisado o modo de distribuição das sepulturas, quanto temporal, ao serem percebidas as deposições nos níveis estratigráficos abaixo de seus pisos de ocupação.

Esses ambientes reúnem um conjunto de ações relacionadas ao momento do funeral, que refletem parte do comportamento desta sociedade perante a morte e ao morto. Quando preservadas no registro arqueológico, esse conjunto de práticas e objetos permitem ao pesquisador um entendimento sobre os rituais realizados, incorporando esse traço ao comportamento cultural de uma determinada sociedade.

Com o foco em um registro arqueológico funerário pertencente a grupos ceramistas da região do baixo São Francisco, foi pertinente promover uma abordagem sobre os rituais de enterramento que utilizam recipientes cerâmicos como, envoltórios ou acompanhamentos.

Diante disso, os grupos cerâmicos estiveram presentes na referida região entre os séculos que marcaram o período pré e pós-ocupação europeia. Nisso, tomando por base os principais grupos de influência ceramista para a porção do território sergipano, estes são descritas as práticas de enterramento adotadas pelos grupos Aratus e Tupinambás, pois, realizaram as principais tradições ceramistas do estado, somados ao que Luna (2005) classificou como independente portadora de traços, mas única, prática ceramista de Xingó.

Os Aratus enterravam seus mortos fora de suas aldeias com a utilização de urnas piriformes. Este traço permitiu que fosse estabelecido um padrão nas áreas de ocupação e no modo de enterramento e posicionamento de suas urnas, Os dados proporcionaram o estabelecimento de áreas de dispersão, estando, sobretudo concentrados na Bahia e Sergipe.

Os Aratus foram identificados e estabelecidos enquanto tradição por Calderón. Esses ceramistas receberam tal nomenclatura por seus vestígios terem sido identificados inicialmente no sítio Guipe, no centro industrial de Aratu, distante 18 km de Salvador.

As pesquisas fundamentalmente na região da Bahia revelaram a identificação e resgate de centenas de urnas, principalmente pelos trabalhos de Calderón, nos anos 60, quanto três décadas depois nos trabalhos da equipe de Carlos Etchevarne.

No que se refere aos rituais, o que foi permitido descrever é que, os mortos eram enterrados de forma primária prioritária-

mente, mas, em algumas ocasiões eram secundárias. As urnas possuíam o opérculo formado por uma tigela de forma invertida que tinham o tamanho apropriado para tampar a abertura da boca (ETCHEVARNE e FERNANDES, 2011; MARTIN, 2008; LUNA, 2005; FERNANDES, 2002).

No território sergipano, o grande quantitativo de informações sobre os Aratus se concentra em achados, resultantes de algumas sondagens e escavações, evidenciados em “[...] colinas próximas ao litoral, geralmente na encosta, tais como sítios identificados em Pacatuba, ao norte, ou em Cristinápolis, ao sul” (CARVALHO, 2003, p.105). A obra de Carvalho (op. cit.) ainda aponta o sítio Fortuna, em Divina Pastora, região leste da cidade à 39 km da capital, escavado na década de 80 pelo Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Sergipe.

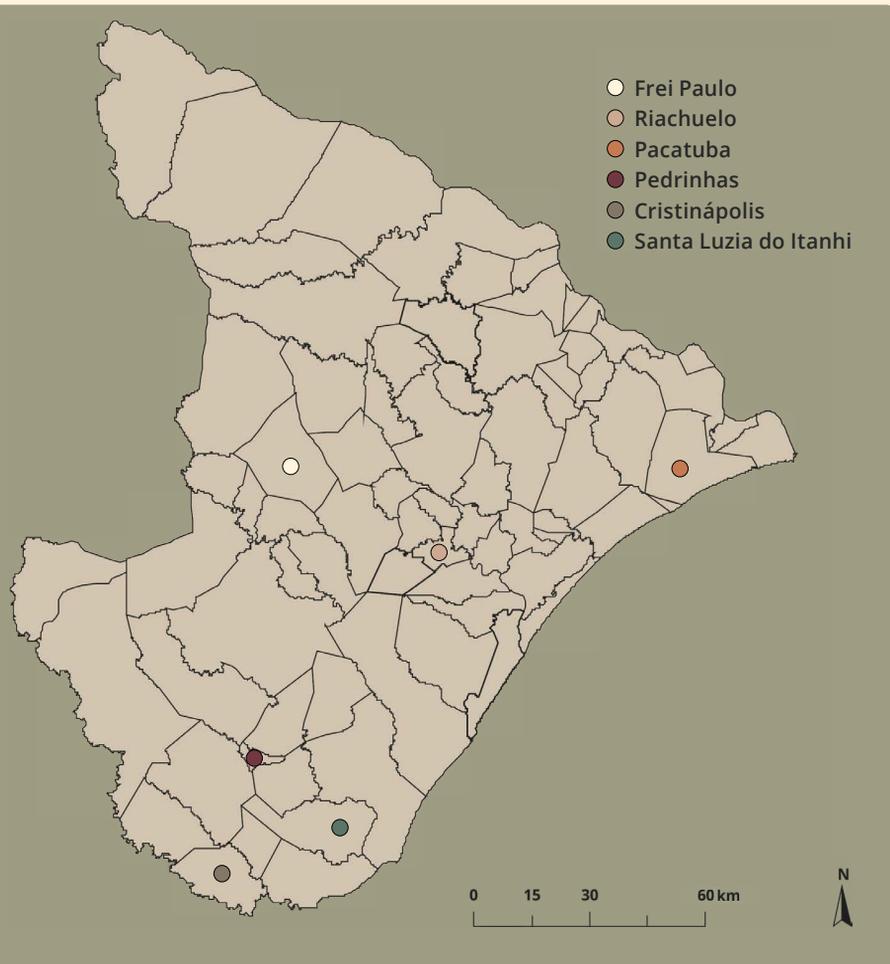
Essa região se tornou detentor do maior quantitativo de vestígios achados sobre a cultura Aratu em Sergipe, sendo inclusive identificada urna em sua integridade (figura 3).

Ainda foram identificados vestígios ligados à cultura Aratu nos municípios de Frei Paulo, Riachuelo, Pacatuba, Santa Luzia do Itanhy, Pedrinhas e Cristinápolis (CARVALHO, 2003, p. 117), conforme ilustrado na figura 2.

O baixo quantitativo de material evidenciado no território sergipano ocorre, com base em um entendimento desta pesquisa, pela pouca representatividade de pesquisas arqueológicas em geral realizadas no estado.

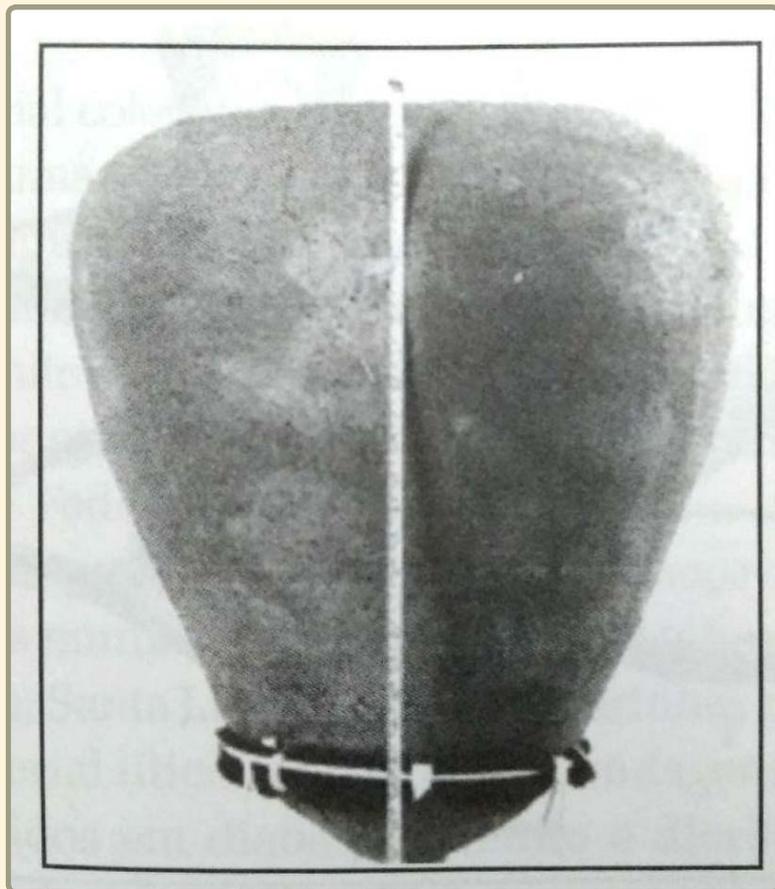
O território sergipano sempre esteve fora do cenário nacional e regional das pesquisas arqueológicas. Após os anos 90, com a eminência da arqueologia de Xingó, o estado tomou maior notoriedade, mas, ainda temos dados de forma insuficiente para demais regiões do estado.

Figura 2 - Mapa geográfico de Sergipe com territórios onde foram evidenciados vestígios cerâmicos que indicam o grupo Aratu.



Fonte do mapa: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/se/estado-sergipe-municipios.jpg>. Edição com inserção de demarcações de cidades.

Figura 3 – Urna funerária identificada no sítio Fortuna em Divina Pastora/SE.



Fonte: Carvalho (2003).

Se tratando da cultura Aratu, as urnas formam um conjunto mortuário espetacular ao pensar no registro arqueológico ligado às práticas funerárias. Essas peças marcam a cultura Aratu, e, o modo de enterramento de seus mortos de forma primária revela uma prática verdadeiramente fascinante.

O trabalho de Fernandes (2002) apresenta uma urna funerária Aratu, identificada no Oeste na Bahia (São Félix do Coribe), e, o autor faz uma reconstituição a partir dos restos ósseos evidenciados no interior da urna. O processo natural de decomposição dos corpos permite que, após a perda das partes moles, os ossos se reacomodem, sobretudo com o efeito da gravidade. Essa reorganização ocorre de forma proporcional ao espaço em que, o indivíduo foi sepultado.

No caso das urnas, espaços vazios envolvem o indivíduo depositado sentado. Essas áreas livres consentem que as partes ósseas, principalmente o crânio, se reposicionem na base na urna, decaindo sobre os membros inferiores e ossos pélvicos. A posição em que os ossos foram identificados na urna de São Félix e o desenho da reconstituição estão presentes nas figuras abaixo:

Figura 4 – Urna Aratu localizada no município de São Félix do Coribe resgatada em 1999. A primeira imagem (esq) mostra o reposicionamento das peças ósseas após a perda da parte mole e, em seguida (dir), a reconstituição da posição original do corpo.



Fonte: FERNANDES, 2002.

Os Aratus foram cronologicamente inseridos em um período entre 1.000-1.500 BP para os sítios da Bahia, inserindo-os no cenário de ceramistas de ocupações mais recentes. Seus registros nos sítios da região da Bahia e Sergipe o situam em camadas anteriores às dos Tupinambás, acreditando que, em algumas regiões, eles foram expulsos pela chegada dos Tupis, migrando então para áreas mais no interior.

Dentre as diversas características bem marcantes dos Aratus, estão as suas cerâmicas roletadas, sem decorações e com superfícies alisadas (MARTIN, 2008). No aspecto funerário, suas urnas são únicas e de forte representação dentro da arqueologia das práticas funerárias.

Figura 5 – Urna Aratu identificadas no interior da Bahia. Sítio Marcolino – Rio das Contas.



Fonte: Etchevarne e Fernandes (2011).

Os Tupinambás, grupo ceramista de família linguística Tupi, viveram segundo o mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú de 1944 (IBGE, 1981) em duas regiões da costa brasileira. Por volta do século XVI, os do Nordeste estavam entre as margens direita do rio São Francisco e o recôncavo baiano, enquanto a segunda, em um trecho no litoral dos atuais estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

André Prous (2006) faz uma importante abordagem em um sentido conceitual sobre a utilização do termo genérico Tupiguarani, que incluiria além dos Tupinambás, outros grupos nativo-brasileiros falantes do mesmo tronco.

Os Tupis e os Guaranis, advindos da família linguística comum, foram os maiores representantes nativos brasileiros para os portugueses e assim, ficaram registrados como povos com línguas aparentadas que praticavam hábitos e crenças semelhantes. Isso foi atribuindo a eles, até meados dos anos 60, com os registros cerâmicos, sobretudo do litoral brasileiro.

Com base no primeiro relatório publicado pelo PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, no final dos anos 60 foram então estabelecidas “[...] sete tradições regionais ceramistas de filiação não Tupiguarani” (PRONAPA, 1969, p. 10), sendo possível para eles ainda, estabelecer esta tradição em três variantes cronológicas.

A aplicação do termo Tupiguarani, sem hífen, foi então estabelecida com base no mesmo relatório, como uma “[...] tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando o termo já ter sido consagrado pela bibliografia e também à informação etno-histórica” (PRONAPA, 1969, p. 10, nota de rodapé). Assim, foram estabelecidas correlações entre as evidências arqueológicas e os falantes das então línguas Tupis e Guaranis, presentes em quase todo litoral brasileiro.

Ainda segundo o Programa, a tradição ceramista Tupiguarani é caracterizada pelo tratamento de superfície com pinturas, decoração corrugado e escovado, presente em toda faixa costeira. O PRONAPA estabeleceu 27 fases arqueológicas como filiações agrupadas em 3 subtradições com base na distribuição espacial e cronológica.

Os sítios ocupam elevações de pouca altura e sua distribuição relaciona-se com aquela de vegetação florestal. O fato das tradições regionais terem se adaptado a outros tipos de zonas ecológicas permitiu, provavelmente, a coexistência das duas tradições, apesar da proximidade geográfica (PRONAPA, 1969, p.18)

As pesquisas realizadas no Programa concentraram-se nos estados da Bahia e Pernambuco, o que torna o quantitativo de publicações de referência para a pesquisa do grupo indígena na região do Nordeste pouco expressiva, sobretudo no aspecto das práticas funerárias.

Martin (2008) aponta que, “embora existam sobre as aldeias Tupiguaranis bastantes informações, são poucas as do Nordeste escavadas amplamente e menos ainda publicações satisfatórias que ultrapassem a categoria de notas prévias” (MARTIN, 2008, p.196).

Os trabalhos de Marcos Albuquerque em Pernambuco proporcionaram um rico conhecimento sobre o grupo na região, sobretudo enfatizado em algumas publicações o contato indo-europeu, refletido através dos vestígios. Um exemplo disso é a pesquisa na área a ser identificada como “feitoria de Itamaracá”, localizado no litoral norte de Pernambuco.

O sítio é caracterizado através da mudança dos vestígios nos níveis arqueológicos, sofrendo influência direta com a nova carga de artefatos, sobretudo peças de uso diário (ALBUQUERQUE, 1982).

Figura 6 – Urna funerária escovada da fase Cabrobó.



Fonte: CALDERÓN (1967) apud LUNA (2006).

Retornando aos apontamentos de Martin (2008), os trabalhos de Albuquerque caracterizaram essas áreas de ocupações em aldeias de maior ou menor porte (32m²-400m). Se pouco se sabe do Nordeste, ao restringir a região ao estado de Sergipe as informações são ainda mais precárias.

Para tais informações, é utilizada a obra de Carvalho (2003) já referida, que, apesar de pouco representativo para a pré-história do Brasil, no que se refere à Arqueologia, é de grande importância para a pré-história de Sergipe, uma vez que, traz informações sobre os grupos nativos do território como os já referidos Aratus.

Um dos pontos importantes na referida obra é a descrição detalhada apresentada pelo autor sobre os Tupinambás no litoral sergipano. “Os Tupinambás que ocupavam o litoral do Estado de Sergipe no século XVI constituía-se em aproximadamente 30 aldeias” (CARVALHO, 2003, p. 124).

Em relação aos sepultamentos, Carvalho (2003) aponta que os enterramentos eram realizados fora das aldeias, mas, em sua área de ocupação, e, a utilização de urnas cerâmicas ocorria de forma constante.

Esses recipientes eram chamados de *igaçabas*, em Tupi, vasos para água, “por possuírem forma similar à dos grandes potes para fermentação de bebidas” (CARVALHO, 2003, p. 128). O padre jesuíta e cronista Fernão Cardim, considerado uma das figuras mais importantes quanto à riqueza dos relatos deixados, descreve em “Do princípio e origem dos Índios”⁴, diversas práticas vivenciadas em seu tempo vivido no Brasil.

Desde o final do século XVI, o padre que viveu e administrou vários cargos na Bahia e ainda relatou sua experiência em contato com grupos nativos. O ponto de interesse nesta pesquisa consta no seu relato sobre as práticas ritualísticas diante do evento da morte, vivenciado pelos grupos do litoral, sobretudo da Bahia. Cardim relata que:

Depois de morto o lavam, e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuia no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de maneira que lhe não chegue terra, e ao pote cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levam de comer, porque dizem que como cansa de bailar, vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com ele metem todas as suas joias e metaras (CADIM, 1939, p. 156).

4 Publicado inicialmente na coleção *Purchas em inglês* em 1625, como um manuscrito de Évora e posteriormente em várias versões. Neste trabalho foi utilizada a fonte do *Compilado de seus escritos*, publicado em 1939, em sua segunda edição pela Companhia Editora Nacional.

Ainda com base nos aspectos funerários, Castro *et al.* (2015) apresenta uma descrição detalhada das técnicas empregadas pelos Tupinambás na deposição de seus mortos e local de enterramento:

Corpo depositado em urna funerária, seguindo-se o sepultamento; O morto é envolto na sua própria rede de dormir, em posição fletida e amarrado para ser depositado em um grande recipiente de argilavagens. O grande vasilhame é coberto com vasilhas usadas para banho. A urna era depositada em cova circular com aproximadamente 1,50m de profundidade, com fogueira e alimento. Tudo é recoberto com o solo retirado durante a abertura da cova. Adultos são enterrados na própria área da habitação e os subadultos do lado de fora (CASTRO *et. al.*, 2015, p. 222).

De maior expressividade quanto à presença das cerâmicas dos depósitos arqueológicos, sabe-se que, os tupiguaranis migravam em busca de novas áreas de assentamento e que em função de artefatos cerâmicos em níveis estratigráficos mais antigos, outros grupos, muitas vezes independentes, já ocupavam as áreas antes de sua chegada.

Esses dados ocorrem em função da presença de evidências cerâmicas abaixo das camadas Tupiguaranis. Ao se tratar da região do Baixo São Francisco, Luna (2006; 2005) aponta com base no registro cerâmico da população, a reafirmação desta teoria. A autora realiza sua pesquisa com base nas características técnicas das peças e fragmentos cerâmicos evidenciados na região de Xingó e constata, através desses artefatos, que a região apresenta um grupo ceramista com desenvolvimento próprio, não estando diretamente ligada às referidas tradições, nem mesmo as camadas mais antigas.

A cerâmica identificada nos sítios da região de Xingó é dotada de características únicas em sua composição geral, mesmo encontrando alguns elementos semelhantes quando comparada a cerâmicas do vale do São Francisco.

Composições de seus antiplásticos, formas, decorações e uso, tornam a cerâmica em sua essência única; portadora inclusive de cronologias anteriores às das tradições mencionadas anteriormente. Esses dados foram levantados por Luna (2005) que afirma que, são perceptíveis semelhanças “[...] em algumas características dos vestígios arqueológicos, como das relações entre elas, em várias das ocupações nos sítios da área de Xingó, comparando-se com outros sítios da região sanfranciscana” (LUNA, 2005, p. 97).

A autora ainda acrescenta que “pelos dados obtidos nas pesquisas, podemos considerar que quase todas as tradições cerâmicas caracterizadas na área do São Francisco estão representadas nos sítios de Xingó” (LUNA, 2005, p. 98).

A autora ainda identifica que, com base na tecnologia, a cerâmica foi identificada nos níveis mais profundos em que ela aparece e indicam que, o desenvolvimento da tecnologia não ocorreu no sítio, houve uma migração, como pode ser visto na seguinte afirmativa:

Pelas cronologias obtidas até o momento, supomos que os grupos instalados na área de Xingó tenham penetrado por algum ponto na região do baixo São Francisco e, seguindo o rio, foram se adaptando às condições ribeirinhas, onde encontraram meios propícios ao seu desenvolvimento. Seriam já conhecedores de técnicas apuradas na fabricação da cerâmica (LUNA, 2005, p. 98).

O que se percebe é que, no ritual de Xingó está associado ao uso da cerâmica, com base no sítio Justino, e a presença da

diversidade, tanto nas formas das peças, quanto na aplicação dentro do contexto das sepulturas.

Não há em Xingó uma afirmativa no que se refere aos padrões de sepultamentos que estão associados a um fator biológico ou social até o momento. E, o uso da cerâmica como urna ou acompanhamento ainda são questões a serem discutidas, bem como a complexa composição ritualística funerária do sítio em geral.

O trabalho de Dantas e Lima (2006) e Luna (2005) apresentam descrições técnicas sobre as cerâmicas empregadas nos rituais, enquanto o primeiro busca um entendimento sobre a função adotada pelos vasilhames através das marcas de uso refletidas nas queimas, a segunda, apresenta tecnicamente as peças em busca de um perfil da cerâmica em questão.

Quanto aos aspectos bioantropológicos dos rituais, os corpos foram depositados semi ou totalmente estendidos com cerâmicas sobre uma ou mais regiões, sentados (crianças) ou mesmo em processos secundários.

Em Justino não há uma afirmativa quanto a um padrão de enterramento da população ceramista, este é um fato. A população que utilizou o espaço por mais de 30 metros de extensão e 3 de profundidade, depositava seus mortos dentro e fora das áreas delimitadas como habitações, tendo cerâmicas empregadas em adultos e crianças de sexos masculino e feminino, com uma variedade de adornos notável.

A aplicação da cerâmica como componente dos rituais é notória em diversos grupos espalhados pelo nordeste brasileiro, associados ou não, a uma das maiores tradições.

O uso da cerâmica dentro dos rituais funerários é notório, pois, sua aplicação é vista em diversos sítios arqueológicos do território brasileiro. A compilação e direcionamento para as

tradições Aratu, Tupiguarani e a independente de Xingó se deu como uma escolha estratégica para corroborar com as discussões em geral tratadas na investigação.

Todavia, foi elaborado um quadro com alguns sítios arqueológicos dentro da região do Nordeste que apresentam cerâmicas como elementos funerários. O Quadro 1 é composto por informações referentes aos Estados da Bahia, Sergipe, Ceará e Piauí, representados pelos seus respectivos sítios e com a descrição das práticas associadas a cada sítio e para alguns, as cronologias determinadas.

Quadro 1 – Sítios Arqueológicos com recipientes cerâmicos empregados nos rituais.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	PRÁTICA DE ENTERRAMENTO COM RECIPIENTES CERÂMICOS	BIBLIOGRAFIAS DE REFERÊNCIAS
<i>Cana Brava – Jurema/PI</i>	Deposições de indivíduos não adultos diretamente em urnas	790+/-50 BP (Beta-106389) CASTRO, 1999
<i>Toca da Baixa do Caboclo – Capitão Gervásio de Oliveira/PI</i>	Deposições diretas em urnas de adultos e não adultos	450+/-40 BP (Beta 113114) PESSIS et. al. (2014); LEITE (2016); GUIDON et. al. 1998
<i>Justino – Canindé do São Francisco/SE</i>	Inumações primárias com recipientes cerâmicos depositados e alguns secundários em urnas. Enterramentos de adultos e não adultos.	SILVA e CARVALHO (2013); CARVALHO (2007); VERGNE (2004)
<i>Serra do Evaristo I – Baturité/CE</i>	Deposições diretas em urnas de adultos e não adultos	750+/-40 BP CASTRO <i>et al</i> (2015)
<i>Pio Moura – São Félix do Coribe/BA</i>	Deposições diretas em urnas piriformes associados às práticas dos Aratus	FERNANDES (2002)
<i>Praça da Vila Piragiba – Muquem do São Francisco/BA</i>	Deposições diretas em urnas piriformes associados às práticas dos Aratus	ETCHEVARNE FERNANDES (2011)

Os grupos nativos-brasileiro revelam práticas ritualísticas variadas, associando seus enterramentos a conjuntos funerários ou não. No caso dos ceramistas, há uma maior recorrência de indivíduos identificados em áreas consideradas como cemitérios, dentro ou fora das áreas de habitação, uma vez que, esses grupos passam a estabelecer moradias por longos períodos.

As práticas então apresentam um conjunto ritual mais rico, ao se tratar o quantitativo de artefatos e o nível de aperfeiçoamento de diversas técnicas. Não são apenas as peças e vasilhames cerâmicos que passam a fazer parte dos conjuntos funerários; os rituais são compostos por diversos adornos feitos com as matérias prima que dispunham em suas regiões e atrelado ao período que ocuparam.

Essas áreas que compõem os depósitos funerários são dotadas de simbolismos que marcam cada grupo, e, contribuem de forma significativa para a compreensão dos povos que ali habitaram.

FORMAÇÃO DAS ÁREAS ARQUEOLÓGICAS FUNERÁRIAS

A descoberta e registro dos sítios arqueológicos, que, abrigam os conjuntos materiais, consistem, para Renfrew e Bahn (1993) em uma das mais importantes tarefas desempenhadas pelo arqueólogo.

As evidências que conduzem a percepção das áreas enquanto sítios são identificados em superfícies ou sob o solo, sejam materiais, ou através da análise de elementos variáveis encontradas no espaço em que está inserido.

A primeira etapa deste processo de formação do sítio arqueológico é iniciada através da interação entre os artefatos e seres vivos em um sistema fechado, ordenado e dinâmico.

Nesse sentido, encerrando com o seu abandono/descarte inicia a etapa seguinte; o pós-deposicional, onde os processos transformativos sofridos pelos objetos ocorrem em função de ação proferida pelo meio ambiente, tentando estabelecer um equilíbrio entre eles (NOELLI, VIANA e MOURA, 2009).

Com base nas abordagens Yamazaki (2011), a Arqueologia Ambiental busca entender o homem e o meio que habitava com ênfase nessa relação de troca, uma vez que, esse envolvimento resulta no reflexo direto desse processo de adaptação do homem. Se ele habitou um lugar de moradia temporária ou permanente é porque o meio ambiente o oferecia tais possibilidades.

A adaptação do homem ao meio depende de uma sequência de fatores inter-relacionados e interdependentes, possibilitando o acesso a recursos necessários para sua sobrevivência. A compreensão do entorno ocorre através da inter-relação homem/meio e a influência de um sobre o outro (SCHELL-YBERT, 1999).

A análise de áreas propícias ou não para o estabelecimento de grupos consiste na observação de aspectos geográficos, geológicos e ambientais, confirmadas a partir do diagnóstico desses meios, através do uso de recursos variáveis conforme configuração do próprio sítio.

É importante entender a estrutura dos sítios arqueológicos enquanto habitação ou outra função empregada, sendo assim, um auxílio para a compreensão do próprio vestígio encontrado, pois, neste segmento da pesquisa, não basta apenas entender as evidências como fonte de alimento, matéria-prima ou recurso por si só, mas, como elemento que foram captados, utilizados, apropriados, transformados.

Logo, serão descartados; permitindo assim, uma visão muito além do individual, mas sobre todo o comportamento social que os envolvem (RENFREW e BAHN, 1993).

Tomando como foco o vestígio arqueológico e o seu desempenho dentro dos espaços em que foram depositados ou abandonados, sabe-se que, este comportamento vai depender basicamente de dois fatores principais: as características do espaço em que foram evidenciados e as matérias que foram utilizadas em suas confecções.

Alguns agentes (abióticos, bióticos e antrópicos) são responsáveis por alterações dos locais originais onde os vestígios são depositados ou mesmo sua integridade. Os fatores abióticos estão relacionados com o ambiente onde ocorreu a deposição do objeto (ação de luz solar, o pH do solo, impregnação e deposição de elementos inorgânicos). Os bióticos relacionam-se com as perturbações e alterações provocadas por organismos vivos (ação da flora, ação da fauna necrófaga) (CODINHA, FERREIRA e CUNHA, 2003), enquanto as alterações antrópicas seriam promovidas através das ações humanas (novas deposições, ações agrícolas, ações de natureza da engenharia civil).

Dentre os vestígios arqueológicos depositados nos sítios, Yamazaki (2011) faz uma classificação geral subdividindo-os em dois grupos, orgânico e inorgânico, sendo os primeiros menos representativos, mas, com maior riqueza de informações. O rápido processo de decomposição desses vestígios condiciona a pesquisa a buscar novos meios de análise com maior precisão e que promovem uma interdisciplinaridade com as Ciências Exatas e da Saúde.

Com isso, o micro-organismo acaba ganhando voz dentro das pesquisas arqueológicas, onde fragmentos de utensílios cerâmicos, restos alimentares ou mesmo dentes, fornecem ele-

mentos para o estudo de paleonutrição e paleoambiental em geral, criando hipóteses sobre o comportamento alimentar e a interação com o espaço em que habitavam.

Diante disso, o vestígio passa a fazer parte daquele ambiente, seja por descarte ou com intencionalidade, como, por exemplo, o caso dos enxovais funerários. Esses elementos (vestígio x meio) passam a fazer parte do meio iniciando assim, um processo de equilíbrio entre eles. Como resultado, o mais comum é ocorrer a ausência do vestígio, sendo identificado em alguns casos apenas por impressões negativas no sedimento⁵, ou mesmo a sua presença, mas sob processos de transformações.

Renfrew e Bahr (1993) apontam os mais variados ambientes propícios para a preservação do vestígio arqueológico, sempre conforme sua matéria prima. Além desse ponto, os estudos apontam que grandes acidentes geográficos ou ambientes extremos podem preservar esses materiais com mais integridade.

Tendo como base o vestígio físico ou a as ações imateriais que envolvem o modo de ocupação do sítio, o papel que a Arqueologia cumpre dentro de uma pesquisa transcende teorias ou divisões; ela busca compreender a arqueologia de uma forma verdadeiramente socioambiental.

ÁREAS SEPULCRAIS

Em contraste com o que era pensado no século passado, o *Homo neanderthalensis* já tinha preocupações culturais com seus mortos. As sepulturas mais antigas são atribuídas aos fós-

5 Por marca negativa entende-se quando no sedimento foi preservada a forma do objeto, mas seu material constituinte já se decompôs.

seis humanos identificados nas cidades de Israel, Skhul e Qafzeh com datações atribuídas a restos ósseos de 100.000 e 92.000 AP respectivamente, observados através do modo de organização dos corpos.

Os estudos nas duas áreas são promovidos desde a década de 30 do século passado e foram identificados 10 indivíduos além de ossos isolados em Skhul e 25 para Qafzeh, cujos ossos estavam ligados à cultura Musteriense (LEWIN e FOLEY, 2004; BROWN, 2002). Alguns outros exemplos ocorrem como na França, os casos como l'Abri de la Ferrassie (Dordogne); *Chapelle-aux-Saints* (45.000-35.000 AP), ou na Itália no Monte Circeo (35.000 AP). Torres (1997) aponta que, mesmo com as evidências de sepultamentos os números são pouco expressivos, e com grandes lacunas temporais sem quaisquer evidências.

Esse questionamento feito pela autora ainda não pode ser respondido, porém, podemos levantar diversas possibilidades: a não preservação de material, não foi evidenciada tais achados, as práticas funerárias e os espaços e modelos sepulcrais podem estar representados de forma totalmente diferenciada daquilo que buscamos ou conhecemos.

O que se sabe é que, desde as primeiras evidências até os dias atuais, o ato de enterrar os seus mortos revela aspectos do morto e dos vivos, e, transcorrendo o tempo, apresentam diversas mudanças.

As áreas escolhidas para depositar os mortos seguem transformações influenciadas por fatores sociais, políticos, econômicos, religiosos e até mesmo de saúde.

Segundo Reis (1991), com base em diversos autores, apontam as mudanças ocorridas entre a Idade Média e meados do século XVIII no ocidente católico, e, de forma particular na França, demonstrando uma maior aproximação entre vivos e mortos.

“Parentes, amigos, irmãos de confrarias e vizinhos acompanhavam no quarto dos moribundos seus últimos momentos e, a partir do século V, os enterravam nas igrejas que frequentavam ou em cemitérios contíguos absolutamente integrados à vida da comunidade” (REIS, 1991, p. 73). Já no próprio século XVIII as visões de proximidade começam a serem transformadas quando médicos recomendavam o distanciamento por questões de saúde pública.

Intimamente ligado ao momento do Iluminismo, este pensamento racional de distanciamento entre vivos e mortos estava fundamentado na doutrina dos miasmas⁶, que, com base na ciência no século XVIII, baseava-se na crença de que as “matérias orgânicas em decomposição, especialmente de origem animal, sob a influência de elementos atmosféricos – temperatura, umidade, direção dos ventos – formavam vapores ou miasmas daninhos à saúde, infectando o ar que se respirava” (REIS, 1991, p. 75).

Esses restos humanos decompostos então contaminariam o solo e ar deixando os vivos doentes. Sustentando-se nesta doutrina, médicos sanitaristas agiam de forma mais intensa tomando por base sobretudo os riscos já descobertos. Tomando como exemplo a cidade de Paris, foi após a ordem régia de 1776 que o governo agiu com vigor para combater os “vapores mefíticos”, estabelecendo nesta ordem, os critérios para a transferência dos enterramentos para áreas fora dos centros urbanos.

6 A teoria miasmática se baseia no princípio de que o contágio das doenças acontecia através da inalação de miasmas, ou seja, o ar fétido proveniente de matéria orgânica em putrefação carregaria consigo partículas danosas à saúde, e ao ser inalado pelas pessoas, ficariam doentes (JORGE, K. C. A modificação da vida urbana da cidade de São Paulo no século XIX a partir das ações sanitárias – A construção de cemitérios e a prática de sepultamentos. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – Associação Nacional de História, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Karina%20Camarneiro%20Jorge.pdf>. Acesso 09 de junho de 2016.

As áreas conceitualmente chamadas de cemitério, "*coemite-rium*", de origem grega que dava a ideia de "pôr a fazer" ou "fazer deitar" (REZENDE, 2007), são destinadas para depósito de restos, "áreas de descarte". Aos cemitérios humanos, também são atribuídas nomenclaturas como campo santo, áreas sepulcrais, onde são depositados os mortos de nossa espécie como uma moradia final.

Considerando o cenário brasileiro, é no século XIX que essas áreas próprias para sepultamento são criadas, em meados da década de 30 após fortes movimentos estabelecidos por também sanitaristas.

Essas construções seriam distantes dos centros urbanos, e, conseqüentemente, das igrejas. A aceitação desta prática não ocorreu de forma amistosa, pois, tiveram diversos conflitos travados dentro e fora do território nacional, uma vez que, o que se propunha com uma mudança física dos locais de sepultura envolviam fatores simbólicos, sobretudo religiosos, além dos interesses financeiros que moviam o "comércio do pós morte" (REIS, 1991).

Dentre os protestos realizados no Brasil, o movimento com maior notoriedade ficou conhecido como "Cemiterada", movimento ocorrido em 1836, marcado pela força popular, em conjunto com irmandades religiosas sendo uma oposição direta ao abandono da prática dos enterramentos em igrejas ou nas proximidades urbanas.

Reis (1991) destaca diversos fatores que devem ser considerados além da ligação religiosa e da necessidade de ser enterrado em um solo considerado sagrado. Os líderes de igreja, párocos, obtinham uma lucratividade com os enterramentos, essas ações foram inclusive o que possibilitaram as construções de diversas igrejas (MAGALHÃES, 2014).

As construções dos cemitérios também obtiveram um interesse comercial. Essas concessões eram concedidas a pessoas particulares que obtinham lucratividade e, retiravam também o poder das igrejas em estabelecer os locais em que cada cidadão teria direito de ser enterrado (REIS, 1991).

De uma forma geral, ao se pensar nesta mudança comportamental da sociedade brasileira em meados do século XIX, o que se percebe é um resultado da submissão às práticas religiosas estabelecidas no Brasil após a ocupação europeia.

São repetidas práticas culturais com muitas vezes um século de distância entre esses dois universos (Brasil-Europa), entendendo este novo comportamento como a identidade desta sociedade mista formada após 1500.

As práticas ligadas ao momento da morte acabam sofrendo transformações na verdade compatíveis com demais mudanças culturais enfrentadas pelo país. Três séculos após a ocupação do então Novo Mundo, as práticas de enterrar seus mortos de forma europeizada são verdadeiramente a identidade desses povos.

Nesse sentido, a prática nativo-brasileira permanece associada às áreas de remanescentes indígenas, que estas por sua vez, sofreram influências diretas vistas nas provas materiais encontradas em sepultamentos após o contato com o colonizador.

A compreensão desses espaços enquanto locais de deposições dos seus entes queridos nos remetem aos comportamentos adotados pelos agrupamentos humanos de uma forma em geral. Os registros pré-coloniais revelam espaços configurados como áreas sepulcrais. O cuidado com a escolha do local, os gestos perceptíveis nas organizações de seus mortos, revelam parte dessa percepção dos agrupamentos sobre a morte e, as relações estabelecidas enquanto vivos.

A escolha dos tipos de acompanhamentos funerários, sobretudo os adornos, revelam um cuidado e, em muitos casos, particularidades do indivíduo, tornando-os únicos no espaço do cemitério. Os sítios arqueológicos considerados como cemitérios são de um modo geral aqueles identificados com sepultamentos humanos, organizados de forma isolada ou concentrados (TORRES, 1997), de um modo que caracterizem as intencionalidades humanas para tal ato e serão tratados de forma detalhada no capítulo seguinte.

SÍTIOS CEMITÉRIOS

Considerando o contexto pré-colonial enquanto marcador temporal, e, a atual região nordestina brasileira, como espacial, foram levantados dados sobre os principais sítios cemitérios identificados nesta região, sendo apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Principais sítios arqueológicos identificados no Nordeste do Brasil, e suas caracterizações quanto ao período de ocupação e grupos associados.

SÍTIO	LOCALIZAÇÃO	COORDENADAS UTM	TIPO DE SÍTIOS	DATAÇÕES	PERÍODO DE ESCAVAÇÃO
<i>Gruta do Padre</i>	Petrolândia/PE	569603E 8998941N	Abrigo	2.000-1.000 BP Associado aos esqueletos	Início 1930 Depois 1960
<i>Furna do Estrago</i>	Brejo Madre de Deus/PE	787610E 9098454N	Abrigo	2.000-1.000 BP Associado aos esqueletos	1982, 83, 87, 1994, 96
<i>Pedra do Alexandre</i>	Carnaúba dos Dantas/RN	774635E 9277159N	Abrigo	9.400-2.620 BP	Anterior 1995
<i>Justino</i>	Canindé do São Francisco/SE	627561E 8938881N	Céu-aberto	8.950-1.280 BP	1989-1994
<i>São José II</i>	Delmiro Gouveia/AL	62070E 8945440N	Céu-aberto	4.140-3.500 BP	1993-1994

Fonte: MARTIN, 2008, 1994; CASTRO, 2009; MARTIN e ROCHA, 1990.

As diversas publicações que envolvem o conjunto de sítios (MARTIN, 2008, 1994; CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2004; TORRES, 1997) ou as encontradas individualmente⁷ permitiram uma caracterização dos espaços reservados à acomodação dos mortos em mais variados períodos de ocupação no contexto pré-colonial, com propriedades e elementos associados diferenciados.

As caracterizações e especificações dos sítios já foram descritos de forma muito completa no trabalho de Castro (2009), optando então, para este trabalho, uma abordagem simplificada objetivando apresentar os modelos de espaços sepulcrais identificados para o contexto Nordeste, ponderando alguns pontos específicos que couberam na pesquisa desenvolvida. Na Figura 7, mapa com representação geográfica dos sítios arqueológicos.

Figura 7 - Mapa da região Nordeste do Brasil demarcando as localizações dos sítios-cemitérios.

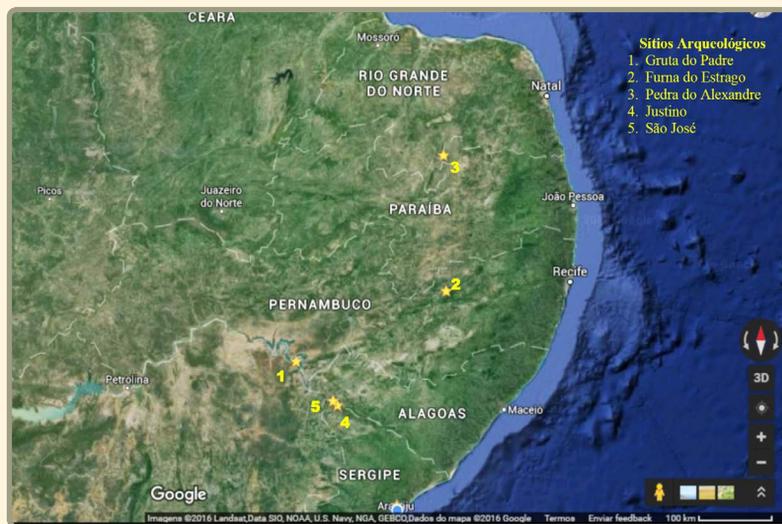


Imagem: Google Earth em 19/06/2016.

7 Utilizar Castro (2009), entre as páginas 102-130 para consultas específicas.

Identificados sob formas diferenciadas de sítios (abrigo, céu aberto), temporalidade, tipos de acompanhamentos ou de inumações, os sítios podem ser considerados como base para a caracterização do que vem a ser um espaço sepulcral para o contexto proposto, e, qual a importância significativa dentro tanto do cenário Bioarqueológico quanto da Arqueologia em geral.

Os cinco sítios utilizados como referência cumprem o papel de maior representação dos espaços cemiteriais identificados em contexto arqueológico para o Nordeste. Serão apontadas algumas especificações técnicas no que se refere aos sítios, e, os elementos associados.

- a. **Gruta do Padre** – com pesquisas iniciadas na década de 30 do século XX, o sítio foi escavado inicialmente pelo etnólogo Carlos Estevão e continuado por mais duas campanhas, uma nos anos 60 por Valentin Calderón e, a partir dos anos 80 dentro do Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, no vale médio do São Francisco, como medida preventiva nas áreas que foram impactadas com a construção da Usina Hidroelétrica de Itaparica (MARTIN e ROCHA, 1990). A pequena caverna de 41 m² aproximados foi caracterizada como uma área utilizada para depósito final de restos cremados, sendo em alguns pontos da estratigrafia identificados mais de um metro de cinza. Pela configuração dos achados, as pesquisas revelaram que os corpos eram cremados em outro local e, posteriormente depositados no interior da caverna (MARTIN, 2008; 1994; MARTIN e ROCHA, 1990). Dentre os restos também foram identificados pingentes e contas de colocar feitos de ossos e conchas, percebendo então um cuidado promovido com os mortos e a intencionalidade em promover o sepultamento;

b. **Furna do Estrago** – sítio escavado pela arqueóloga Jeanette Lima no início dos anos 80 e seguiram até os anos 90 por meio de pequenas campanhas arqueológicas. O abrigo sob rocha granítica foi caracterizado como composto por quatro ocupações, sendo nas duas mais recentes as deposições dos esqueletos. O sítio é caracterizado por um vasto conjunto de acompanhamentos funerários e apresenta, em alguns casos, um elevado grau de conservação do material biológico, com presença de cabelo em enterramento. Na primeira fase, classificada como intermediária, os enterramentos eram unicamente identificados de forma primária, na fase recente foram identificadas cremações. Dentre os materiais encontrados temos a realidade de fibras identificadas nos locais das sepulturas, como envoltório, e, contas e pingentes feitos em pedras, ossos, conchas, sementes e dentes de animal. Além desses artefatos, há a evidência de um instrumento de sopro feito com uma tibia humana e um cinto de fibras identificado com um esqueleto masculino (CASTRO, 2009; MARTIN, 2008, 1994; MELLO e ALVIM, 1991).

c. **Pedra do Alexandre** – abrigo sob rocha que revelou as datações mais antigas para o contexto de sítio-cemitério, diante do universo estudado para a região em questão. Foram realizadas 14 campanhas que revelaram um longo período de ocupação para o sítio e sua funcionalidade tanto como cemitério, quanto para acampamento. Foram identificados sepultamentos de caráter primário e secundário, com datações promovidas em amostras de carvão e associadas aos enterramentos entre 9.400 BP – 2.620 BP. A datação mais antiga refere-se ao esqueleto secundário de uma criança. Dentro do contexto das áreas sepulcrais,

foram identificadas fogueiras associadas e o uso de ocre, além do uso de pedra na superfície da sepultura. Em relação aos adornos, foram identificadas contas feitas em ossos e um instrumento de sopro caracterizado como apito (CASTRO, 2009; MARTIN, 2008, 1994; CISNEIROS, 2004).

d. **Justino** – sítio a céu aberto classificado pela equipe do Projeto Arqueológico de Xingó – PAX enquanto sítio habitação-cemitério, em função dos diversos tipos de artefatos distribuídos em aproximadamente 6 metros de profundidade escavada e mais de 200 esqueletos evidenciados de forma organizada em vários níveis do sítio e com uma quantidade significativa de acompanhamentos. Localizado e escavado pela equipe do PAX nos anos 90, o Justino tornou-se a maior referência para a Arqueologia de Sergipe, ao final de mais de 4 anos de escavação (com interrupção). O trabalho efetivo de escavação no Justino foi conduzido em uma área de 23,0 x 55,0 metros, através de quadrículas de 5x5 m, com subdivisão de 1x1, plotados em um plano cartesiano que foi delimitado pela equipe de pesquisa em uma área de 1.532,50 m². Foram identificadas 164 sepulturas compondo 185 esqueletos, estes formados por adultos, não adultos, ambos sexos acompanhados de artefatos líticos, cerâmicos, elementos faunísticos e uma variedade de miçangas e outros adornos. O Justino já foi trabalhado em seu aspecto cemiterial na tese de Vergne (2004), coordenadora da pesquisa na região e que abordou os rituais de sepultamento e Carvalho (2007) que teve como base traçar o perfil bioantropológico de toda população enterrada apontando variações de ordem patológica e natural.

e. **São José II** – identificado e escavado dentro do Projeto Arqueológico de Xingó, em conjunto com diversos outros sítios da região, o sítio São José II apresentou elementos que o caracterizaram como uma área ocupada enquanto cemitério e habitação. Um sítio em terraço fluvial, que apresentou em suas primeiras camadas diversos tipos de materiais (lítico, cerâmica, fogueiras e restos faunísticos) e foi classificado como sendo formado por 5 pisos de ocupação, sendo que os esqueletos humanos apareceram após a profundidade de 3,10 m. No que se refere aos acompanhamentos, o São José II é o único em que não foram identificados quaisquer indicativos de uso tanto como envoltórios quanto como adornos de acompanhamento, com exceção de conchas posicionadas sobre três sepulturas, mas, sem qualquer alteração antrópica (CASTRO, 2009; CARVALHO, 2007; VERGNE e CARVALHO, 2001).

A apresentação dos sítios cumpre então o papel de estabelecer uma ligação entre as configurações dos espaços sepulcrais que, são levados ao conhecimento ao longo da história, e, aqueles que foram formados em um momento pré-colonial no Nordeste do Brasil. Tendo como objetos de estudo materiais osteológicos provenientes de um dos sítios-cemitério referidos, este tópico visa apenas apresentar a recorrência desses tipos de sítios, sobretudo com a presença de adornos, que diferenciam e particularizam as sepulturas.

A leitura desses espaços funerários será promovida com base na Arqueotematologia, conforme mencionado, que visa compreender quais os elementos particulares que podem determinar a organização diferenciada das sepulturas, sobretudo, no caso de acompanhamentos, principalmente os tipos de ador-

nos, que são incomuns para uma região ou um determinado período de tempo, como as contas europeias em sítios indígenas.

DECOMPOSIÇÃO CADAVERICA

De um modo geral, o corpo humano após sua morte transcorre diversos estágios até chegar (ou não) na esqueletização. Silva e Calvo (2007), apontam um quadro geral sobre os aspectos de decomposição dos corpos, associados ao seu tempo de morte.

Com base em Silva e Calvo (op. cit.), descrevem 4 fases de decomposição: 1 – descoloração e inchaço; 2 – distensão gasosa das vísceras, dos tecidos e órgãos, 3 – rompimento da pele e desintegração dos tecidos moles e 4 – esqueletização, sendo essa última fase já iniciada após a 4ª semana após o óbito.

O processo de decomposição é promovido por “fenômenos transformativos destrutivos ou conservativos do corpo humano” (SILVA e CALVO, 2007, p. 470), sendo esses divididos em outras etapas que dependem tanto da causa morte, como de fatores particulares do indivíduo ou do meio em que foi depositado.

Com base em Bandarra e Sequeira (1999), os fenômenos abióticos são aqueles, como o próprio nome diz que ocorrem sem a interferência de agentes biológicos, enquanto nos transformativos há uma interferência em grande proporção.

Ao dividir a análise dos fenômenos transformativos o que temos são as subdivisões, entre os destrutivos e conservadores.

Fenômenos Transformativos Destrutivos são classificados enquanto aqueles que são responsáveis pela completa destruição do cadáver, o que resulta em sua esqueletização. Esses fenômenos podem ser observados através da autólise e da putrefação.

A morte somática de um organismo vivo não significa a morte simultânea de todas as suas células e tecidos; desta forma, o tempo necessário para que uma célula ou tecido morra é variável, dependendo das suas necessidades metabólicas (BANDARRA e SEQUEIRA, 1999, p. 72).

A autólise envolve a ação de bactérias sob a ação de enzimas autolíticas (intracelulares), elas destroem as células através de um processo químico asséptico e pode gerar o rompimento da membrana celular e a desintegração dos tecidos orgânicos, em geral, prévio estágio da putrefação (NEVES *et al.*, 2012; SILVA e CALVO, 2007).

Identificada pela ação de microorganismos que, ao penetrarem após o óbito, não possuem mais a defesa do organismo para destruí-los, como acontece em vida. A putrefação consiste na propagação desses microrganismos, que encontram a corrente sanguínea como um canal rápido de proliferação, e provocam a decomposição de órgãos e tecidos, “essa atividade bacteriana é responsável pela produção de gases que provocam aumento generalizado do volume do corpo [...]” (NEVES *et al.*, 2012, p. 32). Ainda com base em Neves *et al.*, (2012), em meio ao processo de decomposição, há o aumento da pressão abdominal, em função dos gases, o que provoca a expulsão de líquidos por todas as cavidades.

Os Fenômenos Transformativos Conservadores são, de um modo geral, aqueles que consistem na manutenção das características gerais do corpo, apesar das alterações transformativas, e, dependem de condições ambientais particulares. A saponificação ou adipocera consiste na transformação do corpo em uma “substância de consistência untuosa, mole e quebradiça, de tonalidade amarelo escuro, com aparência de cera ou sabão” (BANDARRA e SEQUEIRA, 1999, p. 75). Ela ocorre geralmente em corpos que são depositados no meio diretamente líquido ou ambientes com hu-

midade, mas, esta não é uma condição, apenas um favorecimento, uma vez que, a água existente no próprio organismo pode ser suficiente em algumas situações (NEVES *et al.*, 2012).

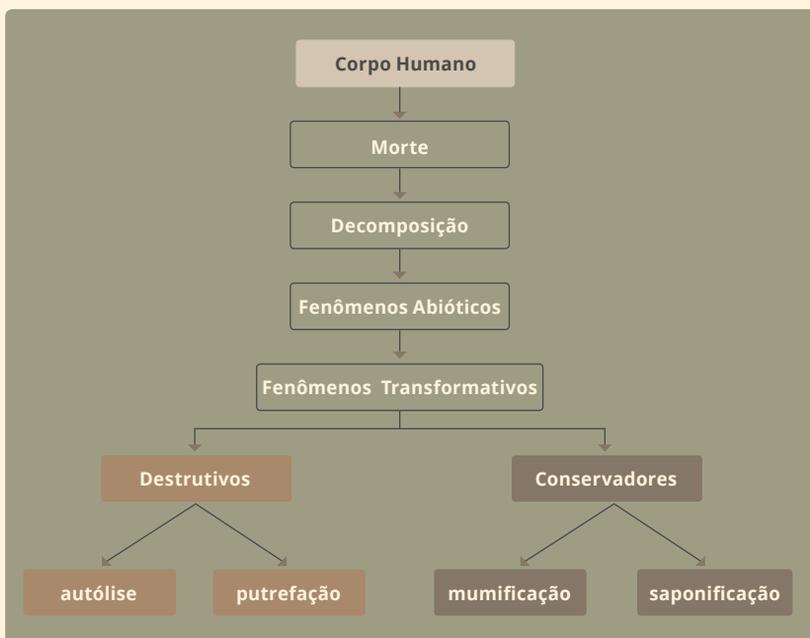
A mumificação consiste no processo contrário à saponificação, é quando ocorre a desidratação, sendo necessárias condições especiais que permitam essa perda de água de forma rápida, antes da ação microbiana que é responsável pela putrefação (NEVES *et al.*, 2012; BANDARRA e SEQUEIRA, 1999), de um modo geral, o corpo é encontrado com uma redução de peso, pele dura, seca e com coloração mais escura (enegrecida), com conservação de partes como unhas e cabelos.

Com isso, não é necessário um corpo sofrer o mesmo processo em sua totalidade, não é incomum, como apontam Silva e Calvo (2007); identificar segmentos corporais que sofrem ações conservativas e outros destrutivos. Para melhor evidenciar a sequência em que o processo de decomposição cadavérica ocorre, é apresentado um fluxograma (Figura 8) com as etapas e características particulares, com base em Neves *et al.*, (2012); Silva e Calvo (2007); Cunha *et al.*, (2007) e Bandarra e Sequeira, (1999).

Agregando informações aos dados já apontados, Silva e Calvo (2007), apontam alguns pontos que devem ser considerados dentro da realidade dos sepultamentos humanos:

- a) fatores intrínsecos ao corpo, como idade, constituição física, índice de obesidade, traços de patologias prévias, tipo ou causa da morte, presença de lesões corporais, evidências de sequelas ou mutilações, medicamentos ingeridos e b) extrínsecos como a ação da temperatura ambiente, alterações climáticas e ambientais, interferências antrópicas, tipos e atuação da fauna e flora circundantes ao corpo e o meio da deposição determinam diferenças na manifestação e duração das fases da decomposição cadavérica e os resultados quando da descoberta do cadáver (SILVA e CALVO, 2007, p. 470-471).

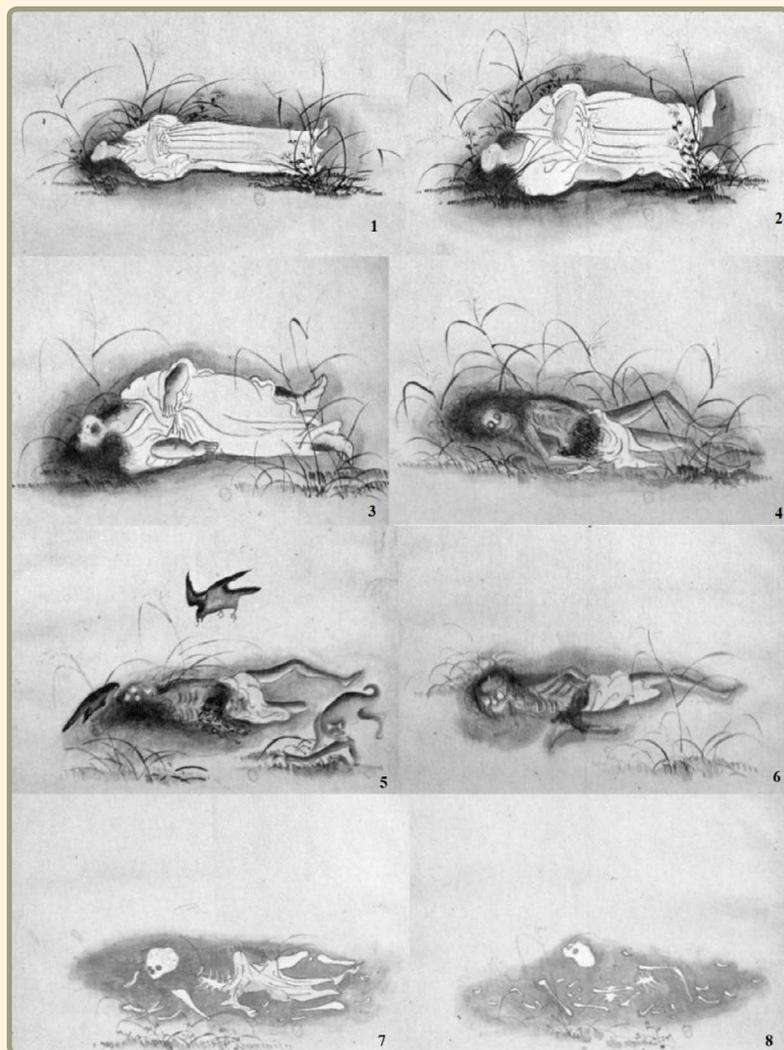
Figura 8 - Fluxograma com etapas detalhadas do processo de decomposição.



O estágio de decomposição provoca como já visto alterações nas características do indivíduo e, com o desaparecimento das “partes moles”, surgem espaços vazios entre as estruturas ósseas, o que possibilita a mobilidade de algumas partes, e, em alguns casos (sepulturas vazias ou com estruturas).

Isso possibilita a completa alteração dos ossos em relação a sua anatomia padrão, além dos casos de depósitos de esqueleto em superfície, sem qualquer que seja sua estrutura de contenção. A Figura 9 é uma representação de Duday (2006) que mostra os estágios de decomposição de um corpo em superfície e os fatores naturais e ambientais que vão interferir diretamente no processo e no modo de organização final do esqueleto, interferindo assim em interpretações no tocante da configuração inicial em que o corpo estava depositado e demais elementos associativos.

Figura 9 – Sequência de decomposição cadavérica com fenômeno transformativo destrutivo.



O corpo depositado em superfície sofre interferências causadas pelo meio e o resultado final (8) são ossos dispersos, sob uma área de enterramento, mas, com poucos elementos que permitam entender o contexto inicial. Fonte: Duday (2006).

INFORMAÇÕES TAFONÔMICAS

O termo Tafonomia, que, derivado do grego poderia ser traduzido de forma literal como as leis do enterramento, foi introduzido no meio científico na década de 40 pelo paleontólogo soviético Iván Antónovitch Efrémov que trazia a proposta de um novo ramo da Paleontologia.

Este se dedicaria ao estudo dos processos de formação dos restos fossilizados, mesmo considerando que os estudos já eram realizados, foi a partir de suas proposições que os aspectos tafonômicos passaram a ser observados de forma sistematizada.

A tafonomia cumpre, dentro do cenário paleontológico, o papel de estudar os restos orgânicos preservados no registro sedimentar. Ela trata das leis que conduzem a morte dos organismos existentes, a biocene, até o momento que passam para a litosfera, onde há o enterramento e posterior processo de fossilização.

(MARTINS-NETO e GALLEGU, 2006). Simões *et al.*, (2004), afirma que, de um modo geral a Tafonomia nasceu em função da necessidade do paleontólogo em entender todo o processo que os organismos transcorrem e os fatores que levaram ao seu estágio de fossilização. Para o autor, a Tafonomia ganhou terreno no âmbito da Geologia e Paleobiologia apesar de ter se desenvolvido independentemente e, na atualidade, ciências como a Arqueologia demonstram interesse (SIMÕES *et al.*, 2004) ao considerar necessária a compreensão desses mesmos fatores transformativos que ocorrem com os vestígios materiais ou remanescentes humanos.

O desenvolvimento dentro do universo arqueológico ocorre na década de 70, na pesquisa norte americano. É no mesmo

cenário 20 anos mais tarde que, são intensificadas as pesquisas e que a tafonomia foi introduzida nos estudos bioarqueológicos. Inserida neste campo de pesquisa, ela cumpre o papel de estudar os restos orgânicos preservados no registro sedimentar e suas transformações após a morte dos organismos existentes.

Para a paleontologia, o processo seguinte ocorre com sua passagem para a litosfera, onde há o enterramento e posterior processo de fossilização. De forma resumida, ela é entendida como um mecanismo que define, descrever e sistematiza a natureza e efeito dos processos que atuam sobre restos orgânicos após a morte (MUÑOZ, 2001; MARTÍNEZ-LÓPEZ, *et al.*, 2009)

Para Rapp Py-Daniel (2015), a definição da tafonomia também está relacionada à problemática que cada pesquisa trata, dentro do contexto dos sepultamentos com esqueletos humanos. São levantadas as alterações que ocorrem no ambiente funerário e material ósseo, uma vez que, tais transformações podem dificultar leituras macro ou microscópicas ou ainda simular lesões patológicas sofridas em um período *antimortem*, sendo assim classificadas como “pseudopatologias” (CAMPILLO e SUPIRÀ, 2004, p. 217).

Tendo como base as afirmações de Lewis (2007), a tafonomia atua sob variados tipos de agentes causadores identificáveis dentro do próprio contexto. Dentre eles, é possível classificar de um modo geral três categorias, causadas por agentes abióticos, bióticos e as resultantes de ações antrópicas.

O primeiro aspecto está relacionado ao ambiente onde ocorreu a inumação do corpo e a ação de luz solar, o pH do solo, impregnação e deposição de elementos inorgânicos.

Os fatores bióticos por sua vez, relacionam-se com as perturbações e alterações provocadas por organismos vivos, como a ação da flora e da fauna necrófaga (CODINHA, FERREIRA e

CUNHA, 2003). O último aspecto, alterações de origem antrópicas, estão ligadas às ações humanas, como ao, por exemplo, o enterramento de novas deposições ou ações agrícolas.

Ainda com base em Lewis (2007), existem vários fatores relacionados ao corpo ou ao espaço que afetam o modo e velocidade de perda de tecidos moles e duros, além de particularidades como sexo, idade, índice de gordura, patologias, pH, umidade e acidez do solo, fauna, temperaturas ou mesmo o nível de profundidade que ocorreu o enterramento (KRENZER, 2006).

A tafonomia inserida em ambientes funerários busca então compreender o conjunto de fenômenos extrínsecos e intrínsecos associados aos processos natural e cultural, que modificam a aparência do material ósseo. Dentro deste cenário, comumente são descritas no registro bioarqueológico as ações biológicas de raízes e da fauna subterrânea como as causas mais frequentes capazes de alterar de forma macro ou micro-áreas de sepultura.

De forma sucinta, o objetivo seria entender o comportamento de todos os eventos que ocorreram dentro do ambiente em que o morto está inserido, rastreando os tipos ações e o momento e sequência que ocorreram.

Levando em consideração que a configuração de um sepultamento é o resultado de uma ação humana intencional, o primeiro papel seria então estabelecer se um esqueleto foi fruto de um sepultamento ou não. A aplicação de métodos específicos dentro do cenário da morte, na Arqueologia, ocorre desde meados da década de 80.

A condução do profissional específico ao contexto em que as sepulturas são identificadas permitiu que as pesquisas sejam ampliadas tanto no sentido biontopológico quanto arqueológico. Uma vez em campo, alterações no material arqueológico são identificados a cada camada, sendo perceptíveis suas interferências diretas sobretudo nos remanescentes ósseos.

Para tal diagnóstico, há uma necessidade de conhecimento específico sobre anatomia humana e comportamento do processo de decomposição dos corpos, além da soma desses fatos aos ambientais. A organização precisa de cada peça óssea permite ao pesquisador identificar se as mudanças ocorreram em função das transformações naturais ou por agentes bioturbadores.

O primeiro ponto a ser analisado consiste na percepção da área da sepultura e possíveis estruturas associadas, uma vez identificadas, a presença ou não de espaços vazios vão fornecer dados quando a posição esperada para cada região anatômica. Um sepultamento enterrado em espaços considerados vazios permite uma reacomodação das partes ósseas, sob o efeito da gravidade, após a perda de tecidos e órgão, a característica dessa mudança ocorrerá em função da sua posição de enterramento.

A presença de artefatos associados ou o compartilhamento de covas também interferem no modo, a velocidade que o processo de decomposição, e, conseqüentemente, em sua configuração. Levantados os dados cabíveis à uma compreensão sobre o enterramento, cabe ao profissional entender os tipos de agentes biológicos que atuam sob o material.

A análise tafonômica em ambientes funerários manifesta-se em geral de forma variada. A preservação e a própria leitura a ser realizada depende do tipo de direcionamento da pesquisa. A identificação de que uma estrutura foi alterada em geral é utilizada pelo princípio da similaridade.

Dentro do cenário da arqueologia, onde as evidências contam suas histórias pela sua própria existência, a similaridade entre o elemento atual e o passado é que permite que sejam identificados padrões, partindo assim, a partir deste princípio para entender o que se esperava que fosse ao passado.

Ao tratar do elemento esquelético humano, o *homo sapiens* mantém a mesma estrutura, tudo que for diferente do “comum” é identificado e a partir do “diferente” lançado as proposições, inferências e analogias do que provocou tais alterações (DUDAY *et. al.*, 2014; DUDAY, 2009; 2006; MARTÍNEZ-LÓPEZ, 2009; MACHADO, 2000; GIFFORD, 1981).

Figura 10 - Imagem de raiz ocupando o local do osso (falange), é um clássico caso de agente bioturbador, o que provoca alterações tafonômicas.



Fonte: IPHAN, 2017.

A tafonomia, bem como outros, surgem em áreas variadas e são apropriadas pela pesquisa arqueológica, adaptado a sua realidade e configurando ao seu próprio modo. Mesmo considerando que, o objetivo de sua aplicação esteja em rastrear as alterações que ocorrem nos ambientes funerários, como no caso de sua inserção na bioarqueologia, o mais importante está em entender o comportamento humano e do ambiente em que estavam inseridos.

Assim, percebendo a dinâmica na relação homem/meio, e, agregando ao comportamento cultural adotado por cada grupo, uma compreensão geral sobre uma sociedade, passível de mudança, mesmo que depois de sua morte. A imagem 10 é utilizada como exemplo para apresentar as alterações que os agentes bioturbadores podem provocar no material osteológico, levando a uma alteração tafonômica.



2 OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO E O CONTATO NATIVO-EUROPEU

O NOVO MUNDO NO OLHAR DO COLONIZADOR

As primeiras notícias sobre o descobrimento das novas terras do que veio a ser chamado Brasil, foram publicadas no território europeu em 1505 e 1507 em cidades italianas como Roma, Milão e Vicência. Com base em Souza (1964), a informação chegada inicialmente na Itália era compreensível uma vez que, os italianos, ou, mais precisamente os venezianos, detinham o monopólio no comércio das especiarias e drogas advindas do Oriente; possuindo vários entrepostos em algumas regiões e, estavam ansiosos por notícias relativas aos acontecimentos com as armadas que Portugal enviava à Índia com o objetivo de então conquistar tal monopólio.

O que motivou o expansionismo marítimo era essa possibilidade de domínio e poder, quer seja pela supremacia relativa ao comércio de produtos tão desejados, como as especiarias, que possibilitaram mudanças de sabor e preservação de alimentos, ou a conquista de novos territórios e as possibilidades de áreas novas para exploração.

O descobrimento do Brasil é um termo bastante questionado. A abordagem adequada está em afirmar que, em verdade é o descobrimento sob a ótica europeia (NOVAES E REIS, 2009), uma vez que, uma população nativa já o habitava com seus próprios modelos de organização, que contrastavam com o olhar do colonizador. França (2009) aborda, utilizando autores como Bonnichon (1994)⁸, que a descoberta na verdade do território americano não se deu unicamente com a chegada dos europeus as novas terras, mas, com o prolongamento que isso ocorreu; demandando as idas e vindas, e as mudanças transcorridas ao longo disso, sobretudo, com a apropriação dos bens naturais, e, a inserção de novos produtos, principalmente com o objetivo comercial.

É dentro dessa ótica que este capítulo é constituído, apontando essa visão europeizada do novo território, enfatizando os aspectos ligados ao evento da morte e o uso de adornos, tomando por base os relatos de cronistas e registros iconográficos fazendo assim, uma apresentação do que se sabe sobre a prática desses grupos, permitindo uma leitura associativa, produzida sob os artefatos arqueológicos advindos dos contextos mortuários.

RELATOS DOS CRONISTAS SOBRE A MORTE

Principal base informativa no que tange ao conhecimento sobre as primeiras ocupações do então território brasileiro, os relatos dos cronistas, conhecida também como literatura informativa, e que dentro do estudo literário é considerado como pertencente ao quinhentismo, fazendo então uma associação ao período da Era Colonial no Brasil que ocorreu entre os anos de 1500 a 1601.

8 BONNICHON, P. Des cannibales aux castors: les découvertes francaises de l'Amérique (1503-1788). Paris: Édition France-Empire, 1994, p. 7-12.

Com base em Olivieri e Villa (1999), apesar desta inserção, ainda não se pode falar em um movimento literário real para o Brasil, uma vez que esses textos denotavam a cosmovisão do homem europeu. O tipo de construção textual é norteado com base na perspectiva do colonizador, Novaes e Reis (2009), observando Thevet e Staden, apontam que para eles

[...] os habitantes da terra descoberta eram seres animais, sem valores cristão, a quem talvez nem mesmo a catequese pudesse converter e salvar, o que, desta perspectiva colonizadora, justificaria os genocídios cometidos pelas missões, tanto religiosas quanto militares, muitas vezes ambas, na mesma investidura colonial (NOVAES e REIS, 2009, p. 33-34).

Já com base no olhar do sacerdote jesuíta português, Manuel da Nobrega (1517-1570), que atuava em favor das almas dos indígenas, ou do missionário francês Léry, o selvagem era um inocente, capaz de aceitar e entender o conhecimento sobre o novo mundo. Em seus relatos Nobrega afirma que

[...] dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Se ouvem tanger a missa, já acodem e quando nos veem fazer, tudo fazem, assentam-se de giolos, batem nos peitos, levantam as mãos ao céu e já um dos principais deles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dois dias soube o A, B, C todo [...] (NOBREGA apud OLIVIERI e VILLA, 1999, p. 58).

É com base nessas primeiras visões que a história do que veio a ser o território brasileiro começa a ser contada. Novaes e Reis (2009) ainda apontam que mesmo que o colonizador tentasse se eximir do preconceito e das visões de barbado e selvagem, não há uma construção da história contada de forma imparcial.

Com base no que é levantado desta bibliografia quinhentista, são apresentados relatos descritivos sobre aos rituais ligados à morte, sobretudo os antropofágicos, e a relação estabelecida entre os indígenas com este evento.

Além disso, o uso de adornos e a relação nativo-colonizador pelos bens comerciais advindos da Europa utilizados como moedas comerciais. Essa construção será feita tomando por base principalmente os relatos de Léry, em sua obra *Viagem à terra do Brasil* e Staden, em *Viagem ao Brasil*, a do também francês Thevet, *Singularidades da França Antártica a que outros chamam de América* e, diversas outras bibliografias construídas a partir do discurso desses e outros colonizadores.

Bem como apontado, a relação entre colonizador e colonizado não pode ser descrita de forma igualitária. Os habitantes do Brasil, com diversidades grupais, e características particulares, foram apresentados ao velho mundo com base nos relatos sob os olhos externos àquela realidade, vivenciados, sobretudo no contato com os primeiros indígenas do litoral.

Os europeus, advindos de diversas partes e com características também particulares, viam o novo mundo de forma diferenciada. Mercenários, Freis, exploradores, construíram um novo mundo sob suas óticas, transcritos em cartas, mapas, fotografias e diversas obras lançadas em que, verdadeiramente, apresentavam essa “terra dos papagaios gigantes” ao mundo (STADEN, 1930; LÉRY, 1961).

Esta dicotomia com base no olhar do colonizador pode ser observada através dos relatos advindos de duas experiências com os Tupinambás. Léry (1961), que foi um pastor, missionário e escritor francês, apresenta uma descrição de um ritual vivenciado entre o grupo. Ele, que via os nativos como inocentes, quase tão puros quanto Adão e Eva no paraíso, demonstrou medo

ao se deparar com as cenas que contrastavam com sua formação cultural e religiosa. Apesar dos elementos que os distanciavam, Léry era capaz de ver e associar muito dos erros por ele julgados quanto ao comportamento dos indígenas justificáveis à ignorância. Mesmo em sua narrativa que demonstra medo sobre o que foi presenciado:

Mas não dormi, porque, além do barulho que os selvagens fizeram a noite toda em meus ouvidos com aquelas danças e assobios, a comerem o prisioneiro, um deles, trazendo nas mãos um dos pés deste, cozido e tostado, aproximou-se de mim e perguntou-me [...] se queria um pedaço; comportamento este que provocou em mim tanto pavor que nem cabe perguntar se perdi toda a vontade de dormir. Pois como eu acreditava que aqueles sinais e aquela exibição de carne humana, que ele devorava, eram uma ameaça, e que ele estivesse dizendo e dando a entender que em breve eu estaria com aquele aspecto [...] (LÉRY, apud OLIVIERI e VILLA, 1999, p. 74-75)

É o próprio autor em seus relatos que deixa claro que, suas percepções não estavam corretas, e que, após diálogo com o intérprete, o gesto inicialmente visto enquanto um aviso era verdadeiramente uma demonstração de felicidade diante de sua presença, e, a oferta da carne era um gesto de lisonjeio.

Abordando o mesmo contexto, os apontamentos e, sobretudo registros iconográficos descritos por Staden, caracterizavam esses povos como bárbaros selvagens, próximo a um comportamento que não os diferia muito de feras. Staden, mercenário alemão que, capturado, viveu por meses entre os índios em 1549, traz uma narrativa em seu papel de vítima, que esteve por meses sendo preparado para ser devorado em meio ao ritual. Staden utilizou de muitos mecanismos e de sua fé para ser

liberto e, retornando ao território europeu, seus relatos impressionaram a Europa e, suas ilustrações que ele mesmo passou a fazer parte, deram formas e alimentaram o imaginário.

Esta abordagem faz perceber o discurso diferenciado, considerando o seu papel dentro desta narrativa. Léry, francês, era aceito dentre os Tupinambás enquanto aliado; um parceiro comercial, e assim, viveu entre os povos durante sua estadia. Por outro lado, Staden, em conjunto com portugueses, foi capturado e tido como prisioneiro, passando por todo o ritual que previa o dia de morte e posterior mutilação e alimentação das partes.

Ainda com base no que foi descrito sobre o consumo de carne humana, Léry descreve esse conjunto de ações enquanto uma prática ritual iniciada com a captura do indivíduo. Após a chegada à aldeia, este ou estes cativos eram incorporados aos grupos quase como uma ruptura do seu papel enquanto inimigo, a eles era dado uma esposa e sua convivência entre o grupo ocorria de forma harmoniosa até o dia do sacrifício.

Antes do dia, são produzidos artefatos especiais como o bastão (*Iwêra Pemme*) e a corda em algodão que chamam de “mussurana”, com a qual o amarram na hora de morrer. Este bastão é enfeitado, adornado e dias antes do sacrifício ocorrem rituais direcionados a ele.

No dia da morte, ocorre um banquete antropofágico, em que há a presença de convidados de outras tribos, e o prisioneiro depois de imobilizado é golpeado com o bastão, antes de

9 A Antropóloga Luso-brasileira, Manuela Carneiro da Cunha chama a atenção para a associação à Muçurana, serpente ofiófaga, que se alimenta de outras cobras, em apresentação no endereço <https://www.youtube.com/watch?time_continue=25&v=qC-peR2L-KoM>. Acesso em março de 2017.

preferir o golpe, há um confronto simbólico no qual a vítima e o agressor proferem mensagens, sobretudo ligados a vingança (STADEN, 1930; LÉRY, 1961).

Figura 11 – Cativo amarrado na preparação do sacrifício com base na descrição de Hans Staden.



Fonte: STADEN, 1930, p.167.

É Léry então quem descreve os gestos seguintes:

Quando a carne do prisioneiro, ou dos prisioneiros, pois às vezes matam dois ou três num só dia, está bem cozida, todos os que assistem ao fúnebre sacrifício se reúnem em torno dos moquéns, contemplando-os com ferozes esgaras; e por maior que seja o número de convidados nenhum dali sai sem o seu pedaço. Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança, salvo no que diz respeito às velhas, como já observei. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção, porém dos miolos, em que não tocam. As caveiras conservam-nas os nossos tupinambás em tulhas nas aldeias, como conservamos nos cemitérios os restos dos finados. E a primeira coisa que fazem quando os franceses os vão visitar é contar-lhes as suas proezas e mostrar-lhes esses troféus descarnados, dizendo que o mesmo farão a todos os seus inimigos. Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para **fazer flautas e pífanos, e os dentes para seus colares [...]**. E se após essa horrível tragédia a mulher concedida ao prisioneiro engravida, os matadores do pai, alegando que o filho procede da semente inimiga, cometem o ato incrível de comê-lo logo ao nascer ou, se lhes apraz melhor, quando já taludinho (LÉRY, 1961, s/n., **grifo nosso**).

Figura 12 – Ilustração de Hans Staden assando um prisioneiro.



Fonte: STADEN, 1930, p. 169.

Esses atos, bem como diversos elementos ligados às práticas culturais dos indígenas passam a ser vistos no velho mundo como comportamentos brutais e inaceitáveis; utilizando assim, dessa justificativa para atos como o genocídio.

Essas narrativas, bem como todas são, denotam o olhar do observador, e, apesar da subjetividade dos relatos, esses

documentos históricos corroboram para a interpretação deste primeiro contato, sobretudo, considerando muito mais as narrativas descritivas que as percepções pessoais sobre os recém-conquistados.

É com base nessas descrições e, ilustrações, que é possível entender boa parte da prática de diversos grupos indígenas.

Ainda tomando por base as ações ligadas à morte, há um outro paralelo apontado no que tange a relação do grupo para com o seu próprio luto. Quando caem doentes, são tratados por chefes do grupo e, a eles são dados alimentos se pedidos e, suas moléstias não impedem a continuidade da vida na tribo, sobretudo com cantorias e celebrações. Se morrem, os cantos são convertidos em choros, “[...] a desarmonia lembra algazarra dos gatos e cães em luta” (THÉVET, 1944, p. 126), “as mulheres sobretudo, se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem. [...] tal cerimônia dura em geral apenas meio dia, pois não conservam mais tempo os cadáveres insepultos” (LÉRY, 1961, s/n).

A cova é aberta de forma circular, em uma profundidade de um homem, e que depois de feita a área, o morto era curvado, amarrado em cordões de algodão e envolvido na rede que morreu, e, com os braços amarrados em torno das pernas, e enterado em um grande pote de barro (THÉVET, 1944; LÉRY, 1961). No que remete aos adornos inseridos,

Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rede, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal. [...] direi que depois que entraram em contato com os franceses já não enterram mais coisas de valor como costumavam fazer; mantêm porém uma superstição muito extravagante, [...] acreditam firmemente que se Anhangá não encontrar alimentos preparados junto das sepulturas desenterrará e

comerá o defunto; por isso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, aves, peixes e outros alimentos e potes de cauim e continuam a prestar esse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo (LÉRY, 1961, s/n).

Os relatos de holandeses, que ocuparam o litoral do território nordestino um século mais tarde, descreve características ainda semelhantes no que tange a relação dos grupos com a morte, o contexto dos sepultamentos e os rituais celebrados. Os corpos não eram queimados, eram enterrados junto com rede e alimento, entendendo assim que a alma por ali transitava por alguns dias e necessitavam comer. O choro perdura por todo um mês e após o luto, são feitas celebrações com danças e música que soa em seus instrumentos próprios (BARLEU, 1940, p. 24-25).

Há referências sobre as mudanças dos grupos em relação aos locais de instalação de suas aldeias. Com base nisso, Léry (1961) aponta que quando isso ocorria, costumavam colocar pequenas coberturas de folhas de pindoba sobre os locais de sepulturas, possibilitando assim suas localizações. Em meio a todo universo ritual, o uso de adornos estava associado não só neste ambiente mortuário, mas, em um hábito cotidiano, marcando sobretudo em alguns casos, traços específicos cabíveis ao gênero ou idade.

SOBRE OS ADEREÇOS

Alguns ornamentos empregados no uso cotidiano ou cerimonial ganham destaque nas descrições dos colonizadores e representações. As perfurações nos lábios, faces e orelhas, foram percebidas enquanto um elemento discrepante, mas, muito característico além do uso de penas, pulseiras e colares que em muitos podiam até lembrar os adornos europeus.

Para Léry (1961), a figura do índio será refletida então em um homem nu, com boa aparência, inteiramente depilado, de cabelos com cortes no plano superior, com os lábios e faces fendidas e enfeitadas de ossos e pedras verdes, os tembetás, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, com o corpo pintado e com colares de fragmentos de conchas que eram pendurados ao pescoço. No que se refere aos adornos labiais, é recorrente sua citação em meio aos relatos. Ainda com base em Léry (*op. cit.*),

os rapazes têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito à semelhança de uma carrapeta; e como a parte pontuda sai para fora uma polegada mais ou menos e fica o osso detido por um ressalto entre o beijo e a gengiva, eles o tiram e colocam como querem. Mas só usam esse osso branco na adolescência; quando adultos, curumimassú (isto é, menino crescido) usam no furo do beijo uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro presa por uma parte mais larga; algumas existem compridas e roliças como um dedo (LÉRY, 1961, s/n)

O furo ocorria com um osso de veado, preparado para tal, introduzindo algo até que, na fase adulta, quando estivesse apto ao uso de armas, poderia assim receber suas pedras verdades. São imagens como a de Staden que permitem entender esse conjunto de artefatos presente entre os grupos, e que denotam um elemento significativo que podem diferenciá-los dentre os demais.

Figura 13 – Sobre os ornamentos utilizados pelos homens.



Fonte: STADEN, 1930, p.147.

A referência de Staden (1930) aponta para a diferenciação do chefe da tribo com base no conjunto ornamental que ele portava, em seu contato. Ele descreve que foi possível identificar logo quem era o chefe por ele portar uma grande pedra verde nos lábios, como de costume, além de um colar produzido com conchas, que estava em várias voltas em seu pescoço, tais percepções foram ilustradas na Figura 14.

Figura 14 – Representação de Staden sobre quando foi apresentado ao chefe da tribo.



Fonte: STADEN, 1930, p.169.

O cabelo era cortado como uma coroa frade, e, na cabeça ainda havia penas encarnadas de outras cores, “[...] tiradas das asas de certas aves, em frontais muito semelhantes aos que costumam as senhoras usar em França, parecendo até que se tenham inspirado nesta invenção, cujo nome entre os selvagens é jempenambi” (LÉRY, 1961, s/n).

Ainda segundo o autor, quando esse grupo se prepara para a guerra ou para os rituais de sacrifício, eles se enfeitam com vestes, máscaras, braceletes e outros ornamentos como penas de diversas cores, com o objetivo de demonstrarem maior beleza e maior bravura.

No preparo de seu vestuário utilizam-se de grandes penas de avestruz, obtidas com seus vizinhos. Isso prova a existência, em alguma região do país, dessas enormes aves; mas não posso dizer que as tenha visto. As plumas, que são pardas, ligam-se pela haste central, ficando soltas as pontas que se encurvam à maneira de uma rosa e formam grandes penachos denominados araroyé, os quais são usados amarrados à cintura por um cordel de algodão. E como a parte larga fica para fora e a estreita junto da carne, parece que, assim adornados, carregam à cinta uma capoeira de frangos (LÉRY, 1961, s/n)

Sobre os adereços femininos, descrevem que não havia perfurações em lábios ou faces, apenas nas orelhas, onde eram colocados brincos produzidos em grandes conchas marinhas, brancas, roliças.

A produção de colares, também sob o cuidado delas, demonstravam uma organização a nível divisão de papéis entre a tribo, ficando ao cargo das mulheres em geral as atividades que demandassem maior riqueza de detalhes e paciência, em geral, produzindo e decorando as peças para o grupo.

Léry (1961) descreve que elas iam polindo com grande paciência infinitos pedacinhos de uma grande concha marinha, chamada de vinhol, e que elas trabalham esses pedaços deixando-os arredondados e polidos, e, em seguida, os enviam em cordões para produzir o que se assemelhava a cintos para o seu uso.

Os colares, produzidos também com o uso de conchas, às vezes se apresentava confeccionado em certa espécie de madeira preta muito adequada ou em osso liso, e que os homens utilizam presos aos pescoços por meio de cordões de algodão. Elas também usavam os cordões,

[...] mas não no pescoço como os homens, porém enrolados no braço. Por isso achavam lindas as pequenas **contas multicores de vidro** que havíamos levado em grande quantidade para traficar; chamavam-nas moruhí e com elas faziam colares. Quando íamos a suas aldeias ou vinham elas ao nosso fortim, apresentavam-nos frutas e outros produtos da terra propondo trocá-los por tais **miçangas** e nos lisonjeavam dizendo: Mair, deagotoren amabé morubí o que quer dizer: francês, tu és bom, dá-me os braceletes de **conta de vidro**. O mesmo fazia para obter pentes, a que chamavam guyap ou kyap, espelhos, que denominavam aruá e outras mercadorias que lhes agradavam (LÉRY, 1961, s/n, grifo nosso).

Essa troca comercial foi tão bem-vista pelos grupos nativos porque trouxeram a eles facilidades no desempenho de diversas atividades. As facas substituem diversos instrumentos em pedra utilizados, para o descarte, cortar os cabelos, caçar, e diversas outras atividades rotineiras que foram facilitadas pelo acesso aos novos produtos. Uma vez que, são identificados em sítios arqueológicos, esses artefatos vão apontar não apenas o contato entre nativo-colonizador, mas, o momento que essa cultura exógena passa a fazer parte de suas atividades rotineiras. “Por séculos, viajantes, soldados, missionários, cientistas, sempre trouxeram consigo ‘miudezas para trocar com os índios’ sem as quais não se viajava” (HUSSAK VAN VELTHEM, 2002, p. 61).

Esses objetos eram facilmente comercializados como moeda de troca, os franceses chamavam de *pacotille*, os ingleses *trade-goods*, enquanto os portugueses “quinquilharias”, eram produtos como ferramentas e utensílios do dia-a-dia dos europeus em que era estabelecido o escambo¹⁰ (LIMA, 2006; YUMIANDO e BONNICI, 2004; HUSSAK VAN VELTHEM, 2002; MAGALHÃES, 1992).

A presença de ingleses, irlandeses, franceses, holandeses, além de portugueses e espanhóis no território, marcou esse tipo de comércio e a possibilidade de novos modelos de recursos trazidos, essa comercialização é evidente em diversos relatos de viagem,

Os primeiros ingleses que chegaram à região mostraram-se aventureiros experientes, indo a lugares desconhecidos e contatando com a participação de vários povos diferentes, viventes às margens do Amazonas e afluentes, desde o cabo do Norte (Amapá) até o Xingu. Suas alianças com os povos Palikure Karipuna eram pautadas no escambo de mercadorias, como espelhos e contas que trocavam por animais, tabaco e gêneros da terra. Eram alianças intermitentes ou temporárias onde os ingleses não exerciam papel preponderante sobre o outro (LIMA, 2006, p. 18).

Com base em Lima (2006, p. 149), os holandeses e ingleses tinham uma próspera relação comercial, pois, a aliança que fazia com os chefes era intermitente, enquanto os europeus traziam seus bens tão apreciados pelos nativos; eles levavam madeiras de todo tipo, aves e frutas exóticas. Isso foi visto como uma relação comercial que agravada mutuamente.

10 O escambo é a troca de produtos, mercadorias ou serviços. FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

Os relatos de D'Abbeville e D'Evreux, ambos os frades, descrevem que os Tupinambás, muito vaidosos, valorizaram os adornos, quer sejam os produzidos ou adquiridos com franceses (LIMA, 2006, 43-44). Esses objetos também eram utilizados como moedas em relações intergrupais.

Os artefatos industrializados obtidos (facas, machados, tecidos, contas de vidro etc.) eram então sucessivamente transacionados com os diversos povos indígenas interioranos com os quais mantinham contato, logrando atingir comunidades indígenas distanciadas do contato direto com os colonizadores e estabelecendo um complexo de trocas intertribais (HURAUULT 1972; PORRO 1985; GALLOIS 1986; FARAGE 1991 apud HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p. 145).

Magalhães (1992), afirma que, as trocas de bens culturais não chegaram a desencadear mudanças culturais profundas, uma vez que, não perturbaram o equilíbrio da vida social tribal (MAGALHÃES, 1992, p. 410). A troca poderia representar uma mudança no significado de um objeto, atribuindo-lhe assim um novo "sentido" diante das concepções das sociedades que os adotaram.

Hussak van Velthem (2002, p. 61) afirma que esses objetos "revestem-se assim de novos sentidos que se manifestam em diversos registros culturais e, sobretudo, por meio de reconstruções simbólicas que almejam a reafirmação étnica".

As miçangas europeias apresentaram-se aos Índios como uma possibilidade de elaborar novos usos para um material familiar, pois empregavam contas confeccionadas com outros materiais, tanto de origem vegetal e animal, como também lítico, quartzo, diorita, nefrita (BARATA, 1954 apud HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p. 154).

Esse pensamento desenvolvido sobre o novo significado pode ser visto em seu emprego; elemento decorativo nos conjuntos funerários, sobretudo, quando agregados em meio aos adornos nativos. “Assim, desde os primeiros tempos, as contas de vidro europeias competiram e se misturaram a contas de materiais diversos” (HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p. 154).

A facilidade comercial ocorreu principalmente com os nativos mais litorâneos e pôde acontecer, pois houve um interesse desse nativo por um produto específico; advindo das terras distantes, proporcionando a eles, facilidades nas práticas cotidianas e mais beleza aos seus corpos ou mortos. Sobre essa diferenciação entre o nativo do litoral e do sertão, Barleu (1940) aponta que

O gentio do sertão e todo aquele que conserva os costumes pátrios aproximam-se, na crueldade, mais das feras que dos homens. São avidíssimos de vingança e de sangue humano, temerários e pressurosos para os combates singulares e para as batalhas. Depois de se haver introduzido entre esses selvagens a religião e os estudos das artes liberais, foram distribuídos em aldeias e vilas os que moram à beira-mar, e adotaram os costumes dos europeus. de sorte que também aqui se aplica esta observação de Tácito: à orla do oceano vive-se com mais doçura. [...] À força de armas defendem os indígenas do sertão as suas terras contra os portugueses. Os do litoral vivem misturados com eles e sujeitos ao seu domínio (BARLEU, 1940, p. 24-25, grifo nosso).

O primeiro contato entre europeus e nativos, vivenciados entre, sobretudo, os dois primeiros séculos representaram grandes mudanças no território nacional. As viagens que demandavam altos custos apresentavam uma rentabilidade que justificava os riscos de naufrágios, ataques de piratas e os conflitos já em terra.

Conforme referido, a colonização aconteceu efetivamente quando essa troca passou a ocorrer continuamente, apresentando ao velho mundo um ambiente novo, e neste, promovendo diversas mudanças capazes de interferir no curso da história do país.

Não há uma uniformização no que se refere ao contato do europeu com os diversos grupos indígenas. Os relatos aqui apontados mantiveram o foco nos grupos litorâneos por assim entender que, foi através deles que essa cultura passou a ser incorporada em seu cotidiano e, conseqüentemente, como produtos dos sítios arqueológicos.

O material de pesquisa foi abordado; resultante de um grupo que muito tempo ocupou o sertão nordestino, mas, não foi nele surgido, levanta diversos questionamentos sobre a origem desses povos e sua filiação no que se refere à tradição.

Dentre o que foi estudado e aqui é debatido, o sítio Justino é um sítio de caráter único, mas, que revela um conjunto de artefatos e, nos enxovais funerários, filiações antepassadas que permaneceram e permitiram estabelecer essas ligações. Mais do que uma descrição dos elementos identificados, o material é utilizado para entender e dar novas interpretações ao ambiente ocupado e habitantes, permitindo assim, que a pesquisa de Xingó seja continuamente, renovada e possibilite entender muito mais sobre a ocupação no território nesta região.

3 MATÉRIAS DA PESQUISA

PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)

As pesquisas arqueológicas que resultaram o mais significativo registro da arqueologia de Xingó foram iniciadas na década de 80 e, intensificadas com o desenvolvimento da grande obra civil de construção de uma Usina Hidrelétrica, que, teve como responsabilidade, financiar as pesquisas com base na Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961.

Diante disso, a lei dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e que estabelece em seu artigo 3º que, todo e qualquer ato de destruição ou mutilação das jazidas arqueológicas, por qualquer fim, são considerados como criminosos devendo ser pesquisados anteriormente. Além disso, a resolução CONAMA nº006, de 24 de janeiro de 1986, determina que seja promovido o estudo prévio do impacto que este tipo de obra acarretará ao ambiente natural, social e patrimonial.

Com base nas informações ambientais levantadas que dão sustentação a pesquisa arqueológica, a região de Xingó foi descrita como composta por um clima semiárido mediano típico de áreas secas a maior parte do ano (7 a 8 meses), com característica também visível na vegetação de caatinga hiperxerófila arbustivo-arbórea (VERGNE, NASCIMENTO e MARTINS, 1997).

Figura 15 (A e B) – Vegetação da região registrada no período da pesquisa.



Fonte: Acervo MAX, s/d.

Os dados paleoambientais publicados por Dominguez e Britcha (1997) serviram como base para os estudos sedimentológicos necessários para compreensão do processo de formação dos terraços, e, conseqüentemente das ocupações humanas neles presentes.

Para Ab'Sáber (1997), os terraços fluviais se configuram como locais mais estáveis no critério climático, mais seguros e com acesso a um largo rio perene com “águas límpidas, fluxos movimentados de corredeiras, em uma situação ideal para peixe lêntico” (AB'SÁBER, 1997, p. 7); sendo propício para serem utilizados como áreas de assentamentos.

Para Luna (2006), o São Francisco, enquanto “[...] principal bacia hidrográfica da região semiárida do nordeste brasileiro, pode ser considerado como um dos grandes veículos de penetração e permanência de povos pré-históricos na região há pelo menos 10 mil anos” (LUNA, 2006 p. 175).

INÍCIO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Em meados da década de 80, uma equipe de pesquisadores do Departamento de Sociologia e Psicologia da Universidade Federal de Sergipe participaram de um projeto que previa a localização e mapeamento de sítios arqueológicos presentes no estado de Sergipe.

No ato, foram identificados quatro sítios de registros gráficos na região de Canindé do São Francisco, próximo ao rio São Francisco. Com a construção da Usina, as pesquisas foram intensificadas, conforme mencionado anteriormente, firmando então no final da década de 80 um convênio com a UFS que seria responsável pelos trabalhos de identificação e salvamento arqueológico da área afetada (VERGNE, NASCIMENTO e MARTINS, 1997).

Em meio a todo este processo, foi estabelecido o Projeto Arqueológico de Xingó – PAX que foi subdividido em duas etapas e perdurou por mais de 10 anos, tendo o envolvimento de três estados (Alagoas, Bahia e Sergipe).

A primeira etapa financiada unicamente pela CHESF, empresa responsável pela instalação da usina, atuou entre os anos de 1988-1994 cabendo à equipe de arqueologia promover o levantamento e cadastramento dos sítios, realização de sondagens e escavações nas áreas de inundação da barragem.

A etapa seguinte, entre 1995-2000, já com o apoio também da PETROBRAS, cumpriu o papel de analisar os vestígios resgatados na primeira etapa e dar continuidade as pesquisas da área da barragem até a foz do rio São Francisco (LUNA, 2006, p. 194).

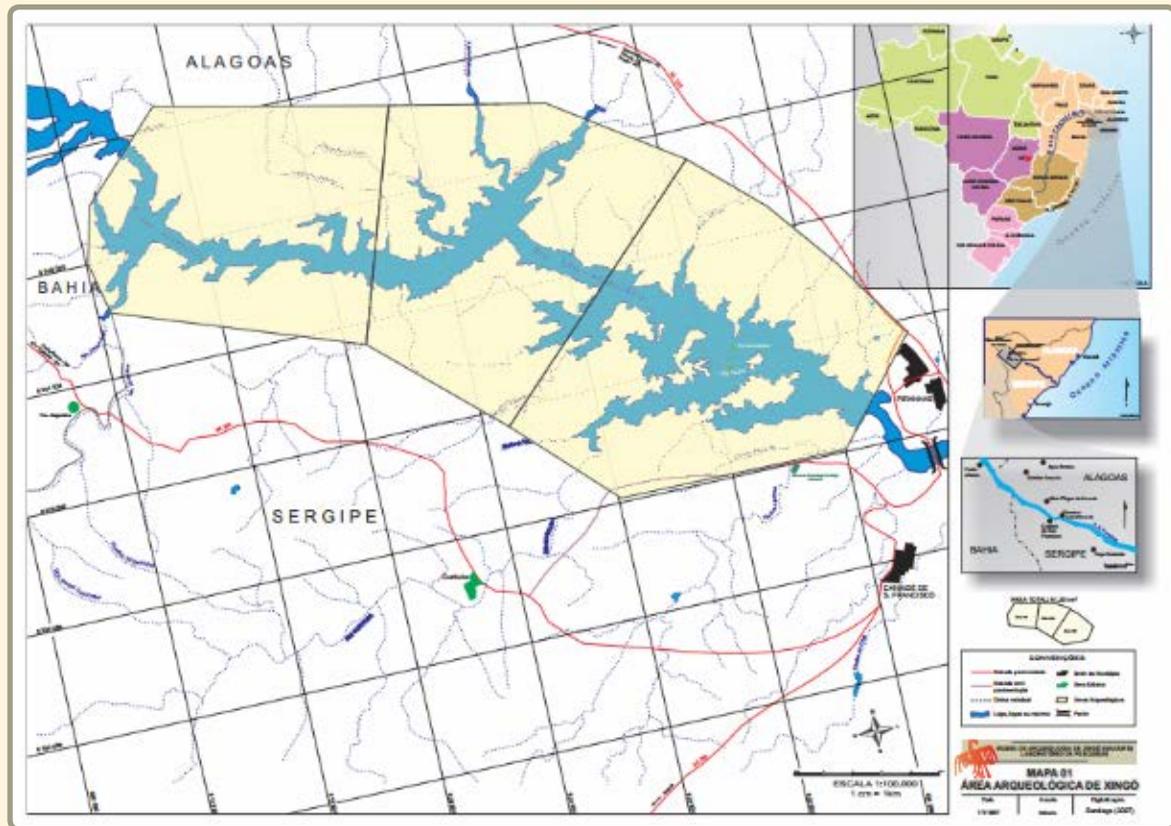
Os trabalhos de engenharia foram suspensos entre os anos de 1988 - 1990 o que torna mínimo o trabalho de pesquisa, retornando no ano de 1991 com uma nova configuração sob a orientação e consultoria do FUNDHAM (Fundação do Homem Americano) sob a coordenação da Prof^a Dr^a Niède Guidon (FAGUNDES, 2007).

O PAX então permitiu, entre os anos de 1988 e 1994, a identificação de 56 sítios arqueológicos na área que seria diretamente afetada pela construção da usina, sendo 41 de assentamento pré-histórico a céu aberto e, 15 de registros rupestres (com pinturas e/ou gravuras). O trabalho de prospecção compreendeu uma área aproximada de 81,4 km² sendo dividida em três áreas arqueológicas (Figura 16), conforme a concentração de sítios evidenciados (VERGNE, 2004), e, apresentando

[...] mais de cinquenta mil remanescentes arqueológicos representados por artefatos (peças líticas lascadas e polidas, vasilhames e fragmentos cerâmico, adornos corporais, instrumentos de sopro, etc.), estruturas (fogueiras, sepultamentos, etc.) e ecofatos (restos orgânicos, faunísticos/alimentares) (FAGUNDES, 2007).

O desenho abaixo ilustra as divisões geográficas territoriais ocorridas no desenvolvimento do PAX ao longo do rio São Francisco, entre os três estados e o desenho do curso do rio que segue para sua foz.

Figura 16 – Localização das áreas arqueológicas definidas no decorrer da execução do Projeto Arqueológico de Xingó.



Fonte: Fagundes (2007).
 Ilustração Santiago (2007).
 Adaptações promovidas
 para melhor evidênciação.

Em função do grande potencial arqueológico da região, com suas vastas indústrias líticas, as diversidades artísticas e técnicas aplicadas nos paredões rochosos e, a vastidão de sepulturas e composições funerárias, o convênio com a Petrobrás foi estabelecido, e, as pesquisas na região puderam ser ampliadas até a Foz do “velho Chico”.

No mesmo ano do convênio (1995), é inaugurado um pequeno museu (ECOMUSEU), para cumprir o objetivo de apre-

sentar parcialmente os resultados da pesquisa promovida, mas, com a realização do 1º Workshop Arqueológico de Xingó foram efetivamente apresentados à comunidade os resultados preliminares sobre a ocupação pré-colonial da região.

No ano de 2000 foi criado o MAX – Museu de Arqueologia de Xingó, que mantém atividades até os dias atuais tanto no caráter museológico quanto de pesquisa, em Arqueologia ou áreas correlacionadas (FAGUNDES, 2007).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS E SÍTIOS EVIDENCIADOS PELO PAX

Os métodos e técnicas empregados na pesquisa podem ser divididos de um modo geral, anteriores ao período de suspensão das atividades entre 1985-1988 e posteriores a 1991 com o apoio do FUNDHAM, como mencionado anteriormente.

No primeiro momento, foram promovidas prospecções em áreas amplas, e, quando constatados vestígios de superfície, eram promovidas sondagens de 10x10 cm com o intuito de verificar as características das camadas que compunham os espaços arqueológicos, seguidas de novas sondagens; em função do potencial arqueológico, essas em quadrados de 1x1 m e profundidade máxima de 1 metro também (VERGNE, NASCIMENTO e MARTINS, 1997).

Após 1991, com base nas afirmações de Fagundes (2007), as escavações promovidas na área arqueológica de Xingó tornam-se mais estruturadas, elas passam a seguir os procedimentos metodológicos que são fundamentados no método etnográfico de superfícies amplas por decapagens.

Para Diniz e Vergne (2002), os métodos e técnicas empregados após 1991 baseiam-se em duas abordagens diferentes, sendo a primeira estruturada nos pressupostos da escola inglesa de Wheeler (1961), com a leitura dos estratos em muros testemunhos e, a segunda, nas abordagens de Leroi-Gourhan (1950), na escola francesa, que eram referentes as leituras espaciais, abordando as distribuições espaciais dos vestígios arqueológicos.

Tomando por base a publicação de Diniz e Vergne (2002) e Vergne (2004), abordam os procedimentos metodológicos aplicados no decorrer do projeto, os autores apontam a sua execução conforme três etapas sequenciais, sendo determinados em função do potencial arqueológico de cada área.

a. **Prospecção** – Os autores afirmam que, o processo foi iniciado ao ser promovido o planejamento para execução da prospecção. São levantados dados bibliográficos sobre a região, cartas aerofotogramétricas e topográficas, sendo essas últimas para compreender quais as cotas de níveis que o reservatório atingiria, e, conseqüentemente, as áreas que seriam alagadas.

Com base nos dados levantados foram delimitados os espaços que seriam estudados dentro do projeto levando em consideração as áreas impactadas com a construção da usina, tomando como eixo condutor o rio São Francisco, o que determinou 81,40 km² de expansão e culminou na divisão das três referidas áreas arqueológicas.

Os autores ainda afirmam que, todo trabalho de investigação terrestre foi conduzido percorrendo as margens do rio São Francisco e de riachos afluentes.

O objetivo da prospecção era efetivamente identificar as áreas com potencial arqueológico e os indicativos de sítios observando através da presença de vestígios em superfície e, as áreas de terraços que seriam mais propícias para estabelecimento de grupos humanos, em caráter de acampamento ou habitação.

Além disso, identificar os paredões rochosos com ênfase nos abrigos que apresentavam vestígios de pintura ou gravura, levando em consideração que os primeiros sítios encontrados na região eram de registros gráficos.

As prospecções configuram-se de certo modo como o mecanismo prévio e delimitador das áreas que serão trabalhadas. Após a classificação das áreas, conforme a metodologia empregada na pesquisa é estabelecida, para que então, sejam identificados os sítios submetidos a um processo de escavação e salvamento.

b. **Sondagem** – As sondagens são então aplicadas para a identificação do material arqueológico no plano vertical e, evidenciação dos registros estratigráficos, estes, responsáveis por preservar parte da informação dos sítios arqueológicos.

Vergne (2004) aponta que, uma vez obtidos os dados da prospecção são iniciados os trabalhos de sondagens, utilizando técnicas de decapagem por níveis artificiais. A autora, que foi uma das coordenadoras do projeto, atuando diretamente no campo; descreve em sua publicação, as aberturas de trincheiras nas áreas delimitadas como sítios dentro da etapa de sondagem, com exceção dos sítios Justino e São José II. Estes foram classificados sítios-cemitérios, que obtiveram adaptações metodológicas.

Como o objetivo deste Capítulo é descrever a execução do PAX e todas suas etapas, são mantidas as configurações adotadas pela pesquisadora na época e, neste tópico serão descritos 15 sítios de registro gráfico (Quadro 3) e os 39 sítios que foram escavados com o uso das trincheiras (Quadro 4).

Figura 17 – Trincheira realizada do sítio Topo em meio a execução do PAX.



Fonte: Acervo MAX, s/d.

Quadro 3 – Apresentação de Sítios com Registros Gráficos identificados pelo PAX e suas localizações.

QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE SÍTIOS REGISTRO GRÁFICO IDENTIFICADOS PELO PAX		
Nº	Sítio	Localização
1	Letreiro	Canindé do São Francisco/SE
2	Vale dos Mestres I	Canindé do São Francisco/SE
3	Vale dos Mestres II	Canindé do São Francisco/SE
4	Vale dos Mestres III	Delmiro Gouveia/AL
5	Castanho	Delmiro Gouveia/AL
6	Brejo	Delmiro Gouveia/AL
7	Talhado III	Olho d'Água do Casado/AL
8	Riacho	Delmiro Gouveia/AL
9	Maribondo	Delmiro Gouveia/AL
10	Caibeira do Talhado	Delmiro Gouveia/AL
11	Curva do Talhado	Delmiro Gouveia/AL
12	Talhado II	Delmiro Gouveia/AL
13	Talhado I	Delmiro Gouveia/AL
14	Encontro do Talhado	Delmiro Gouveia/AL
15	Sal	Delmiro Gouveia/AL

Dados extraídos de: SANTANA e MARTINS (1997).

Os sítios identificados ocupam áreas dos três estados já referidos e foram então classificados enquanto acampamento, do número 1 ao 28 e habitação, do 29 ao 39, expostos no Quadro 4, obedecendo de uma forma geral a largura das trincheiras de 2 m e com comprimento e profundidades variáveis conforme a configuração de cada sítio.

As trincheiras foram subdivididas em quadrículas de 1x1 m e receberam a denominações com letras e números.

De um modo geral, os sítios resultaram em um grande quantitativo de informações sobre essa nova área arqueológica descoberta, configurando assim, um novo cenário arqueológico, especificadamente nacional e regional. Com isso, foi classificada de forma diferenciada, a etapa de escavação se configura então pela apresentação da metodologia geral e específica para os dois sítios-cemitério identificados no decorrer da pesquisa.

Quadro 4 – Consolidação de dados sobre os sítios identificados na execução do PAX, abordando suas localizações e áreas escavadas pelas trincheiras.

QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS PELO PAX				
Nº	Sítio	Localização	Altitude (m)	Áreas das Trincheiras (largura x comprimento x profundidade)
1	Mandacaru das Pedras	Paulo Afonso/BA	18,00	2,0x8,0x4,35/2,0x9,0x1,55
2	Caraíba	Paulo Afonso/BA	12,07	2,0x10,0x3,5
3	Curva da Solidão	Paulo Afonso/BA	16,40	2,0x10,0x3,5
4	Mandu	Paulo Afonso/BA	15,32	2,0x8,0x2,4/2,0x5,0x1,65
5	Recanto do Olodum	Paulo Afonso/BA	14,12	2,0x5,0x2,6
6	Mulungu	Paulo Afonso/BA	23,13	2,0x2,0x2,5
7	Xingozinho	Paulo Afonso/BA	15,90	2,0x10,0x4,5
8	Fonteira	Paulo Afonso/BA	9,75	2,0x5,0x3,5
9	Juazeiro	Canindé do São Francisco/SE	9,86	2,0x10,0x3,3
10	Esperança	Canindé do São Francisco/SE	9,46	2,0x10,0x4,0
11	Poço Verde	Canindé do São Francisco/SE	6,61	2,0x13,0x3,0
12	Jurema	Canindé do São Francisco/SE	11,16	2,0x5,0x2,0

QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS PELO PAX				
Nº	Sítio	Localização	Altitude (m)	Áreas das Trincheiras (largura x comprimento x profundidade)
13	Bela Vista	Canindé do São Francisco/SE	10,80	2,0x15,0x1,35
14	Lamarão	Delmiro Gouveia/AL	7,90	2,0x15,0x2,85
15	Mirador I	Delmiro Gouveia/AL	13,43	2,0x5,0x1,65
16	Mirador II	Delmiro Gouveia/AL	12,80	2,0x5,0x1,65
17	São Francisco I	Delmiro Gouveia/AL	23,47	2,0x11,0x1,60
18	São Francisco II	Delmiro Gouveia/AL	7,11	2,0x12,0x2,45/2,0x12,0x2,45
19	Vitória Régia III	Canindé do São Francisco/SE	8,24	2,0x36,0x1,75/2,0x6,0x1,75
20	Vitória Régia IV	Canindé do São Francisco/SE	5,20	2,0x10,0x1,10
21	Saco da Onça II	Canindé do São Francisco/SE	5,40	2,0x19,0x2,60/2,0x17,0x2,60
22	Saco da Onça II	Canindé do São Francisco/SE	7,80	2,0x10,0x1,80/2,0x12,0x1,80
23	Porto Belo VI	Canindé do São Francisco/SE	7,24	2,0x25,0x1,15/2,0x22,0x1,15
24	Ouro Fino	Canindé do São Francisco/SE	7,22	2,0x25,0x3,00/2,0x7,0x3,0
25	Cabeça do Negro	Canindé do São Francisco/SE	13,70	2,0x15,0x3,15/2,0x6,0x3,15
26	Cancamunhé	Olho d'Água do Casado/AL	13,20	2,0x9,0x2,60/2,0x7,0x2,60/ 2,0x7,0x1,10
27	Fazenda Velha I	Olho d'Água do Casado/AL	15,18	2,0x18,0x3,7
28	Fazenda Velha II	Olho d'Água do Casado/AL	10,20	2,0x13,0x1,70
29	Sergipe	Canindé do São Francisco/SE	9,90	2,0x15,0x4,5
30	Xingó	Delmiro Gouveia/AL	11,71	2,0x12,0x4,5
31	São José I	Delmiro Gouveia/AL	12,57	2,0x18,0x1,75/2,0x28,0x1,75
32	Vitória Régia I	Canindé do São Francisco/SE	8,24	2,0x45,0x4,50/2,0x19,0x1,75

QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS PELO PAX				
Nº	Sítio	Localização	Altitude (m)	Áreas das Trincheiras (largura x comprimento x profundidade)
33	Vitória Régia II	Canindé do São Francisco/SE	8,24	2,0x45,0x4,50/2,0x19,0x1,75
34	Porto Belo I	Canindé do São Francisco/SE	7,24	2,0x19,0x1,75
35	Porto Belo II	Canindé do São Francisco/SE	7,24	2,0x33,0x1,35/2,0x20,0x1,35/ 2,0x13,0x1,35
36	Topo	Canindé do São Francisco/SE	5,00	2,0x32,0x2,0/2,0x16,0x2,0
37	Curitiba I	Canindé do São Francisco/SE	4,90	2,0x44,0x2,2/2,0x19,0x2,2
38	Curitiba II	Canindé do São Francisco/SE	9,27	2,0x20,0x5,25/2,0x20,0x5,25
39	Tanque	Olho d'Água do Casado/AL	7,00	2,0x15,0x2,4/2,0x19,0x2,4

Dados extraídos de: SANTANA E MARTINS (1997).

c. **Escavação** – Os dois sítios tratados de forma diferenciada foram classificados como sítios-cemitérios em função do quantitativo de sepultamentos humanos identificados.

Vergne (2004) descreve que, em um primeiro momento, os sítios foram tratados seguindo os mesmos procedimentos adotados para os demais, mas, com a aparição dos esqueletos humanos novos procedimentos foram necessários.

Para o Justino, a autora descreve que a sondagem por níveis artificiais foi substituída pela escavação sistemática logo nos primeiros níveis, utilizando a técnica de níveis naturais em função do que era evidenciada em solo, no caso do São José II, a substituição ocorreu após os 3 metros de profundidade, quando só então o material ósseo passou a ser evidenciado.

As quadrículas foram estabelecidas com dimensões de 5x5 (para o Justino, o sítio São José permaneceu conforme os outros apresentados) e, receberam a identificação conforme sistema alfanumérico. Com base nas informações levantadas sobre a apresentação os sítios, o Justino e São José II são descritos conforme os mesmos critérios dos demais 39 apresentados no tópico anterior.

Quadro 5 – Consolidação de dados sobre os sítios Justino e São José II, abordando suas localizações e áreas escavadas.

QUADRO DE APRESENTAÇÃO DE SÍTIOS-CEMITÉRIOS IDENTIFICADOS PELO PAX				
Nº	Sítio	Localização	Altitude (m)	Áreas das Trincheiras (largura x comprimento x profundidade)
1	São José II	Delmiro Gouveia/AL	14,34	2,0x12,0x7,50
2	Justino	Canindé do São Francisco/SE	6,80	23,0x55,0x6,40*

*Área apresentada como escavação total do sítio.
 Dados extraídos de: SANTANA e MARTINS (1997).

Figura 18 (A e B) – Áreas de escavações realizadas no sítio Justino



Fonte: Acervo MAX, s/d.

A realização do Projeto para identificação e salvamento arqueológico na região e Xingó proporcionou que, uma nova arqueologia fosse identificada às margens do São Francisco.

Configurado por uma vastidão de vestígios e sítios arqueológicos, o projeto foi ao longo dos anos sendo divulgadas por meio de relatórios, documentos, séries didáticas, revistas, livros e demais produções acadêmicas, contando com a participação de profissionais das mais variadas áreas envolvidas.

Em mais de duas décadas, desde o início dos trabalhos desenvolvidos na área, a região de Xingó ainda continua a permitir que diversas pesquisas sejam realizadas, e, diante do quantitativo de material resgatado, continuará por muitos anos.

SÍTIO JUSTINO

Identificado no ano de 1990 o Justino se apresentou como o sítio com maior volume de escavação e representatividade de material arqueológico encontrado no decorrer da pesquisa.

Situado em um terraço fluvial entre a confluência do rio São Francisco com o riacho Curitiba, o Justino, localizado sob as coordenadas UTM 8938.881 N e 627.561 E, apresentou-se como um sítio a céu-aberto e foi delimitado pela equipe de pesquisa em uma área de 1.532,50 m².

O sítio, que apresentou vestígios de fragmentos cerâmicos em superfície, estava localizado na então fazenda Cabeça de Nego que possuía atividade agrícola ativa, com a plantação de subsistência como o milho – *Zea mays* e o feijão – *Vigna unguiculata* (SANTANA e MARTINS, 1997), sendo esperado, neste caso, que haja atividades de intervenções antrópicas no solo.

O Justino tornou-se o principal sítio a ser pesquisado na região em função do quantitativo e variedade de sua cultura material, somado às mais de 165 sepulturas com variedades artefatuais e de perfil populacional.

Em 1992 há uma primeira publicação sobre o sítio (VERGNE e AMÂNCIO, 1992), ainda com dados iniciais, mas já demonstrando seu potencial, sobretudo enquanto cemitério, o Justino demandou o maior tempo de pesquisa do PAX e maior quantitativo de acervo.

Ainda na década de 90, além dos relatórios e cadernos referentes ao Projeto, foi publicado um livro (SIMON, *et al.*, 1999) que trata inicialmente do material osteoarqueológico humano e faunístico, seguindo de diversas publicações na primeira década do século XXI, tanto pela instituição da revista Canindé quanto pelas publicações de livros promovidos pelo então instituído (ano de 2000), Museu de Arqueologia de Xingó.

Na mesma década, foram desenvolvidos trabalhos como as teses de Carvalho (2007) e Vergne (2004), que atuaram diretamente com os sepultamentos humanos do sítio além de diversas outras, podendo destacar a tese de Fagundes (2007) e Luna (2001)¹¹, que, embora trabalhem com artefatos materiais diferenciados, transcorrem suas pesquisas em um olhar sobre a ocupação do Justino, corroborando para interpretações quanto ao seu uso e períodos de ocupação.

As principais discussões que são debatidas no Justino se dão em função da sua ocupação continuada, justificada sobretudo por Vergne (2004), em função dos modelos organizacionais dos sepultamentos. Uma vez que, as camadas do sítio resulta-

11 LUNA, S. C. A. de. As populações ceramistas pré-históricas no baixo São Francisco. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

ram em grandes pacotes sedimentares, vistos em quatro estratos, essa organização não permitiu uma visão ocupacional do sítio, justificada, sobretudo pelas constantes viações, sobretudo impostas pelo São Francisco.

Os esqueletos tornaram-se assim os principais elementos informativos para entender a ocupação temporal e uso do espaço do Justino. Com base na própria equipe de pesquisa, ele foi definido, conforme referido, enquanto cemitério e habitação e, ratificada por Fagundes (2007) a afirmação de uma ocupação continuada, agora com base no conjunto de artefatos lítico e estruturas de combustão, distribuídos em fases. As atividades em campo no Justino ocorreram efetivamente entre 1991-1994, com um período de interrupção, e, o acervo está sob guarda permanente do MAX, alguns dos quais, nunca analisados.

A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO JUSTINO

A limpeza do terreno ocorreu com a remoção de uma camada de superfície máxima de 10cm, e, a escavação no Justino foi promovida após a aplicação do método de Sondagem, compatível com os procedimentos adotados pela pesquisa para toda área de atuação do PAX (MAX, 2002). Ele foi inicialmente escavado seguindo a metodologia padrão adotada pela equipe, abertura de duas trincheiras perpendiculares de 2,00 x 55,00 e 2,00 x 6,00, mas, em função de suas particularidades, foram aplicados métodos e técnicas específicos (VERGNE e AMÂNCIO, 1992).

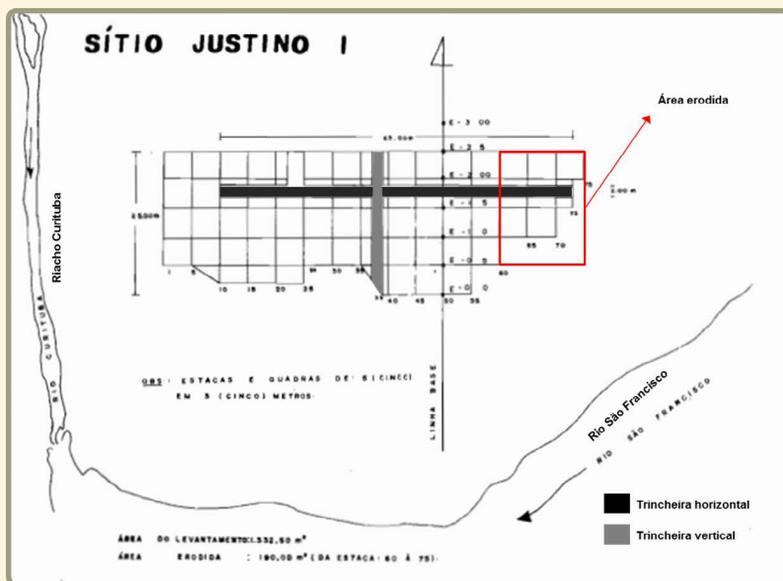
Vergne (2004) afirma que, apesar com o decorrer da sondagem e com a evidenciação de sepultamentos humanos é que foi percebida a necessidade de adaptação metodológica do sítio

e, aplicada a então chamada por estes de escavação. É a própria autora que afirma que em função da aparição dos esqueletos logo nos primeiros níveis surgiu uma hipótese de enterramentos recentes no Justino, mas, que não foi mantida “[...] em decorrência da observação dos vestígios cerâmicos, líticos e das fogueiras associadas a eles associadas” (VERGNE, 1997, p. 3).

O trabalho efetivo de escavação no Justino foi conduzido em uma área de 23x55 m através de quadrículas de 5x5 m, com subdivisão de 1x1 m, plotados em um plano cartesiano.

A Figura apresentada por Vergne e Amâncio (1992) ainda no decorrer do projeto, ilustra a inserção das trincheiras em meio ao sistema de quadriculamento adotado para escavação em grandes áreas.

Figura 19 - Ilustração das trincheiras adotadas para o Justino em conjunto com a metodologia de escavação por grandes áreas.



Fonte: adaptado de Vergne e Amâncio (1992).

No Justino, foram coletados 2.320,45 Kg de sedimentos resultantes da escavação (MAX, 2002). No que se refere ao nível de profundidade, o sítio foi escavado até 6,40m, identificando então o embasamento rochoso, e, descrito por Vergne (2004, p. 73) como sendo “[...] efetuadas 64 decapagens naturais [...]”, evidenciando esqueletos humanos em 26 destas, e, vestígios em 60 níveis arqueológicos (MAX, 2002).

A escavação no Justino seguiu então uma sequência de procedimentos, expostos na publicação do Documento 1, que detalha as etapas realizadas (PAX, 1997, s/n):

1. limpeza da área;
2. levantamento topográfico, altimétrico e planimétrico;
3. estabelecimento de um sistema de referência através de um quadriculamento de 5 x 5m;
4. decapagem por níveis artificiais, definida segundo a técnica de Wheeler;
5. ampliação da escavação, abrangendo toda área e atingindo o embasamento rochoso;
6. plotagem dos vestígios encontrados;
7. levantamento do perfil dos cortes deixados pela escavação;
8. desenho dos planos dos enterramentos e das fogueiras;
9. realização dos cortes estratigráficos;
10. levantamento topográfico dos sítios e dos vestígios in situ;
11. engessamento dos enterramentos para posterior escavação em laboratório.

Figura 20 – Fotos de execução de trabalhos no sítio Justino.



Fonte: Acervo MAX (s/d). Escavação nas áreas do sítio Justino.

Uma das poucas imagens visualizadas no decorrer desta pesquisa que ilustram a escavação do Justino de um modo geral está presente na Figura 21, foto aérea, publicada na série Didática 2 (MAX, 2006). Através da imagem pode-se ter uma noção da proporção que a escavação tomou e o relevo do terreno.

Figura 21 – Foto aérea do sítio Justino.



Fonte: Acervo MAX.

Ao final, foram identificados artefatos cerâmicos, líticos, diversas estruturas de combustão, material ósseo humano e faunístico, além de carvão (MAX, 2002). Vergne (2004, p. 79-80) aponta algumas quantidades para os referidos artefatos, não deixando claro em alguns casos, as unidades de medidas ou maiores detalhamentos:

1. Cerâmica – 10.040;
2. Lítico – 5.566 líticos;
3. Ocre – 156;
4. Fogueiras – 21 com 482 blocos;
5. Esqueletos – 163;
6. Fauna – 17.898 e 6.871g;
7. Carvão – 14.791g.

Tomando por base ainda a publicação de Fagundes (2007, p. 172) e Vergne (2004, p. 73), entende que ambas detalham partes específicas do processo escavação do Justino, complementando o relatório sintetizado em forma de livro, publicado em 2002. Ambos descrevem 20 quadrículas¹² sendo definidas como áreas escavadas. Fazendo um comparativo entre as descritas e as unidades em que há presença de sepulturas, referidas inclusive em detalhes por Vergne (2004), ao especificar cada sepultura, há uma ausência de referência a 10 quadrículas¹³. Sabe-se que, a escavação do Justino ocorreu com mudanças metodológicas e de nomenclatura, inicialmente chamado de Justino I e Justino II, o sítio ao final passou a ser considerado unicamente como Justino e, partes das informações iniciais são ilustradas ainda de forma separada.

Porém, não está claro na informação final, quais áreas exatas contemplaram o Justino I e II especificamente, além destas, há referências sobre fase I e fase II, e, bem como as afirmações das nomenclaturas anteriores, para esta as definições não estão claras e.

Assim, adotou-se a descrição do local de evidenciação de cada sepultura, tomando por base o campo específico de sua etiqueta chamado de **Setor** e **Nível**, utilizando-os então como base para definição espacial e estratigráfica de cada sepultura.

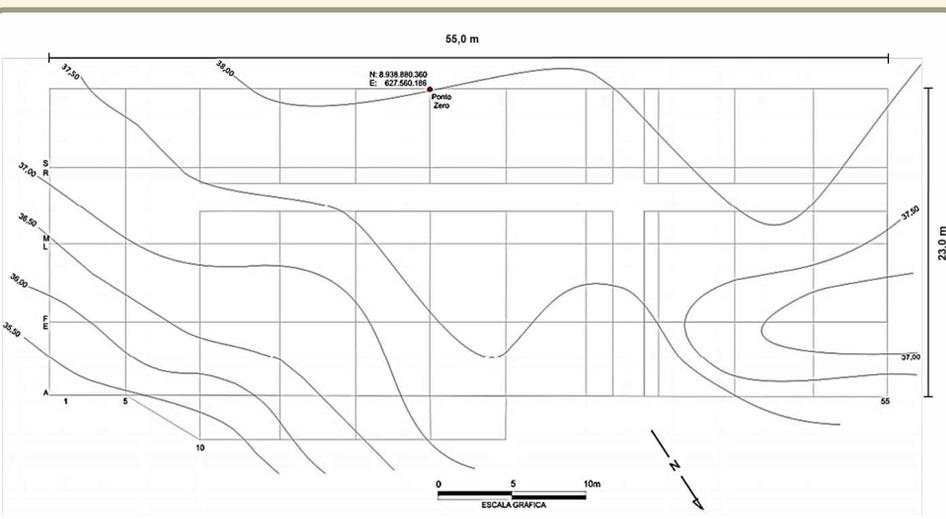
12 AE 1/5; FL 6/10; FE 11/15; AE 16/20; AE 21/25; FL 21/25; FL 26/30; AE 31/35; FG 31/32; AE 36/40; FL 36/40; AE 41/45; Aa 21/25; Aa 16/20; FL 46/50; AE 51/55; M33/35; FL 41/42; FH 04; FL 51/52

13 SX 6/10; SX 20/25; SX 25/30; MR 6/10; MR 20/25; MR 25/30; MR 30/35; FL 15/20; FL 30/35; FL 50/55

CARACTERIZAÇÃO CRONOLÓGICA E ESPACIAL DO SÍTIO JUSTINO

O Justino está situado a uma altitude média de 37 metros em relação ao nível do mar, com base no levantamento planimétrico apresentado, há uma variação entre 35,50-38,00 m para o terraço em que o sítio está localizado, o ponto zero está na unidade X25, representados na planta de levantamento planialtimétrico.

Figura 22 – Levantamento Planialtimétrico do sítio Justino.



Fonte: Fagundes (2007). Com alterações para este trabalho.

Com base em Fagundes (2007), o autor afirma que um

[...] fato importante a ser destacado diz respeito à formação do terraço (constituído por processos coluviais e aluviais) e a complexidade que envolve a compreensão destas sessen-

ta e quatro decapagens (equivalentes a aproximadamente 5,80/6,00 – 6,20/6,40 m de profundidade), que transformou o Justino em um *sítio de estratificação complexa* (senão complicada) e, dadas estas particularidades, utilizamos com parâmetros as informações de paleoambientes (DOMINGUEZ e BRITCHA, 1997) e da ritualidade funerária (VERGNE, 2004) para delimitação de nossas análises espaço-temporais sobre esse sítio (FAGUNDES, 2007, p. 170-171)

A formação do terraço onde está localizado o Justino é descrita pelos autores a que Fagundes faz referência, Dominguez e Britcha (1997), como resultado do transporte de sedimento dos altiplanos semiáridos, através do riacho Curituba, que desagua no São Francisco; com características deltaicas ocorrendo a formação de camadas construídas de areia, seixos, siltes e argilas.

O grau de dificuldade interpretativa que envolve o Justino é visível na publicação de Vergne (2002), onde a autora reconhece tais problemas, tomando como base as estruturas funerárias para decodificar as ocupações e, determinando assim quatro ocupações.

Nos estudos específicos sobre a dinâmica cultural (FAGUNDES, 2010a) e as ocupações do Justino (FAGUNDES, 2010b). O pesquisador trabalhou com a temática das estratigrafias do sítio, deixa claro que esses estratos são complexos e de difícil leitura.

Para o autor, segundo dados paleoambientais¹⁴, as ações ambientais (movimentação do rio com depósitos sedimentares e erosões) podem ter provocado “[...] movimentação vertical das peças e misturado solos de ocupação” (FAGUNDES, 2010b, p. 95).

14 O autor toma essa como uma possibilidade mesmo para ele ainda sendo necessário um maior aprofundamento em dados ambientais de caráter mais expansivo.

Acredita-se que, o Justino possa ter também ocupado uma área maior que a identificada e que o próprio rio tenha destruído evidências desta ocupação, esta afirmação parte de Vergne (2005) que utiliza como exemplo as constantes inundações sofridas na área do sítio, resultantes de enchentes do rio.

Figura 23 – Sítio no período de escavação com áreas perturbadas como resultado das cheias.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

Em função das dificuldades apontadas, foram instituídas as organizações espaciais das estruturas funerárias como base para a classificação das quatro ocupações, traduzidas nos cemitérios estabelecidos como D, C, B, A, descritos com base em Vergne (2004) e Fagundes (2007).

Essas nomenclaturas promoveram a divisão das camadas em quatro cemitérios com predominâncias em determinadas áreas do sítio. Foi com base nesta divisão que o Justino, foi visto sob a visão espaço-temporal, enquanto ocupações de habitação e cemiterial.

Quadro 6 – Distribuição de ocupação espaço-temporal apresentada para o sítio cemitério Justino com base na nomenclatura estabelecida pela equipe de pesquisa.

NOMENCLATURA	PROFUNDIDADE	Nº CAMADAS	LOCALIZAÇÃO ESPACIAL
A	Entre 0,5 – 0,9m	3-8	AE-FL-R 06/30
B	Entre 0,9 – 1,5 m	9-15	FL 41/45 e 51/55, AE-FL 11/20 e FL, MS, SZ, 21-35
C	Entre 1,6 – 2,9m	16-28	AE-FL 11/41 e MS 31/41
D	Entre 4,4 – 5,3m	43-52	AE 21/25 e AE-FL 41/50

Dentre toda a área do sítio foram estabelecidas datações, promovidas substancialmente em amostras de carvão e cerâmicas. Essas datações atribuíram idade ao nível estratigráfico em que os esqueletos estavam depositados, sendo assim estabelecidas as idades por associação.

O estado de preservação do material biológico humano não permitiu que fossem promovidas datações, sobretudo em novas tentativas realizadas por Santana (2013) em que foram coletadas amostras de ossos e dentes em diversas sepulturas do sítio.

O estudo da referida autora se propôs a estabelecer novas datações para o sítio Justino, uma vez que o material biológico não estava preservado para uma possível uma datação. O trabalho se concentrou na datação com o uso de amostras de carvão coletadas em 4 camadas ainda não datadas, em busca de novas cronologias para o sítio. O Quadro 7 ilustra as datações absolutas já estabelecidas para o Justino.

Quadro 7 – Datações absolutas do Justino (C14 e TL).

DECAPAGEM	TIPO AMOSTRA	SETOR	MÉTODO	LABORATÓRIO	CRONOLOGIA	FONTE
03	Carvão	-	C14	Inst. Radiocarb. da Univ. de Lyon - França	1280±45 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
04	Cerâmica	-	TL	LabDat/UFS	2191±276 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
06	Carvão	-	C14	Inst. Radiocarb. da Univ. de Lyon - França	1780±60 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
07	Carvão	Q37	C14	Beta Analytic - USA	2.510±30 AP	Santana (2013)
08	Carvão	-	C14	Inst. de Geociências da UFBA	2530±70 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
08	Cerâmica	-	TL	Inst. de Geociências da UFS	1800±150 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
09	Carvão	MR 1/10	C14	Beta Analytic - USA	4.390±30 AP	Santana (2013)
10	Carvão (Fogueira 19)	FL 51/55	C14	Inst. de Geociências da UFBA	2.650±150 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
10	Cerâmica	-	TL	Inst. de Geociências da UFS	2050±140 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
13	Carvão (Fogueira 9)	AE 16/20	C14	Inst. Radiocarb. da Univ. de Lyon - França	3.270±135 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
15	Cerâmica	-	TL	LabDat/UFS	3865±398 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
20	Carvão	-	C14	Beta Analytic - USA	4790±80 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
20	Cerâmica	-	TL	Inst. de Geociências da UFS	4496±225 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
27	Carvão	Trincheira	C14	Beta Analytic - USA	7530±30 AP	Santana (2013)
30	Carvão	-	C14	Beta Analytic - USA	5570±70 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
40	Carvão (Fogueira 25)	AE 26/30	C14	Beta Analytic - USA	8.950±70 AP	Fagundes (2007) Vergne (2004)
48	Carvão	FL 21/25	C14	Beta Analytic - USA	12.220±50 AP	Santana (2013)

Ao promover um estudo sobre as fases de ocupação, Fagundes (2010b) subdivide o Justino em 5 períodos (com 9 ocupações distintas), partindo da fase 1 onde estão os enterramentos mais profundos ao 5, os superficiais, ilustrados conforme o próprio autor na figura 23. Para Fagundes (2010a), as ocupações do Justino são resultado de uma “[...] continuidade ‘biocultural’ nos oito milênios de ocupação, isto é, trata-se de um mesmo grupo” (FAGUNDES, 2010a p. 9).

Essas ocupações foram caracterizadas por Vergne (2004) como resultantes de grupos caçadores coletores, para as camadas (42-51) e os demais enquanto agricultores e ceramistas.

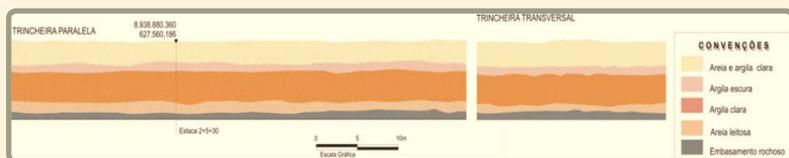
Figura 24 – Fases de ocupação do sítio Justino.

	FASES	NÚMERO DAS OCUPAÇÕES	DECAPAGENS	PROFUNDIDADES	DATAÇÕES
Cem A	Fase 05	02	03-01	Intervalo de 0,20 m entre 0,50 e 0,20 m	1280 ± 45 AP (decapagem 03)
		01	08-04	Intervalo de 0,40 m entre 1,00 e 0,50 m	1780 ± 60 AP (decapagem 06)
Cem B	Fase 04	01	15-09	Intervalo de 0,60 m entre 1,70 e 1,00 m	3270 ± 135 AP (decapagem 13)
					2650 ± 150 AP (decapagem 10)
		03	21-16	Intervalo de 0,50 m entre 2,30 e 1,70 m	4790 ± 80 AP (decapagem 20)
Cem C	Fase 03	02	28-22	Intervalo de 0,60 m entre 3,00 e 2,30 m	Sem datação
		01	34-29	Intervalo de 0,50 m entre 3,60 e 3,00 m	5570 ± 70 AP (decapagem 30)
	Fase 02	01	42-35	Intervalo de 0,70 m entre 4,40 e 3,60 m	8950 ± 70 AP (decapagem 40)
Cem D	Fase 01	02	50-43	Intervalo de 0,70 m entre 5,20 e 4,40 m	Sem datação
		01	64-51	Intervalo de 0,80 m entre 6,00 e 5,20 m	Sem datação

Fonte: Fagundes (2010b).

Tomando por base o perfil estratigráfico definido para o Justino, ilustrado na figura 24, e, em comparativo as fases de ocupação definidas por Fagundes (2010a; 2010b; 2007), o Quadro 8 aponta os intervalos de ocupação de cada fase inserida no perfil e as profundidades a eles atribuídos.

Figura 25 – Ilustração das Trincheiras do Justino em corte paralelo e transversal.



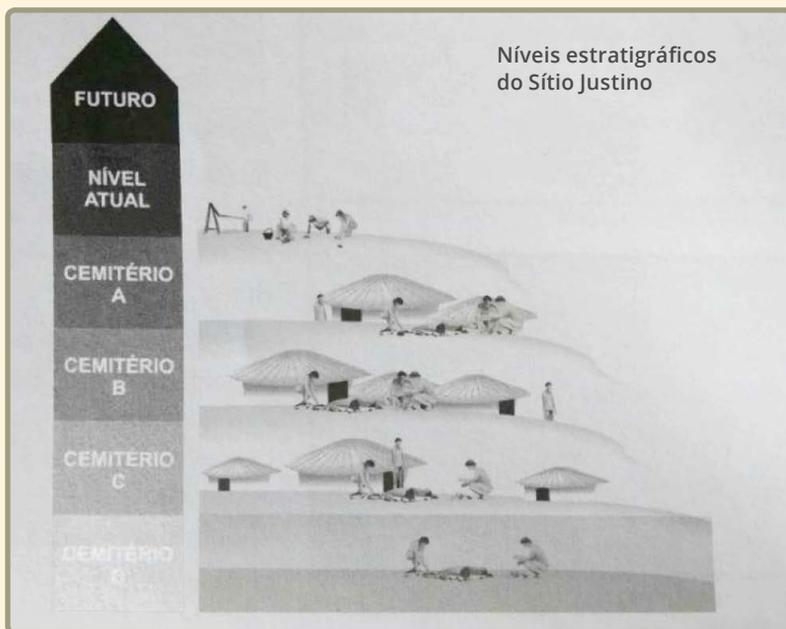
Fonte: Fagundes (2007).

Quadro 8 – Comparativo entre níveis estratigráficos definidos e fases de ocupação.

INTERVALOS DOS PACOTES	CARACTERÍSTICAS	FASES DE OCUPAÇÃO
0 - 1,45m	Coloração clara e com características de solo de areia e argila	04 e 05
1,45 - 2,28m	Camada formada por argila escura	03
2,28 - 4,00m	Também formada por argila, mas com a coloração mais escura	03
4,00 - 6,30m	Formada por areia leitosa	01 e 02

No que se refere à ocupação, o sítio foi definido enquanto cemitério e habitação, com base na presença e organização dos artefatos presentes em cada nível decapado. Uma ilustração do uso do Justino foi publicada na série didática 2, em que faz a apresentação do uso sucessivo do sítio, indicando moradia e processo de enterramento no mesmo local; além de uma suave reconfiguração do relevo local.

Figura 26 – Uso do Justino enquanto cemitério e habitação.



Fonte: MAX (2006). Ilustração: Santiago (2005).

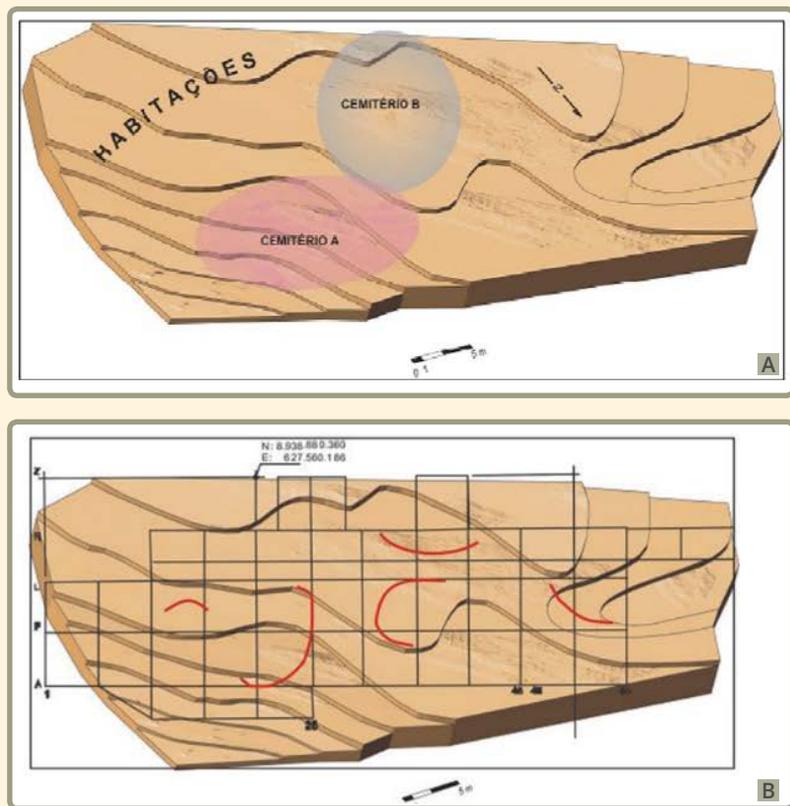
Foi definido então que, a ocupação se deu inicialmente por um grupo caçador-coletor, que utilizou o espaço do sítio, lascou artefatos líticos e enterraram os mortos entre o intervalo de 4,4 – 5,3 metros de profundidade e, as ocupações seguintes foram constituídas por grupos ceramistas, após um intervalo vazio de aproximadamente 1,30 m.

As Figuras 27 a e b ilustram as ocupações dos cemitérios A e B, com indicativo de área habitacional e cemiterial, e, em seguida, as demarcações de uso pelo chamado cemitério C.

As sepulturas são então organizadas com base nos cemitérios estabelecidos pela equipe de trabalho, ilustradas na Figura 28. No plano, é possível ver a distribuição dos esqueletos conforme identificação de setor e nível em suas etiquetas de identificação.

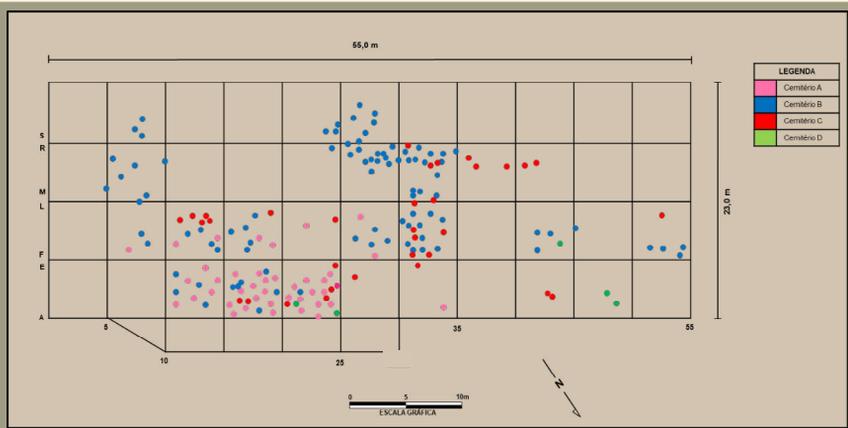
A ocupação dos grupos ceramistas resultou no maior quantitativo de artefatos identificados no sítio. Essas questões fizeram levantar questionamentos sobre os grupos presentes no Justino e, todo complexo de sítios de Xingó.

Figura 27 (A e B) – Ocupações do terraço do Justino pelos cemitérios A e B e uso do cemitério C, respectivamente.



Fonte: Fagundes (2007). Ilustração Santiago (2007), com adaptações de Fagundes.

Figura 28 – Distribuição espacial dos cemitérios A, B, C, D, estabelecidos pela equipe.



Fonte: Planta Baixa de Escavação, acervo do MAX. Alterado e adaptado.

A divisão quanto aos grupos ceramistas que ocuparam a região sanfranciscana, deixa de ser vista atualmente, através de novos estudos desenvolvidos nas últimas décadas, como unicamente compartilhada entre Tupiguaranis e os Aratus.

Essa afirmação dá espaço à compreensão de que grupos independentes produziam suas cerâmicas, muito bem elaboradas, antes mesmo da influência de qualquer uma das duas tradições. Martin (2008) afirma que essas

[...] conclusões simplistas e cômodas de se relacionar toda cerâmica pré-histórica com uma ou outra dessas tradições [...] estão sendo contestadas e admite-se a existência de grupos ceramistas independentes, não filiados a nenhuma dessas duas tradições, com cerâmicas locais que devem ser estudadas a partir dos seus atributos técnicos e utilitários, sem filiações apriorísticas (MARTIN, 2008, p. 208).

Um dos exemplos é o trabalho de Luna (2006) que, faz uma discussão sobre os grupos que ocuparam a região tanto costeira

quanto interiorana tendo como base a análise do material cerâmico, sobretudo os encontrados no sítio Justino.

Ela se propõe então a observar as características desse material, produzido anterior à influência dos Tupiguarani e Aratu, como independente e o utiliza então para levantar dados relacionados à origem de tais grupos assim vistos como independentes.

Considerando a cerâmica de Xingó como única e independente mesmo embebida de traços de diversos outros comuns em regiões próximas. Luna (2005) estabelece com base nas camadas mais antigas em que há cerâmica, que, apesar de independente, seu surgimento não se deu no local do sítio, demonstrando um conhecimento técnico prévio quando ela começa a aparecer nas camadas arqueológicas.

SEPULTURAS HUMANAS E ÁREAS SELECIONADAS

O sítio Justino, escavado obedecendo aos demais modelos adotados pelo PAX, conforme mencionado, nas aberturas das trincheiras havia um tamanho mínimo e sua amplitude estava associada ao quantitativo de vestígio encontrado, assim, o Justino demandou a maior extensão em área escavada.

A ritualidade funerária foi um dos elementos utilizados na caracterização do Justino no que se refere à sua ocupação espaço-temporal como é exposto por Vergne (2004). Segundo a autora. Foi com base nas organizações espaciais, temporais e contextuais que foram estabelecidos os cemitérios e, com o uso das datações absolutas nas camadas, atribuídas cronologias relativas aos referidos intervalos.

Ao analisar a área de ocupação do cemitério Justino, os 184 esqueletos humanos inseridos em 165 sepulturas, concentram-

-se principalmente em duas áreas demarcadas na Figura 29, com as atribuições I e II. A estas concentrações, não são até os momentos perceptíveis dados que comprovem uma uniformidade em relação aos esqueletos enterrados e seus rituais, levando em consideração os aspectos morfológicos ou simbólicos.

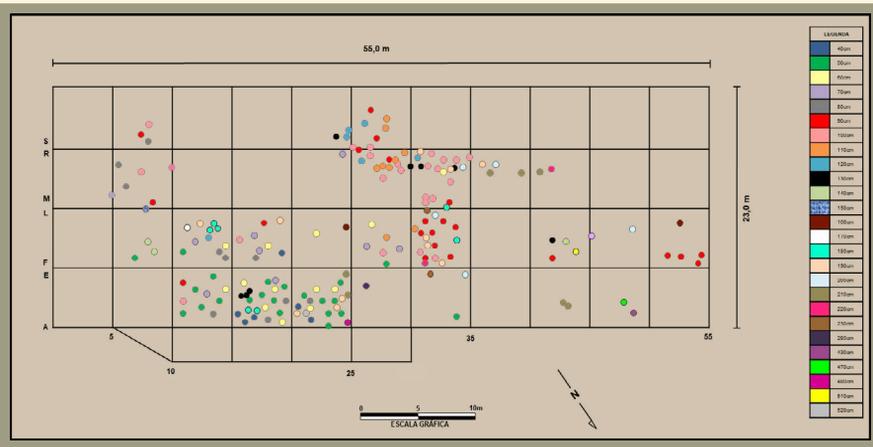
Um dos pontos a ser levantado para tais respostas está na afirmativa de ocupações continuadas, com as fases sequenciais como é apontada por Fagundes (2007) e a continuidade cultural vista através da cerâmica (LUNA, 2005). Essas sequências de ocupações então preservariam através da história oral os indicativos dos locais, mas, os motivos pelos quais este local foi escolhido seriam justificados pela sua localização privilegiada às margens do rio, mas, o próprio rio seria então responsável pela não preservação de parte da história do sítio.

Os artefatos que trouxera à luz novas proposições sobre o período que o sítio Justino foi utilizado como cemitério foram as contas de vidro em associação direta ou não a determinadas sepulturas. Com base neste elemento e, mantendo foco nos aspectos funerários e espaço-temporais do sítio, adotou-se o uso de um segundo elemento, os vasilhames cerâmicos, considerando que os 3 esqueletos já identificados com contas de vidro por Silva (2013), possuíam também vasilhames cerâmicos.

Com base em Luna (2005, p. 95), foram identificadas 23 sepulturas (ver Figura 30) que possuem um ou mais vasilhames cerâmicos como parte do conjunto funerário, empregadas enquanto acompanhamentos, urnas ou envoltórios. Levando em consideração os dois atributos (adornos + cerâmica), foram então selecionadas 10 sepulturas, descritas no Quadro 9, abordando o número das sepulturas, unidade, nível de deposição e o estado que estão depositadas atualmente¹⁵.

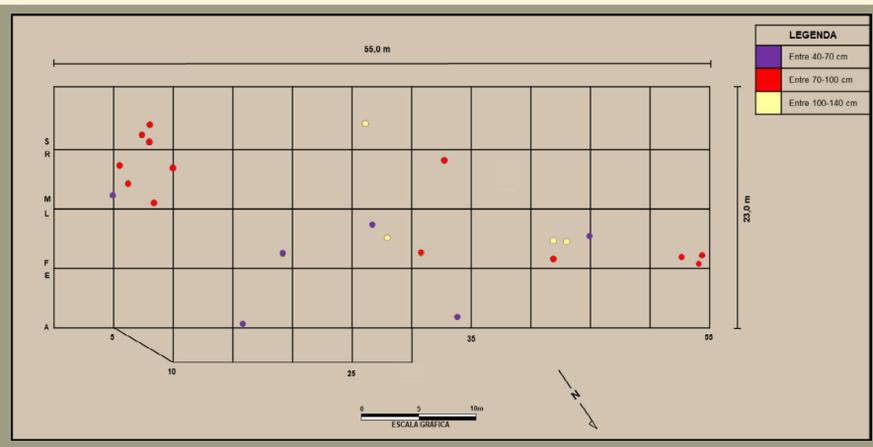
15 Algumas sepulturas do Justino ainda estão depositadas em casulo em sua reserva técnica

Figura 29 – Distribuição dos esqueletos do Justino a cada nível.



Planta Baixa de Escavação, acervo do MAX. Alterado e adaptado.

Figura 30 – Planta topográfica do sítio apresentando sepulturas exclusivamente com presença de vasilhames cerâmicos como acompanhamentos funerários.



Fonte: Acervo do MAX, planta topográfica, demais alterações, autoria própria.

Quadro 9 – Sepultamentos em que há associação com adornos e vasilhames cerâmicos em contexto funerário.

SEPULTAMENTOS COM ADORNOS E VASILHAMES CERÂMICOS			
Sepultura	Unidade de Escavação	Intervalo de Enterramento (cm)	Estado Atual
55	FL 31/35	70-100	Exumado
109	FL 41/45	70-100	Exumado
116	FL 41/45	100-140	Exumado
118	FL 41/45	100-140	Exumado
131	SX 6/10	70-100	Exumado
137	MR 6/10	70-100	Exumado
138	MR 6/10	70-100	Exumado
140	MR 6/10	70-100	Exumado
142	MR 6/10	70-100	Casulo
164	SX 6/10	70-100	Exumado
<i>FONTES</i>	Luna (2005)		

Promovendo uma revisão detalhada de todo conjunto de artefatos funerários resultando das 10 sepulturas, houve a confirmação da presença de conta de vidro unicamente em 4 sepulturas (55, 137, 138, 140), considerando então esta como a amostra final trabalhada nesta pesquisa.

Quanto aos artefatos, todos os presentes nas sepulturas foram selecionados, independentemente do tipo de matéria prima ou a origem local ou europeia de produção. Um dos critérios necessários para afirmar se havia mais algum material associado no interior de suas sepulturas era a exumação completa do esqueleto.

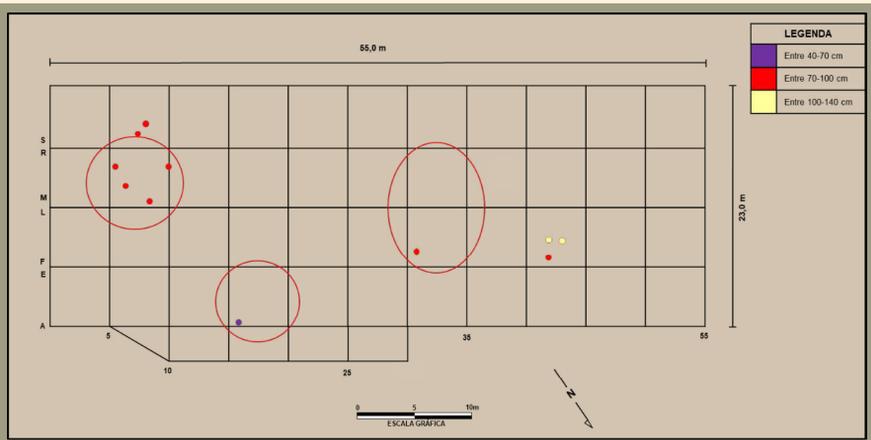
Dentre a amostra, apenas a sepultura 142 ainda se encontram em seu casulo. Esta sepultura foi utilizada para modelar uma réplica que compõe o acervo do Museu Arqueológico de Xingó, para tal,

utilizam um consolidante que formou uma película resistente em toda superfície da sepultura, unindo ossos e sedimentos.

Até o momento não foram desenvolvidos métodos de remoção do material que garantam a integridade completa da peça óssea e demais características, mesmo que já tenha sido aplicada alternativa (CARDOSO, 2015)¹⁶. Assim, optou-se pela não exumação do material, considerando apenas o conjunto de adornos já evidenciados para o esqueleto.

A Figura 31 apresenta as 10 sepulturas em que há presença de adornos e vasilhames cerâmicos, destacando as áreas em que foram identificadas as contas de vidro. As unidades MR 30/35 e AE 15/20 também são evidenciadas pois há presença de contas de vidro, referentes a estes locais, mas, sem uma associação direta a alguma sepultura.

Figura 31 – Planta topográfica apresentando as sepulturas em que há associação de vasilhames cerâmicos e adornos, em vermelho áreas em que foram identificadas contas de vidro.



Fonte: Acervo do MAX, planta topográfica, demais alterações, autoria própria.

16 CARDOSO, C. E. A aplicação de resina consolidante e a Arqueofauna nas práticas funerárias do sítio arqueológico Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, 2015.

Levando em consideração as quatro áreas selecionadas, são descritas abaixo algumas características básicas de cada unidade, evidenciando as sepulturas nelas depositadas e os principais intervalos de ocupação cemiterial. Também são descritas as quatro sepulturas que estavam depositadas com as contas de origem europeia.

Unidades

Unidade MR 6/10

Formada por 7 sepulturas entre 70-150 cm, identificados fragmentos cerâmicos e artefatos líticos desde os 10 primeiros centímetros escavados. Esta unidade fez parte do que foi considerado segunda etapa. Em uma área aproximada de 37 m acima do nível do mar, foram plotados para esta unidade as sepulturas 137, 138, 140, 142, 147, 150, 164, das quais, 6 sepulturas estão localizadas entre o intervalo de 70-100 cm, e uma entre 110-140 cm.

Unidade FL 31/35

Compreende uma das unidades com maior representatividade de sepultamentos humanos, nesta quadrícula de 5x5 foram identificadas 17 sepulturas com 21 esqueletos (54, 55, 55.1, 56, 58, 59, 90, 91, 92, 93, 94, 94.1, 94.2, 94.3, 95, 96, 105, 107, 129, 129.1, 130, 133). A unidade está inserida em uma das áreas (ver área II, Figura 29) com maior concentração de esqueletos, sozinha ela abriga 11,41% do quantitativo de indivíduos para todo o sítio.

Unidade AE16/20

O espaço em que esta unidade está inserida comporta uma das áreas com maior concentração de sepulturas (ver área I, figura 29), é nela que há, inclusive, o número mais expressivo de esqueletos, formada por 19 sepulturas e 22 indivíduos (1, 2.1, 2.2, 3,

4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 24, 30, 31, 32, 42, 42.1, 42.2, 83, 84). Inse-
rida em uma altitude entre 36-37 metros, este conjunto está mais
próximo ao rio São Francisco, que os referidos anteriormente.

Unidade MR31/35

Espaço que também possui uma representatividade signifi-
cativa com presença de 14 esqueletos (82, 98, 100, 101, 102, 104,
128, 144, 145, 146, 148, 153, 154, 155), dos quais há uma predo-
minância de jovens e sua maioria de sexo indeterminado. Esta
unidade está ao lado da FL 31/35 no sentido Sudoeste e está jun-
tamente com esta, inserida na área II, com maior concentração
de sepulturas (Figura 29).

Sepulturas

Esqueleto 55

Indivíduo depositado no que foi considerado sepultamento
duplo por Vergne (2004, p. 299), camada 11 (110 cm). Porém,
não há imagens que apresentem as duas sepulturas associadas,
não estando claro se ocorreram próximas ou se havia uma rela-
ção, assim, a sepultura 55, única com maior nível de preservação
e articulação foi considerada.

Com base em Carvalho (2007), que promoveu a eviden-
ciação e análise do material em casulo, e, utilizando métodos
específicos somados às análises desenvolvidas no curso de
sua pesquisa, o indivíduo foi classificado enquanto adulto¹⁷, de
sexo masculino¹⁸.

17 Utilizando os métodos de Acsádi et Nemeskéri (1970) e Masset (1983) não foi possível observar, com base em Brothwell (1972) mais de 40 anos, somada a análise da pesquisa em que as observações gerais o classificam quanto adulto, assim, a pesquisadora assim o definiu (CARVALHO, 2006, p. 100).

18 Com base no método Acsádi et Nemeskéri (1970) a determinação foi de masculino, por Bruzek (1991), também masculino e Bruzek et. al. (1996) indeterminado, fazendo a média e classificando enquanto masculino (CARVALHO, 206, p. 87).

Sua posição de enterramento é decúbito lateral direito e crânio orientado para oeste e face para sul. Além das informações, a autora afirma o estado de conservação ruim com algumas fragmentações. Foram associados artefatos em material lítico além do vasilhame cerâmico sobre o crânio, além dos referidos, foi evidenciado um conjunto formado por 10 contas associado ao indivíduo.

Figura 32 (A e B) – Esqueleto 55 em processo de evidenciação, as fotos demonstram sua aparição com o vasilhame cerâmico cobrindo o crânio e após sua exposição.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

Esqueleto 137

Depositado na camada 10 (100 cm), conforme Vergne (2006, p. 239) o esqueleto foi depositado em posição primária e em decúbito lateral direito. Tomando por base as observações bioantropológicas de Carvalho (2007), o esqueleto é masculino e adulto, seguindo os mesmos métodos apresentados para o esqueleto 55 (notas de rodapé). O estado de conservação ruim impossibilita demais observações relativas ao esqueleto. Silva (2013, p. 72) traz algumas observações sobre o esqueleto no que se refere ao seu nível de preservação.

Para a autora, as marcas, variações de coloração e desgastes estão associadas ao processo tafonômico. Ainda foram observadas marcas de consolidante em alguns ossos. O emprego da cerâmica ocorreu em conjunto com alguns artefatos líticos e adornos, compondo o enxoval funerário do indivíduo.

Figura 33 – Esqueleto 137 evidenciado em campo no período de escavação e em articulação posterior promovida por Silva (2013).



Fonte: Acervo Max (s/d), foto A; Silva (2013), foto B.

Esqueleto 138

Identificado na tese de Vergne (2004), o esqueleto feminino e secundário, o sepultamento foi exumado no desenvolvimento do trabalho de Silva (2013, p. 76-81) que o classificou enquanto não adulto com idade aproximada de 1 a 1,5 anos.

Sepultado em posição sentado, ainda com base na referida autora, o indivíduo apresentou um decaimento craniano associado ao emprego da cerâmica e posicionamento do corpo para receber o envoltório; além de haver permitido o espaço vazio dentro da área do sepultamento. Este espaço possibilita a movimentação de ossos e artefatos no decorrer do processo de decomposição.

Além do vasilhame cerâmico, foram identificados artefato em lítico e uma variedade de contas empregadas como adornos funerários. Este esqueleto não está contemplado na obra de Carvalho (2007), bem como o 140, fato esse que justifica a ausência de referência a citada autora.

Figura 34 – Esqueleto 138 em diversas etapas de trabalho.



Fonte: foto A - Acervo MAX (s/d), demais fotos Silva (2013). A - esqueleto evidenciado em campo; B - localizado na reserva do MAX em 2012; C - início do trabalho de evidênciação; D - em completa evidênciação; E - após a exumação e articulação.

Esqueleto 140

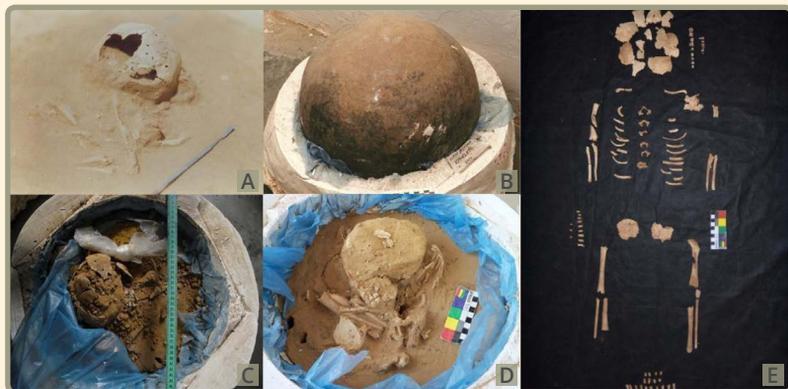
O indivíduo 140 foi exposto por Vergne (2004, p. 282) como secundário individual com face voltado para cima. A autora ainda o coloca enquanto não adulto localizado na camada 09 (90 cm) com orientação do crânio sudeste e face noroeste. Como todos os exemplares ósseos humanos do Justino.

Santos (2011, p. 80), que promoveu as primeiras exumações do material já em casulo, expõe o indivíduo enquanto de ordem primária, posição em decúbito lateral direito, com membros superiores e inferiores flexionados e em um intervalo etário de 4-6 anos.

Com base em Silva (2013, p. 75), o esqueleto foi classificado de 4 a 6 anos, seguindo o quadro de erupção dentária adaptado por Ubelaker (1989). A autora também propõe o posicionamento em decúbito lateral, e expõe imagens sequenciais do processo de exumação já com a utilização dos métodos propostos pela Arqueotematologia.

Bem como os demais esqueletos, há referência do recipiente cerâmicos e diversos adornos pertencentes ao indivíduo, a serem detalhados no capítulo de resultados.

Figura 35 – Esqueleto 140 em diversas etapas de trabalho.

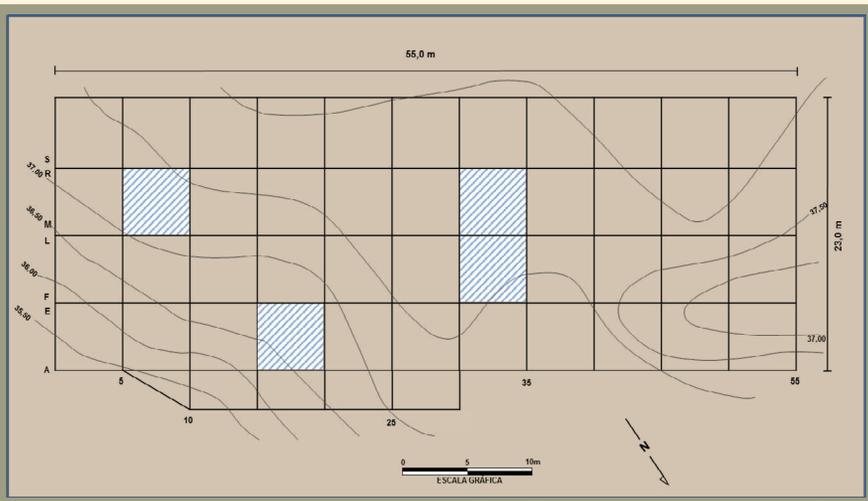


Fonte: Fotos A, B - Acervo MAX (s/d); Foto C - Acervo Olivia Carvalho (s/d); Fotos D, E - Silva (2013). A - esqueleto evidenciado em campo; B - em um segundo momento já localizado na reserva do MAX com vasilhame sobreposto; C - seu estado de conservação; D - em completa evidênciação; E - após a exumação e articulação.

Com base na seleção de unidades, as duas em que há sepultura com associação direta com as contas de vidro são FL31/35; MR6/10, a primeira mais a centro e a segunda a sudoeste, e, outras duas unidades em que há referência documental que evidenciam as contas: AE16/20 e MR 31/35.

As unidades situam-se entre 36,5 a 37,5m de altitude em relação ao nível do mar, conforme planta topográfica (ver figura 36), situadas em pontos distintos do terraço e com variações altimétricas, essas unidades, formadas em suas superfícies por deposições sedimentares, de cheias dos rios ou descidas dos altiplanos semiáridos (DOMINGUEZ e BRITCHA, 1997), estão inseridas no mesmo pacote estratigráfico apresentado para o sítio (FAGUNDES, 2007; VERGNE, 2004).

Figura 36 – Planta topográfica do Justino com curvas de níveis, em destaque, unidades em que foram identificadas contas de vidro.



Fonte: Acervo do MAX, planta topográfica, demais alterações, autoria própria.

4 MÉTODOS APLICADOS

“LEITURA” DOS SEPULTAMENTOS HUMANOS

Neste item é empregado dentro da leitura dos ambientes mortuários para compreender quais foram os aspectos levantados por Carvalho (2007) e Silva (2013) para afirmar o caráter primário das sepulturas abordadas na pesquisa, uma vez que, foram identificados artefatos de caráter técnicos e cronológicos que, destoam dos comumente presentes nos contextos funerários nativo-brasileiros do Justino.

Essa leitura se propõe então a apresentar os aspectos técnico-metodológicos aplicados na interpretação das áreas funerárias em seu conjunto, que são importantes para garantir a aplicação das contas de vidro, parte do enxoval funerário.

Os estudos arqueológicos envolvendo áreas funerárias acaba tendo maior notoriedade após o período de guerras, sendo que, o termo Arqueologia da Morte ou *Archaeology of Death*, torna-se conhecido em uma maior escala após os anos 70, tendo como principais centros a Inglaterra e os Estados Unidos.

Este estudo consiste então em um ramo que direciona a pesquisa arqueológica para uma esfera de áreas mortuárias; buscando respostas diretamente ligadas ao evento da morte e as práticas funerárias correlacionadas.

Em busca de uma abordagem conceitual, Ribeiro (2007) propõe a adoção do termo “Arqueologia das Práticas Mortuárias” uma vez que, para a autora o estudo não está buscando os elementos físicos ou direcionados a causa da morte, mas, os dados que permaneceram sobre as práticas ritualísticas que a envolvem através da materialidade.

Tomando por base os conceitos de Morte e Funerário, entende-se que a primeira está ligada ao “ato de morrer, deixar de ter vida”, enquanto funerário “diz respeito a óbito, o sepultamento como processo e cerimônia” (HOUAISS, 2009).

Desta forma, os estudos aqui serão tratados como mortuários ou funerários, estando o primeiro ligado ao processo da morte do indivíduo e o segundo, os aspectos relacionados como o modo em que foram enterrados, envolvendo suas sepulturas e os conjuntos materiais ou imateriais que compõem os rituais.

Ratificando esta abordagem, Souza (2010) destaca que o papel da arqueologia dentro deste viés não está no estudo da morte enquanto ela por si “[...] ou como fim último, mas enquanto fenômeno humano que proporciona vestígios materiais passíveis de análise das práticas rituais exercidas por uma determinada sociedade” (SOUZA, 2010, p. 7). Silva (2005) destaca que este estudo deve ser visto tendo como base

Os comportamentos mortuários (formas de deposição e tratamento do cadáver), os acompanhamentos funerários (artefatos depositados com o morto durante o funeral), a distribuição espacial do cemitério (localização, inserção ambiental, período de uso), mortalidade (causas da morte),

patologias e anomalias (características de morbidez que afligiam as populações) e a dieta e indicadores de saúde (SILVA, 2005, p. 38-39).

Estes aspectos apontados por Silva (2005) serão observados dos estudos realizados sistematicamente em sepultamentos humanos. Este novo olhar é incipiente nos anos 80 quando novos métodos, sobretudo específicos, são utilizados para fazer a leitura e interpretação de restos humanos em contextos arqueológicos.

É com base neste novo modo de análise que surge ainda na mesma década uma disciplina que tem como foco fusionar as atividades arqueológicas e bioantropológicas em campo, dentro das unidades de escavação. O ponto forte neste momento está em permitir ao especialista que, a sepultura seja vista em sua forma original, que toda configuração óssea e de acompanhamentos possam fornecer dados além dos preservados nos vestígios materiais, é entender o comportamento de cada artefato dentro de seus locais de depósito; fazendo então, a difícil tarefa de retroceder, de vê-los em seu momento original para que assim possa ser atribuído de forma adequada a cada um o seu papel no contexto funerário.

ARQUEOTANATOLOGIA

Foi Duday, antropólogo francês, que estruturou o método, a partir de seus trabalhos originais com Masset, no final dos anos 80, assim, a então conhecida como **l'anthropologie du terrain**, com o objetivo de atender as exigências quanto ao trabalho com remanescentes ósseos humanos em busca de uma compreensão sobre os fenômenos culturais ligados à Arqueologia e, em específico, Arqueologia Funerária (DUDAY, 2006).

O tema é muito bem aceito nos primeiros anos, mas após duas décadas, em 2005, é feita uma proposta de mudança, com base nas sugestões de Boulestin e o próprio DUDAY, deixando então a expressão Antropologia de lado, em função de suas variações interpretativas, sobretudo enquanto comparado aos países anglo-saxões.

O autor aponta que, na França e outros países neolatinos a antropologia é a disciplina que estuda o ser humano em sua dimensão biológica, já nos países anglo-saxônicos e no norte europeu são levadas em considerações tanto as dimensões biológicas quanto culturais do comportamento humano (DUDAY, 2006, p. 3).

Com base nas possibilidades interpretativas acerca da etimologia da palavra, a disciplina passa a ser então nominada de Arqueotematologia, incorporando o termo “tanatologia”, considerando o seu papel quanto aos estudos dos componentes biológicos e sociais da morte.

Considerando alguns textos que fundamentam e apontam o modo de trabalho dentro desta disciplina, (SILVA e CARVALHO, 2013; CARVALHO e SILVA, 2011; NEVES *et al*, 2012; CARVALHO, 2007; DUDAY, 2009; 2006; DUDAY e GUILLON, 2006; SIMON *et al*, 1999 e DUDAY *et al.*, 1990), ela é vista como responsável por conduzir a uma compreensão sobre o processo de reconstituição das ações acerca da morte, mantendo o foco no esqueleto humano e nos gestos e tratamentos oferecidos aos mortos.

A Arqueotematologia é então adotada neste trabalho por compreender que é essencial uma perfeita interpretação sobre a posição original de cada peça óssea e acompanhamento. Além disso, os demais aspectos biológicos a serem classificados, permite que, diante da realidade da pesquisa aqui proposta, sejam alcançadas algumas respostas sobre a população do Justino,

sobretudo em seu aspecto social e cronológico, tendo como base suas composições funerárias.

Diante do exposto, a Arqueotematologia é vista então através da leitura das práticas mortuárias empregadas (considerando a posição e estrutura dos enterramentos, além dos acompanhamentos presentes), o ambiente e o modo que ocorreu a decomposição (DUDAY, 2009; DUDAY e GUILLON, 2006; DUDAY *et al*, 1990).

Tomando por base as bibliografias de Duday, as leituras podem ser sintetizadas como visto no Quadro 2. Este modelo de divisão será então empregado na leitura dos espaços como eixos que direcionam cada momento da pesquisa.

Quadro 10 – Modo de leitura dos espaços funerários com base na Arqueotematologia.

LEITURA ARQUEOTANATOLÓGICA	
Práticas Mortuárias	Ambiente e Modo de decomposição
Posição e Tipo de enterramento, estrutura composta para o sepultamento, enxoval funerário.	Características do solo, local de escolha para a deposição, transformações ambientais, processo de decomposição cadavérica e esqueletização.

Baseado em Duday, 2009; Duday e Guillon, 2006; Duday *et al*, 1990.

O que se entende por práticas mortuárias são as atividades desempenhadas perante o morto, quando considerada sua posição no sepultamento e o tipo empregado, somado aos dados das sepulturas e suas composições.

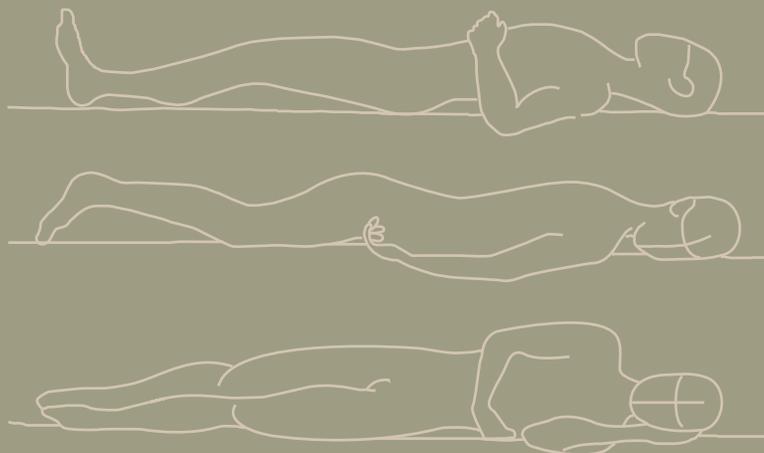
A posição de enterramento é o primeiro diagnóstico da composição original do morto. É necessário compreender a posição em que o indivíduo foi enterrado, considerando as variações de cada região anatômica, torna-se uma tarefa de maior ou menor complexidade de acordo com o contexto em que os sepultamentos estão inseridos.

Quanto aos modelos gerais de enterramento, temos as deposições em decúbito dorsal, decúbito ventral, decúbito lateral (direito e esquerdo), o que torna necessária a compreensão quanto à articulação geral dos esqueletos humanos e o posicionamento de cada peça óssea.

Vale ressaltar que, em muitos casos são empregados posicionamentos específicos aos sepultamentos, cabendo assim descrever cada região anatômica conforme suas alocações.

Um esqueleto é naturalmente identificado sendo composto por um ou mais tipo de posições.

Figura 37 – Posições do corpo humano de forma sequencial Decúbito Dorsal, Ventral e Lateral (esquerdo).



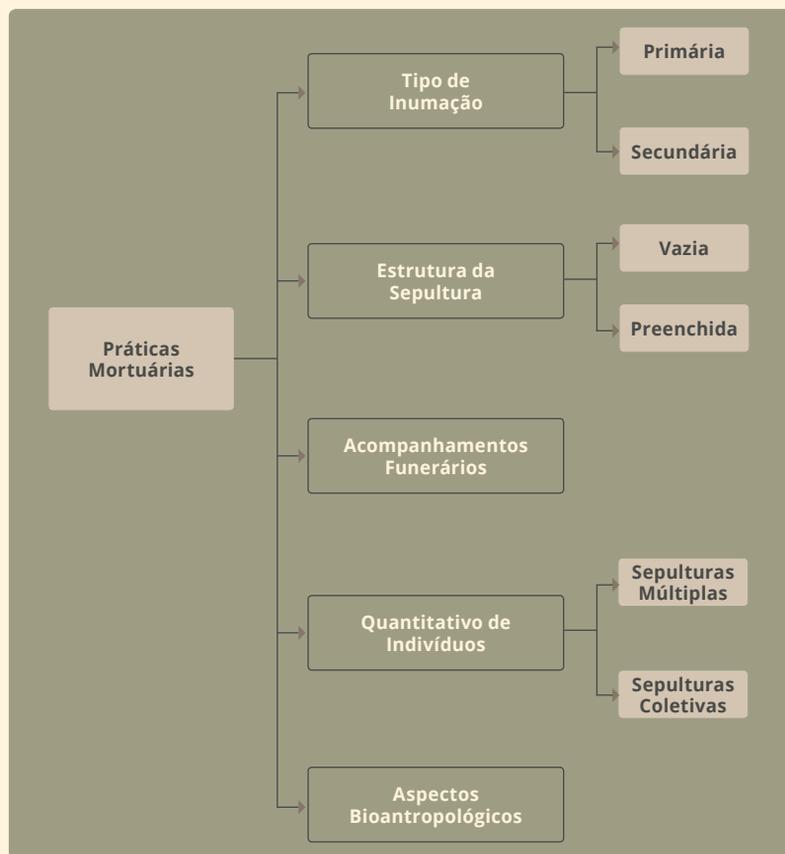
Fonte: <http://cienciasmorfológicas.webnode.pt/introdu%C3%A7%C3%A3o%20a%20anatomia/posi%C3%A7%C3%A3o%20anatomica/>.

As práticas mortuárias contemplam tudo que envolve o esqueleto dentro do espaço da sepultura. Com base na posição, são diagnosticados os dados sobre o tipo de sepultura (primária, se-

cundária), modo de enterramento (vazio ou preenchido), além do quantitativo de indivíduos (sepulturas múltiplas ou coletivas) e os acompanhamentos funerários (vestígios materiais diversificados).

Identificado como um dos pontos principais no que se refere ao material osteológico, este tópico será distribuído com base no esquema abaixo, tomando como base todas as práticas que envolvem o momento próximo ou posterior à morte.

Figura 38 – Esquema estrutural de leitura das Práticas Mortuárias.



Tipos de Inumação

Segundo os apontamentos feitos por Silva (2005-2006), as opiniões quanto às categorias dos tipos de inumações podem variar conforme o autor. Tomando por base a obra de Ubelaker (1996), o teórico defende a classificação enquanto enterramentos primários, secundários e cremações.

Considerando as afirmações de Uchôa (1973)¹⁹, a autora descreve que os tipos de enterramentos são classificados unicamente como primários e secundários, e, as variações podem estar ligadas ao seu quantitativo (simples, duplo, triplo, múltiplo) ou ao tipo de tratamento, como as cremações, que consiste em um processo redutivo de preparação do corpo.

A leitura dos gestos funerários e das particularidades que são buscadas dentro desse contexto depende da identificação e interpretação das “pistas” deixadas no cenário da sepultura.

Estrutura da Sepultura

Duday e Guillon (2006), explica que, para que seja promovida a leitura da posição original do indivíduo são levadas em considerações as modificações que ocorrem no ambiente, elas podem ser provocadas pelo processo de decomposição ou pelas alterações no espaço da sepultura por agentes bioturbadores.

Para a análise do indivíduo em sua posição original são considerados os pontos de articulações, as conexões anatômicas. Essas áreas são ligadas entre si, podendo estar mais ou menos propensas a uma desarticulação conforme o tipo de ligação.

19 UCHÔA, D. P. Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista. Tese de Doutorado. Rio Claro, 230p. 1973.

De um modo geral, o reconhecimento baseia-se na observação dessas conexões, que são classificadas enquanto frágeis (lábeis) ou permanentes (persistentes), sendo que, as lábeis (coluna cervical; mãos; parte distal dos pés) possuem um maior caráter informativo quanto ao tipo de sepultamento, uma vez que, o tempo necessário para que sofra os efeitos da decomposição é inferior aos encontrados nas conexões persistentes (articulação atlas-occipital; coluna lombar; região sacro-lombar; articulação sacro-ilíaca; articulação do joelho; articulação do tornozelo; tarso) (NEVES, *online*, 2009; DUDAY *et al.*, 1990).

Acompanhamentos Funerários

Os vestígios materiais evidenciados nos contextos das sepulturas são representados de forma variável, devendo então ser decodificados e interpretados como elementos de comunicação, únicos, e que nos lançam o desafio de identificar tanto as informações neles contidas como nos sepultamentos e consequentemente indivíduos a que foram associados no momento posterior a sua morte.

Silva (2005) aponta que, essa cultura material funerária é entendida como uma manifestação física das práticas funerárias e parte dessa cultura, podendo diferir, ou não, conforme o sexo, *status* social e outras particularidades. Esses bens poderiam também serem frutos de confecções feitas especialmente para o momento póstumo, sendo diferenciados tecnicamente e atribuídos ao evento ritual.

Castro (2009) defende que, esses artefatos devem ser considerados como portadores de identidades coletivas que para ela só podem ser construídas pelo que é visível, pelos artefatos e estruturas. Ela afirma que “as estruturas funerárias pré-his-

tóricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas” (CASTRO, 2009, p. 45-48).

Os artefatos são definidos enquanto objeto móvel, frutos da ação humana, quer seja por uma confecção direta ou modificação, que variam enquanto os elementos constituintes, formas e funções, essas, nem sempre compreensíveis.

O ato de escolher, capturar e processar, além do gasto energético na fabricação de artefatos, “a mensuração das áreas de captação de recursos originais, entre outros aspectos, podem tornar-se refletidos nos vestígios funerários e mensuráveis estatisticamente” (SILVA, 2005).

O estudo da cultura material funerária entendida como a manifestação física das práticas funerárias, e, portanto, de uma parcela da cultura de uma sociedade constitui outra vertente dos estudos voltados a essas práticas, especialmente aos acompanhamentos funerários (SILVA, 2005, p. 61).

Representados de forma variável, os artefatos devem ser interpretados como elementos para uma possível comunicação com as sociedades atuais, em se tratando de sítios pré-coloniais esse pode ser o único meio; cabendo então ao arqueólogo identificar as informações neles contidas, bem como nos sepultamentos e, conseqüentemente, nos indivíduos a que foram associados no momento de sua morte.

Sendo este um dos principais pontos abordados nesta pesquisa. Os acompanhamentos funerários são apresentados de forma variada, peças cerâmicas, artefatos líticos e adornos, esses, produzidos em materiais constituintes variáveis.

Quantitativo de Indivíduos

As sepulturas múltiplas ou coletivas são caracterizadas por um conjunto de enterramentos promovidos em um mesmo espaço onde a primeira se relaciona às deposições sucessivas em um mesmo espaço e as coletivas quando o enterramento ocorre concomitantemente, e, nos dois casos não há diferenciação de espaço entre eles (DUARTE, 2003).

De um modo geral, as caracterizações desses espaços são levantadas a partir de fatores já abordados no sepultamento primário, sendo que, em função do grau de complexidades dessas áreas de sepultamento, em alguns casos são necessárias abordagens específicas (DUDAY e GUILLON, 2006), sobretudo para individualizar cada esqueleto e compreender tanto a cronologia dos eventos quanto as alterações que podem ser provocadas em função da coletividade.

O número de indivíduos presente em uma sepultura coletiva ou múltipla é a atividade de maior complexidade dentro do processo de campo em espaços com essas características. Metodologicamente são atribuídas fórmulas de NMI para identificar o Número Mínimo de Indivíduos.

Neste momento, não é necessário entender o modo que essas pessoas são quantificadas, mas, as características que levam ao reconhecimento de suas individualizações. Duday e Guillon (*op. cit.*) apontam que o principal ponto de observação é entender a posição anatômica de cada esqueleto dentro da sepultura, para então passar aos estágios seguintes de cronologia e interpretação sobre os impactos que foram causados pelo uso do espaço de forma coletiva.

Aspectos Bioantropológicos

Desde o século XVIII, os estudos com esqueletos humanos tomaram um maior nível de organização e estruturação e transcorrem ao longo do tempo ampliando e diversificando suas pesquisas.

Das abordagens iniciais quanto à identificação e classificação principalmente cranianas, a área consolida-se como um campo muito mais amplo em busca de evidências partindo dos micros aos macros elementos e associado ao uso de equipamentos e técnicas avançadas que, ao englobarem conhecimentos arqueológicos, biológicos, médicos e antropológicos, atingem assim, uma compreensão muito além da morfologia ou morfometria humana, os aspectos bioculturais.

Em Antropologia, a osteometria compreende a ação de medir os ossos. Essa medição revela as variabilidades morfológicas dos ossos humanos dentro dos padrões naturais e estabelecidos. Uma importante bibliografia publicada em português é o Manual para estudos Craniométricos e Cranioscópicos que reúne informações técnicas sobre o modo de mensuração do crânio, sendo que para esta região em particular é dado o nome de craniometria.

Ela é definida como uma técnica ou sistema convencional e universal que determina a medição do crânio, permitindo então a avaliação comparativa entre estudos promovidos por diversos pesquisadores. “A craniometria tem a finalidade de complementar a inspeção visual do crânio (cranioscopia), corrigindo o acervo subjetivo das observações pessoais” (PEREIRA e MELLO E ALVIN, 1979).

Para os autores, o número de mensurações vai depender do objetivo de cada pesquisa, quando o que se deseja é ape-

nas uma caracterização geral de crânios, poucas medições já são suficientes. Para o estudo de pós-crânio, que deve cumprir o mesmo papel do craniano, não foi até o momento publicado em português nenhuma bibliografia que desempenhe o mesmo papel do manual acima referido, contudo, o clássico: *Standards – For data collection from human skeletal remains* (BUIKSTRA e UBELAKER, 1994) que propõe normas para coleta de dados em geral de restos humanos é de uso indispensável em qualquer pesquisa com material ósseo humano.

O conhecimento prévio das informações identificadas através das técnicas descritas acima permite que seja promovida a reconstituição dos esqueletos humanos, sendo a partir de então estabelecidas algumas características mais específicas quanto a sua biologia e o modo de vida praticado pelo indivíduo.

Retomando ao que é proposto pela Arqueotanatologia, o conjunto de métodos indicados para a fase laboratório pode ser aplicado em busca deste perfil bioarqueológico do indivíduo ao estabelecer alguns fatores. Um dos primeiros a ser considerados é a diferenciação sexual, que tem como principais bases autores como Antunes-Ferreira (2005); Campillo e Supirà (2004); Mays (1998); Buikstra e Ubelaker (1994), que apresentam parâmetros para observações específicas em cada elemento ósseo.

O estudo pretende diferenciar o sexo biológico que está fixado em seu material genético e que se expressa em seu fenótipo dependendo de fatores como o seu entorno, a dieta, estilo de vida e traços culturais. Essas diferenças são determinadas por reguladores de crescimento hormonal e endócrino que resultam em indivíduos diferenciados quanto a certas características e ao tamanho (ANTUNES-FERREIRA, 2005; MAYS, 1998).

De modo geral, os ossos de indivíduos femininos são menos robustos que os masculinos podendo apresentar cerca de

10% de menor volume (CAMPILLO e SUPIRÀ, 2004; MAYS, 1998). Embora o conjunto em geral do esqueleto deva ser analisado é através da pelve que o dimorfismo sexual²⁰ é mais evidente por apresentar características próprias e finalidades fisiológicas.

A estimativa de idade ou diagnóstico etário será realizada tendo por base a senescência²¹ do organismo e não a idade cronológica. Diferentemente do diagnóstico sexual, não aplicado comumente em indivíduos não adultos, a estimativa de idade torna-se mais eficaz neste grupo apresentando intervalos etários relativamente curtos se comparados com os adultos (CODINHA, 2008).

Analisando os dois grupos separadamente é possível estabelecer que, em indivíduos não adultos o meio mais seguro para a análise é segundo a cronologia da dentinogênese e da erupção dentária que apresenta períodos de erupção muito bem marcados pelo fator idade (CODINHA, 2008; ANTUNES-FERREIRA, 2005; CAMPILLO e SUPIRÀ, 2004; HERRADA, 2000; MAYS, 1998; PEREIRA e MELLO E ALVIN, 1979).

No caso dos adultos, a diagnose torna-se mais complexa como afirmam Campillo e Supirà (2004) tanto pela remodelação óssea, conseqüente do crescimento, quanto pelas variabilidades existentes entre as pessoas.

Para esse grupo, que apresenta um maior grau de dificuldade de classificação etária, a análise é comumente desenvolvida com a utilização de um conjunto de métodos que envolvem característica com estágio de desenvolvimento mais prolongado,

20 O dimorfismo consiste para Mays (1998, p.33) como a diferença nas formas entre o indivíduo masculino e feminino.

21 É a "qualidade ou estado de senescente, isto é, que está envelhecendo" FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

como a fusão das suturas cranianas, ou o início do processo degenerativo em áreas de articulações, fator esse bem marcante para os indivíduos adultos.

A estimativa de idade e determinação sexual do indivíduo representa um dos pré-requisitos antropológicos e biológicos fundamental em um trabalho de paleodemografia, uma vez que ela busca a reconstrução desses fatores biológicos e sociais.

Esses dados corroboram com a caracterização da população auxiliando também a identificação de algumas doenças que necessitam de um conhecimento quanto ao sexo e classe etária do indivíduo (ANTUNES-FERREIRA, 2005).

Indicativos de Saúde e Doença

A eficácia nutritiva, equilíbrio ou desequilíbrio alimentar pode ser indicado a partir do estudo da paleonutrição. A dieta pode relacionar-se ao processo de saúde-doença em diversos aspectos, e a análise da dentição permite que sejam reconhecidos importantes reflexos do comportamento alimentar.

Segundo Pereira e Mello e Alvin (1979), os dentes, em função de sua constituição mais mineralizada, serão os elementos mais duros e resistentes do corpo humano. Eles podem fornecer importantes informações sobre alguns aspectos culturais, fisiológicos, patológicos e alimentares.

Casos de alterações evidenciadas nos dentes refletem parte desses traços culturais como em dentes mutilados, resultados de ações traumáticas ou mesmo por hábitos artesanais, que alteram a anatomia dentária natural.

A paleodieta pode ser analisada através de algumas paleopatologias preservadas na estrutura dos dentes como cáries, abrasões e cálculos dentários. Para Wesolowski (2008), se for

observado o modelo ecológico de desenvolvimento da cárie ela pode ser entendida como “uma doença infecciosa complexamente modulada pela dieta e pelas condições ecológicas do ambiente oral” (WESOLOWSKI, 2008, p. 157).

Em referência aos desgastes apresentados nos dentes, eles podem relacionar-se com o conteúdo abrasivo presente no bolo alimentar e, a recuperação e análise de microvestígios presentes em cálculos dentários pode proporcionar novos dados sobre a subsistência do grupo. Além das dentárias, a evidência e os padrões de demais patologias têm uma ligação dinâmica com a cultura, a biologia e o ambiente.

Além da definição de valores de paleonutrição e paleoepidemiologia, a paleopatologia contribui para apresentar como as sociedades humanas respondem aos ataques patológicos e como são desenvolvidos os cuidados médicos e as soluções para algumas manifestações (DUARTE, 2003).

A paleopatologia pretende fazer uma ilustração da interação dos grupos humanos e como se adaptaram ao meio ambiente, permite obter deduções referentes ao estado sanitário das populações ancestrais a partir do diagnóstico das doenças que as afetaram, além da avaliação dos indicadores de stress não específicos (ANTUNES-FERREIRA, 2005, p. 59).

No estudo com os restos esqueléticos é levada em consideração que tais patologias são refletidas apenas com os indicativos que sobreviveram após a morte. Ainda é importante salientar que, muitas patologias conduzem a respostas esqueléticas morfológicamente similares, tornando assim o diagnóstico específico ainda mais difícil.

Em caso de doenças específicas como as causadas por agentes patogênicos, alguns indicadores podem contribuir para a história de propagação da própria doença como as diversas de origem europeia que adentraram no território americano.

As lesões traumáticas tornaram-se também um dos principais pontos debatidos entre os especialistas, uma vez que, é necessário compreender o momento que ocorreu a fratura, considerando que eles podem ser um indicativo de violência, condições de vida ou mesmo resultados do processo de alterações do meio após o seu enterramento.



5 OS ADORNOS FUNERÁRIOS

Adornar é o ato ou efeito de enfeitar, de inserir um adorno em alguém ou alguma coisa. Os adornos vão variar em função dos aspectos temporais e culturais de cada sociedade do qual é fruto ou nela foi inserido.

No viés da arqueologia funerária, os adornos são interpretados enquanto parte de um enxoval funerário depositado em conjunto com o morto, trazendo à luz das pesquisas interpretações tanto em caráter material quanto imaterial. Os valores atribuídos aos artefatos elucidam questões tanto em seu caráter simbólico, quando analisado, por exemplo, com base na organização de sociedade como proposto por Binford (1971), ou com base no tipo de matéria-prima empregada e morfologia de cada peça.

Considerando o contexto arqueológico nacional, o emprego de adereços em ambientes mortuários consiste em um importante elemento para a leitura de atributos conferidos ao morto. O trabalho de Castro (2009) apresenta um conjunto de práticas rituais, tendo como base dados etnográficos, em que grupos indígenas do Norte e Centro-Oeste do país (Krahó/GO;

Kayapó/PA; Kamayurá/MT; Tapirapé/MT)²² empregam determinados adornos com base em critérios como *status*, sexo ou idade do indivíduo.

Com base na leitura referente aos artefatos, sabe-se que pouco é preservado tanto em caráter material quanto simbólico. Desta forma, o principal elemento sustentado neste estudo baseia-se na variedade morfológica, decorativo e de composição das peças, sobretudo entendendo o adorno como portador de determinados atributos capazes de situar o uso do cemitério em um espaço temporal.

Nesse sentido, os aspectos dos adornos nativo-americano e o europeu são diferentes. Aos adornos comuns em ambientes pré-coloniais, são conferidos valores associados ao tipo de matéria prima empregada, morfologia das peças, além das associações entre os materiais provenientes de diferentes sítios de uma mesma região, com diferenças cronológicas, que, segundo Silva (2005, p. 16), “possibilitem a identificação de mudanças em tradições de oferendas e de organização dos sepultamentos”.

No que compete as contas de origem europeia, os atributos considerados essenciais estão na morfologia e decoração, uma vez que suas produções estão bem marcadas a nível cronológico, ligadas sobretudo ao início do uso de técnicas específicas e principais centros produtores, sobretudo enfatizando entre o século XVII e XIX (SPECTOR, 1976).

22 Os Krahó/GO associam plumas aos sepultamentos femininos (CUNHA, 1978); Kayapó/PA atribuem ao homem uma braçadeira de pena de arara (VIDAL, 1977); Kamayurá/MT para as mulheres a atribuição é de colares de miçangas e de disco de concha e de placas de caramujo, cocar, enquanto que os homens recebem braçadeira de algodão e de flores-de-plumas, cinto de miçangas de fio de algodão e por vezes de disco de concha, joelheiras, jarreteiras e perneiras (...), colar de casca de caramujo, brincos e cocar. Aos Pajés são adicionadas várias voltas de fio de algodão no pulso esquerdo (AGOSTINO, 1974) e Tapirapé/MT incorporam ao enterramento um estojo peniano (BALDUS, 1970). (CASTRO, 2009)

Já em meados da década de 70, Spector (1976), chama a atenção para o potencial informativo que as contas de vidro, identificadas principalmente em sítios históricos no continente americano, possibilitam, enfatizando a associação de dados arqueológicos e etno-históricos.

Brito (2015) levanta a questão da escassez de trabalhos ligados à produção e comércio de contas de vidro na América do Sul, com base nas afirmações da autora, a produção bibliográfica está fundamentalmente concentrada na América do Norte e Europa.

A presença de contas de vidro está documentada como artefatos presentes no sítio Aldeia da Serra do Macaguá 123, classificado enquanto ocupação Tupinambá, localizado na serra da Santana, município Tenente Laurentino Cruz/RN (NOGUEIRA, 2011).

Com base em Nogueira (2011, p. 175-176), há registros históricos que fazem referência para a presença Tupi no semi-árido nordestino entre os séculos XVII e XVIII, mas, mesmo não descartando que isso possa ter ocorrido ainda antes do XVII. A autora atribui a ocupação do sítio por um grupo Tupinambá tardio, histórico, vindo do litoral em busca de melhores lugares para moradia, pós-colonização. Com base na análise deste mesmo conjunto de artefatos, Sena (2013), traz novas perspectivas sobre o estudo de vestígios de períodos de contato com produtos originalmente indígenas.

Abordando a relação da cerâmica Tupinambá associada com contas de vidro azul europeias, a autora traz uma visão sobre o uso desses elementos como marcadores de mudanças culturais e na formação do que considerou “identidades flexíveis”,

23 Além da conta de vidro foram identificados outros vestígios: cerâmica neo-brasileira, louça, grês, metal e vidros (NOGUEIRA, 2011, p. 22).

englobando tanto o período histórico como em épocas anteriores ao contato (SENA, 2013).

Diferentemente dos produtos artesanalmente produzidos pelos grupos indígenas, o foco dessa cultura material industrializada passa a ser justamente nessa relação de troca e a incorporação e não necessariamente substituição, nos rituais funerários.

Para o médio São Francisco, o trabalho de Silva (2003) apresenta um estudo de sítios arqueológicos pernambucanos, inseridos na cultura Itaparica e, na Ilha de Sorobabel, Itacuruba/PE. No sítio, cujo nome é semelhante ao da ilha, o contato entre o nativo-europeu tornou-se evidente através da identificação de diversos artefatos exógenos à cultura local, sobretudo a presença de contas de vidro associados a restos humanos em urna funerária.

De acordo em Silva (2003), as urnas foram identificadas ao fundo de uma área com grande macha escura do solo, definida enquanto habitação. Dentre as 4 urnas descritas, em todas há a presença de conta, as de origem europeia foram identificadas apenas em uma, as demais, eram produzidas em ossos de animais e calcário. A autora então afirma que, essas urnas “[...] refletem as crenças das populações nativas em choque com os costumes impostos pela cultura transmigrada, observando-se quanto os rituais de inumação foram modificados com a inclusão de elementos da cultura exógena” (SILVA, 2003, p. 298).

Martin (2008) relata sítios no Nordeste em que há presença de diversos tipos de adornos, produzidos substancialmente em material ósseo faunístico, como os pingentes de ossos de cervídeo localizados no sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas/RN ou as contas e pingentes de ossos presentes na Pedra do Caboclo, Bom Jardim/PE.

Guidon e Luz (2009) relatam a descrição de um dos esqueletos identificados na Toca do Enoque na Serra das Confusões/

Piauí que “[...] apresentavam-se com um enxoval funerário composto por colares de dentes e ossos de animais trabalhados e perfurados”. Dentre os sítios estudados por Castro (2009), são identificados adornos produzidos em dentes e ossos para os sítios Furna do Estrago/PE e Justino/SE.

MÉTODOS APLICADOS NA ANÁLISE DOS ADORNOS

Com base no exposto, os adornos, segregados quanto a sua origem nativa ou europeia, serão analisados com base em critérios morfológicos, comum aos dois, somados a análises específicas.

Sprague (1985) toca em um ponto importante em seu estudo sobre processos de manufatura e centros produtores de contas de vidro, com base no autor As pesquisas com esse tipo de artefatos devem ser conduzidas com base em três perspectivas, estando a primeira focada na análise efetiva da peça, somada aos dados advindos da pesquisa histórica e, finalmente a uma análise cultural.

Essas três variáveis podem então ser entendidas como etapas complementares, uma vez que, os dados advindos de suas individualidades só trazem um real sentido ao estudo da peça quando observados conjuntamente.

Aos artefatos pré-coloniais, podemos então adotar as perspectivas com o foco na análise da peça e seus diversos aspectos, somados a dados que possam estabelecer uma similaridade entre sítios.

Adornos Coloniais

Levando em consideração as contas de vidro, os aspectos de análise proposto para a peça, serão assim definidos como critérios de caracterização: técnica de manufatura, tipo, forma, cor, elemento decorativo, tipo e a morfologia da peça.

Adicionando então dados advindos de documentos históricos relativos aos centros e períodos de produção. Com base nos referidos aspectos, e, levando em consideração modelos de cadastro de contas como o apresentado por Brito (2015, p. 76), Figura 39, e, Karklins (1985, p. 118), Figura 40, foi elaborada uma ficha de cadastro individualizado para cada peça, a ser apresentada e descrita conforme cada item abordado (Figura 41).

As duas primeiras linhas são destinadas ao registro de dados gerais do sítio ou indivíduo, seguindo, o objetivo é descrever o tipo de matéria-prima adotada para a confecção da peça, seguindo de sua origem pré ou pós-colonial definido conforme o tipo de material constituinte e características gerais abordadas. É importante ressaltar que, o tipo de matéria-prima adotada vai interferir em diversos aspectos como, técnicas de manufatura, decorações e a própria configuração da peça.

O local de origem e período de produção são aspectos que dependem de características específicas da peça. Mesmo sem haver uma precisão quanto ao período em que as contas de vidro começaram a ser produzidas, sabe-se que, a produção ocorreu em distintas regiões²⁴, mas, é no século XIII, em Veneza, que já de-

24 Brito (2015) aponta que antes mesmo desse período contas foram produzidas em diversas partes da Europa, Karklins (1985) descreve regiões como a Boêmia (atual República Tcheca), Holanda somadas ainda a Alemanha, Áustria, Inglaterra, França e China como produtores e exportadores de contas para o Novo Mundo.

tinha a manufatura do vidro desde provavelmente entre os séculos VII e VIII; que há um forte crescimento marcando inclusive um maior nível de organização no critério produção (BRITO, 2015).

Segundo Brito (2015) levanta questões como dados documentais que relatam em 1224 notícias relativas a multas destinadas a corporações de artesãos, dando aí a confirmação de um nível de organização mesmo nas primeiras décadas do século XIII. A definição do centro de origem a que as contas estão associadas é um problema, levantado por Karklins (1985, p. 114) desde a década de 80, o autor associa esta dificuldade principalmente ao baixo quantitativo de peças recuperadas.

Esta definição se dá então pelo através da leitura de outros atributos, fazendo assim então o estabelecimento de forma relativa. Um exemplo a ser apresentado está na definição que o próprio Karklins (1993) faz, anos mais tarde, quanto ao método de produção *speo*, em que o autor associa a Veneza/Murano.

Este método consiste na manipulação das contas feitas pela técnica *Drawn*, os métodos foram evoluindo com o passar do tempo, instituídos com base no tipo da conta, e, tentando minimizar o tempo e falhas, além do aperfeiçoamento das contas. Um importante elemento utilizado tanto para caracterizar a conta quanto o seu centro produtor estão na definição das técnicas de manufatura. Distribuídas entre quatro grupos principais (*Lamp-wound*, ou, simplesmente *wound*; *draw-beads*, *blowing* ou Molde). Essas técnicas permitem compreender o aperfeiçoamento transcorrido ao longo dos séculos, a transformação dos centros artesanais em produções em larga escala, sobretudo após o crescente mercado advindo das necessidades da expansão mercantilista.

As técnicas foram então sintetizadas no quadro 11, demonstrando o modo de produção, centros de produção a que estão associados, períodos e bibliografia de referência.

Figura 39 – Modelo de Ficha de Catalogação para Banco de Dados.

Cadastro de Contas

Código: Brilho:

Área: Cor:

Profundidade: Diferençades:

Material de Composição: Descrição da decoração:

Manufatura: Origem:

Estrutura: Idade:

Modificação: Informações Adicionais:

Forma:

Medidas: Anexos:

Fonte: (BRITO, 2015).

Figura 40 – Modelo apresentado pelo Catálogo de contas de vidro do século XIX.

Paris Canada		OBJECT CATALOGUE CATALOGUE D'OBJET		1. 0,0,8Z0,9,9A0,2,3-0,0,0,4	
3. LOCATION ENDRIT HEADQUARTERS				4. REFERENCE NO NO DE REFERENCE	
5. GROUP GROUPE GLASS			6. CATEGORY CATEGORIE PERSONAL / DOMESTIC		
7. SUB CATEGORY SOUS CATEGORIE ORNAMENT					
8. ARTICLE BEAD			9. MODEL MODELE CORNALINE D'ALEPPO		
10. TYPE GENRE WIIIb *					
11. PATENT NO NO DE BREVET		12. SERIAL NO NO DE SERIE		13. QUANT. 2	
14. AScription ATTRIBUTION					
15. MAKER FABRICANT					
16. PERIOD FROM PERIODE DU		TO AU		17. DATE 1852-1886 (site date)	
18. MATERIAL MATERIEL GLASS					
19. MANUFACTURE FABRICATION WOUND					
20. DIMENSIONS L: 9.3 mm , 8.7 mm D: 4.6 mm , 4.2 mm					
21. DESCRIPTION Composite ; CYLINDRICAL Body : tsp. scarlet (7 pa) outer layer , op. white (a) core ; perforation tapers slightly ; shiny surface ; distinct wind marks in both layers of glass.					
22. DECORATION DECORATION Inlaid : a floral wreath of op. bright blue (16 lc) on op. white (a) about the middle , and a ring of op. light gold (2 ic) around either end.					
23. MARKS MARQUES					
24. CONDITION ETAT COMPLETE					
25. CONSERVATION					
26. MENDS COLLAGES					
27. PHOTOS PHOTOGRAPHIES RA-98W			28. DRAWINGS DESSINS		
29. PUBLICATIONS					
30. COMMENTS OBSERVATIONS Ends battered					
31. CATALOGUER PREPARE AU CATALOGUE T.E. LAWRENCE				32. DATE 2,5,03,80	
PC 693 (7-78)					

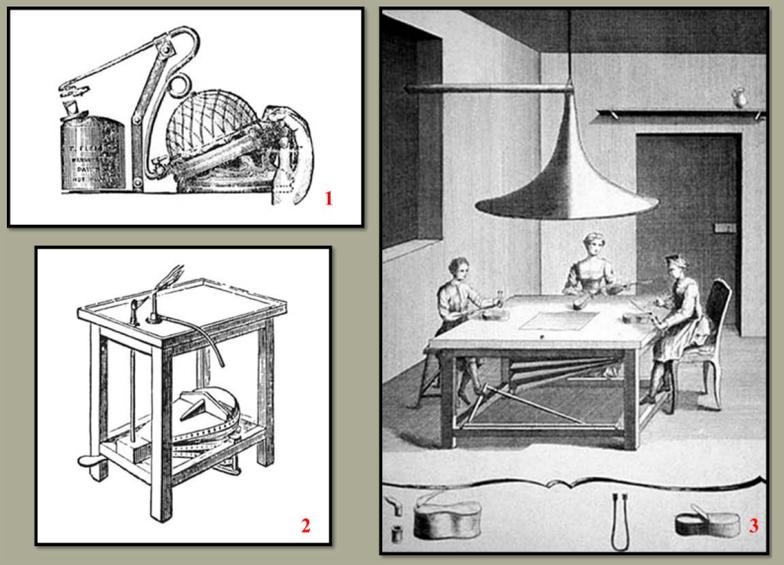
Fonte: (KARKLINS, 1985, p.118).

Figura 41 – Modelo de Ficha de Catalogação para Banco de Dados.

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL		
Sítio Arqueológico		Nº Tombo:
Esqueleto Associado:	Unidade:	Nível:
Material Composição	Quantidade: () Unitária () Conjunto _____	
Local de Origem	Imagem	
Técnica de Manufatura		
Período de Produção		
Tipo		
Morfologia da Peça		
Decoração		
Dimensões		
Observações:		

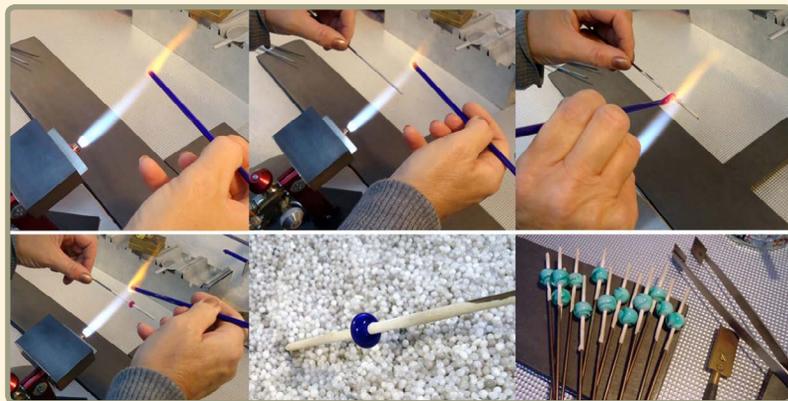
A *lamp-wound* é a técnica que apresenta maior número de transformações de aperfeiçoamento. A técnica recebeu este nome, pois no início eram utilizadas chamas em uma lâmpada de óleo, daí o termo "*lamp*", e que requeriam a manutenção do fogo com base na presença de oxigênio por meio de um tubo, feito através do sopro humano, as condições de trabalho não sendo possíveis. A técnica foi aperfeiçoada, perceptível através da sequência de imagens (ver Figura 42), e, esse tipo de produção requeria um nível de detalhamento maior, então, não era incomum encontrar uma mulher em meio à produção, diferente do que ocorria com as Draw, uma vez que, o serviço era então mais pesado. A técnica ainda é utilizada nos dias atuais, com novos modelos de produção de chama (Figura 43), acabamento e decoração das peças.

Figura 42 – Evolução do mecanismo de bombeamento de oxigênio para a produção da *lamp-wound*..



Fonte: https://www.bigbeadlittlebead.com/guides_and_information/guide_to_making_lampwork_glass_beads.php

Figura 43 – Produção atual moderna da Técnica *lamp-wound*.



Fonte: https://www.bigbeadlittlebead.com/guides_and_information/guide_to_making_lampwork_glass_beads.php

No que compete as *draw-beads*, a descoberta da técnica ocorre em 1500 aproximadamente e pode-se dizer que revolucionou na produção em larga escala. Essas peças eram produzidas e depois modeladas e a variação marcou séculos a frente, tendo instrumentos modificados e o aperfeiçoamento de métodos para garantir a variação das contas, com dimensões distintas, mesmo partindo de um mesmo princípio dos tubos de vidro. Seguiam processos de polimento, decorações.

Algumas peças características dessa técnica de manufatura são mantidas como os próprios tubos alongados, além de tratamentos como facetas e linhas, inseridas às vezes após a produção iniciada da peça. Abordando as peças produzidas com base no sopro, não há dados que possam dar mais subsídios para entender e caracterizar as peças, e, sabe-se que, a sua incidência em sítios com registro arqueológico.

Os moldes (Figura 44) foram utilizados, sobretudo no XIX e marcam de forma bem incisiva a produção semelhante a outros artefatos de vidro, como as garrafas. Em geral os moldes eram pequenos e, uma das características para identificar uma conta modelada é buscar as marcas de linhas no sentido vertical.

As formas também deixam marcas nas áreas de contato entre as duas partes, essa marca é resultante do excedente de material, expulso quando as peças são fechadas e, após a introdução do ferro.

Figura 44 – Manipulação dos tubos de vidro produzidos pela técnica *Drawn*, utilizando o método *speo*, com diâmetro aproximado de 4mm.



Fonte: Karklins, 1993. Pintura realizada pelo artista Jacob van Loo que viveu entre 1614-1640.

Bem como os demais aspectos, a classificação quanto à morfologia e decoração esses atributos auxiliam na classificação geral das contas e melhor compreensão, sobretudo sobre o contexto em que foram produzidas, associados ao que foram identificadas.

Com base em modelos padrões a serem adotados para tais classificações, é utilizado o trabalho de Beck (2006), *Classification and Nomenclature of Beads and Pendants*, em busca de uma padronização quanto às formas, perfurações e decoração, por entender que, a obra é uma grande referência para a análise técnica dos objetos.

Considerando as tabelas de classificação construídas pelo autor a partir de amostras variadas, adotando categorias gerais como contas regulares redondas, regulares facetadas, tipos especiais e irregulares de contas e pingentes.

Dentre essas quatro principais categorias, o autor cria subdivisões que permitem que sejam criados grupos mais específicos quanto às formas, tomando essa como uma das principais características a ser analisada.

Com base neste guia então serão classificadas as formas enquanto redonda (com subcategorias circular, elíptica, ovoide, lenticular, plano-convexo, semicircular, circular e plano) ou tubular, estabelecendo então uma correlação inclusive com as técnicas de manufatura. No que tange ao aspecto da coloração, as classificações são estabelecidas com base na escala de cor Munsell, a partir do que foi apresentando por Beck (2006) e Ross (1990).

Quadro 11 – Descrição das Técnicas de Manufatura para a produção de Contas de Vidro na Europa entre os séculos XV e XIX.

CLASSIFICAÇÃO DE TÉCNICAS DE MANUFATURA PARA PRODUÇÃO DE CONTAS DE VIDRO					
Técnica	Modo de Produção	Período	Centro de Produção	Bibliografia	Observação
<i>Lamp-wound, Lamp-work, Winding ou Wound</i>	Inicialmente praticada com o gotejamento foi substituída pelo aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.	Primeira técnica de produção e entre 1470 e 1490 substitui o gotejamento pelos filigranas.	Inicia em Veneza em uma data não tão precisa, mas no XV já é notada sua presença. No XVI França e Holanda conhecem a técnica em função da migração de Artesãos e Boêmia só utiliza no XIX.	Moretti (2012) Brito (2005)	-
<i>Drawn Beads ou Cane</i>	Produção de uma massa de vidro inserida em uma haste deixando um espaço interno que, uma vez aquecida, é utilizada uma nova haste para promover um alongamento em longos tubos, com orifícios internos e estendidos no chão sobre peças de madeira. Após o tubo pronto é feito o corte e demais acabamentos como polimento e decoração.	Iniciada no XV com aprimoramento em 1822 onde o corte dos tubos passa a ser mecânico.	Veneza/Murano em 1500 e Holandeses mais tarde no século XVII	Karklins (1974); Moretti (2012); Brito (2005)	Dentre as técnicas há os tipos: <i>Rosetas, Chevrons</i> ou <i>Star beads</i> . Os métodos variaram tendo um tipo como a <i>speo</i> .
<i>Blowing</i>	Feita a mão livre com o uso do sopro em um tubo e a modelagem em mão livre.	Sem dados	Não há informações precisas, sabe-se que entrou em desuso por ser uma técnica demorada, não atendendo assim a demanda	Brito (2015)	-
<i>Molde</i>	Produzida de duas formas. Na primeira era feita uma massa de vidro e inserida no interior de uma forma dividida em duas partes, seguindo da perfuração no centro com uma vara de metal. O segundo modelo continuava utilizando formas em duas partes mas elas eram desta vez colocadas para fechar um bastão de vidro, seguindo da perfuração semelhante o tipo anterior. Esta segunda técnica também é conhecida como <i>pressed-molded</i> .	Segunda metade do XIX	Veneza e Boêmia <i>Czech Bead</i> era característica da Boêmia.	Karklins (1974); Moretti (2012); Brito (2005)	-

Adornos Nativos

Diante da configuração que se entende sobre os estudos com artefatos do tipo adornos dentro da configuração do contexto pré-colonial brasileiro, não há um padrão adotado para analisar técnico ou morfológicamente tais peças. Com base nesta afirmativa, e levando em consideração os procedimentos metodológicos adotados para o estudo dos artefatos líticos, foi estabelecido um modelo de trabalho que busca estabelecer um direcionamento para as pesquisas com adornos nativo-brasileiros.

Trabalhos como o de Silva *et al.* (2013) já trazem algumas configurações para classificação no que tange a forma, características morfológicas e de produção das peças. Com isso, não há uma metodologia estabelecida para a análise de tais artefatos, sobretudo considerando a variedade de matéria-prima e formas, é então proposta uma configuração de análise para as peças, em busca de atributos técnicos que caracterizem o modo de produção das peças, sobretudo por ser diferente do material lítico, já estar definido o uso de cada peça.

Com base nas afirmativas acima, são então estabelecidos os critérios:

- Material Composição;
- Tipologia;
- Técnicas de manufatura, acabamento/decoração;
- Morfologia da peça;
- Morfometria da peça;
- Alterações tafonômicas;

Consolidadas em uma tabela específica (Figura 45), criada com base nos referidos aspectos, as informações são explicitadas em função de cada categoria estabelecida. O processo de análise desses acompanhamentos identificados então em con-

texto arqueológico funerário segue padrões gerais e específicos que podem variar conforme o tipo de matéria prima empregado.

Os principais adornos resultantes de contexto brasileiro são produzidos a partir de ossos, dentes e conchas, seguindo de materiais minerais e outras variáveis.

Uso dos Ossos e Dentes de Animais

Com base nas afirmativas de Martin (2008, p. 221), o uso de material ósseo está restrito, em função dos achados, aos adornos e instrumentos musicais, encontrados principalmente em associação aos sepultamentos.

O material ósseo era utilizado para produzir contas, como é visto em Martin (op. cit.), onde a autora aponta a presença de contas produzidas a partir de ossos de pequenas aves além de ossos de cervídeos.

Além dos apontamentos da referida autora, a tese de Castro (2009) promove um trabalho específico com contas e pingentes buscando marcadores de identidades coletivas entre os grupos estudados no Nordeste²⁵.

Os Ossos e dentes de animais eram utilizados para a produção de contas de colar e pingentes. Guidon e Luz (2009) descrevem um esqueleto proveniente do sítio Toca do Enoque na Serra das Confusões-Piauí. “Os esqueletos apresentavam-se com um enxoval funerário composto por colares de dentes e ossos de animais trabalhados e perfurados” (GUIDON e LUZ, 2009, p. 121).

O uso de dentes de animais é evidenciado em diversos sítios arqueológicos além dos já referidos, quer sejam para o uso enquanto instrumentos ou adornos, como no sambaqui da Piaçaguera, no litoral do estado de São Paulo, no sítio foram identificados dentes de coati (*Nasua nasua*), boto (*Sotalia* sp.) e toninha (*Pontoporia* sp.).

25 Os sítios já foram descritos ao abordar os sítios-cemitério presentes no Nordeste

Considerando o ambiente dos sítios litorâneos, não é incomum encontrar o uso de dentes de peixes de grande porte, conforme os autores descrevem: “como material associado aos sepultamentos, porém sem traços de modificações, foi observada grande quantidade de dentes de tubarões de diversas espécies” (GARCIA e UCHÔA, 1980, p. 47; 51). Para os sítios do Nordeste, de um modo geral foram encontrados contas e pingentes em ossos (CASTRO, 2009), sendo em alguns casos, utilizados dentes inteiros manipulados apenas para o uso.

Uso de Conchas

Prous (2009) aponta o uso de conchas como matéria-prima empregada na confecção de artefatos (raspadores, plainas), ou mesmo adorno produzido a partir de concha de gastrópode, possivelmente da família dos *Strophocheilidae*, muito comum até o dia atual na região em que se localiza o sítio Piçaguera/MG (PROUS, 2009, p.372; 394).

Fazendo uma abordagem em geral dos sítios do Nordeste, a presença de adornos em conchas foi evidenciada no Piauí, sítio Toca do Enoque, onde foi identificado o uso de conchas perfuradas formando colar e, enquanto acompanhamento sem uma aparente manipulação (GUIDON e LUZ, 2009, p. 120).

Gabriela Martin (2008) relata a presença de “pingentes de conchas de forma quadrada a partir de um tipo de *Cardium edule*, delicadamente trabalhadas”, resgatadas no Sítio Mirador, em Parelhas no Rio Grande do Norte (MARTIN, 2008, p. 221).

O uso das conchas sem manipulações, utilizadas apenas enquanto acompanhamentos também foram evidenciadas no estado de Alagoas, sítio São José II, com a deposição do material sobre o crânio (CARVALHO, 2007). Carvalho também aponta o uso no sítio Justino, que apresenta uma variação tanto tipo de conchas empregadas quanto na forma atribuída aos adornos envolvidos

nos enxovais funerários na forma de contas, pingentes, bracelete e prendedor de cabelo²⁶ (CARVALHO e SILVA, 2011).

Uso dos Minerais

Dentre as amostras de sítios pré-coloniais os artefatos produzidos em material líticos representam em geral o maior quantitativo. Os estudos sobre material lítico lascado ou polido são bastante difundidos, quer seja pelo seu uso ou modo de confecção, as peças feitas em minerais fazem parte de todos os sítios do Nordeste já apontados neste trabalho. A produção de adornos por sua vez é pouco significativa, o maior quantitativo está nas peças produzidas como adornos labiais, os tembetás, constantemente associados a sepulturas humanas.

Os adornos labiais tipo tembetá são adereços atribuídos aos grupos indígenas Tupis que ocuparam boa parte do território brasileiro. Os primeiros registros em forma de documento sobre as peças são apresentados pelos cronistas que relatam o que o território brasileiro era até a invasão europeia.

Souza (2011) reúne o depoimento de viajantes (Pero Vaz de Caminha, Jean de Léry, Hans Staden) e traça uma discussão sobre o uso, confecção e os valores atribuídos às peças enquanto verdadeiras joias, inclusive como instrumentos comerciais. Identificados em geral enquanto acompanhamentos funerários, os tembetás são utilizados como marcadores de gênero por ser associado como um adereço unicamente de indivíduos do sexo masculino (SOUZA, 2011; PASCHOALICK, 2008, SENE, 2007; PROUS, 1992), sendo iniciado o uso na infância e seguindo com a dilatação gradativa da perfuração e maior diâmetro da peça até atingir a fase adulta.

26 As duas últimas classificações foram atribuídas por Vergne (2004). A autora foi responsável pela identificação das sepulturas e escavação do sítio Justino no início da década de 90.

Prous (1992) relata o simbolismo da troca dos adornos em função do tempo e conseqüentemente a atribuição de mais responsabilidade: “[...] os tembetás das criancinhas eram de chifre de veado, depois de osso ou concha e, finalmente os adultos recebiam um tembetá de pedra verde” (PROUS, 1992, p. 417-418).

Ainda no que compete ao gênero, há relatos de grupos que indicam a utilização da peça restrita aos indivíduos do sexo masculino, conforme Prous (1992, p. 417-418) descreve em relação aos Tupis:

os papéis dos sexos eram bem definidos: aos homens o que exigia era esforço energético brusco [...] com a idade, suas responsabilidades aumentavam, e isto era simbolizado pela troca dos seus adornos labiais; os tembetás das criancinhas eram de chifre de veado, depois de osso ou concha e, finalmente os adultos recebiam um tembetá de pedra verde

Outro exemplo é visto na publicação de Paschoalick (2001) sobre os índios Kaiowás do Mato Grosso do Sul, que afirma que eles eram utilizados pelos homens em um ritual de passagem. Em uma cerimônia realizada pelo pai ou sacerdote de iniciação dos meninos em idade prévia a puberdade, que ocorria entre oito e doze anos, só homens podiam participar e ocorria a perfuração do lábio inferior para o uso do tembetá, o que caracterizava sua passagem para a vida adulta.

Outro viés interpretativo é seu uso enquanto marcador cultural (MONLÉON, 1980); em um aspecto bioantropológico com a análise das alterações dento-maxilares (RODRIGUES-CARVALHO e SOUZA, 1998; COOK e MENDONÇA DE SOUZA, 2011) ou, unicamente pela identificação dos materiais inseridos no sítio (SOUZA, 2008; SENE, 2007; VERGNE, 2004; PAVLOVIC, 2000; SCHULTZ, 1955).

Desta forma, o que se percebe é que os tembetás são adereços labiais que, enquanto presentes em contextos pré ou pós-coloniais, permitem uma gama de interpretações no que se refere ao próprio artefato, ao indivíduo sepultado ou ao grupo a que pertence.

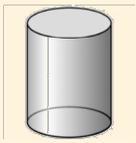
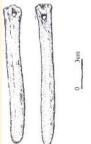
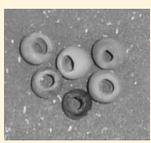
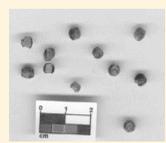
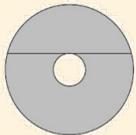
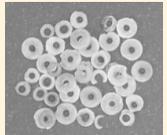
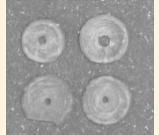
Levando em consideração a produção artesanal das peças, elas apresentam características que as individualizam e que refletem parte dos gestos do artesão, das ferramentas utilizadas, além do caráter individual condicionado pela escolha da matéria-prima/uso.

No que tange a tipologia, em geral os adornos são classificados enquanto contas (quando o orifício é produzido para que o cordão passe pelo interior da peça de uma extremidade a outra), pingentes (neste caso o orifício é promovido em uma das extremidades, permitindo que a peça fique pendente), instrumentos musicais (MARTIN, 2008), adorno labial e diversas outras categorias específicas como pulseiras, tornozeleiras, classificadas em geral quando identificadas no membro do indivíduo inserido no contexto funerário.

As manufaturas por sua vez, são categorias de difícil leitura, assim, a identificação ocorre com base nas características empregadas como cortes, polimentos, e, adicionando a percepção sobre acabamento/decoração, são observadas todas as formas de produção e enfeite das peças.

A morfologia é estabelecida com base em Silva et. al. (2013), seguindo os critérios: cilindro reto, cilindro seccionado, esférico, elipsoide achatado e coroa circular (Quadro 12). A morfometria consistirá no levantamento das medidas das peças ou conjuntos de artefatos. O último aspecto da análise consiste nas observações no que se refere à conservação e preservação do artefato, levantando em consideração possíveis variações de ordem antrópica ou tafonômica.

Quadro 12 – Apresentação dos tipos de morfologia adotadas para o contexto.

MORFOLOGIA	EXEMPLO 1	EXEMPLO 2
		
<i>Cilindro Reto</i>	Conta cilíndrica em osso. Pedra do Caboclo/PE (Martin, 2008).	Conta cilíndrica em osso (falange). Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
<i>Cilindro seccionado</i>	Pingente cilíndrico seccionado em osso de cervídeo. Pedra do Alexandre/PE (Martin, 2008).	Pingente cilíndrico seccionado em concha. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
<i>Esférico</i>	Conta esférica enterramento 2. Sítio Gruta do Gentio II/MG (SENE, 2007).	Conta esférica azul em vidro. Praça da Sé. Fonte: Acervo MAE/UFBA 2001 (Tavares, 2006).
		
<i>Elipsoide achatado</i>	Conta em forma de elipsoide achatado em osso. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011)	Conta em forma de elipsoide achatado em concha. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
<i>Coroa circular</i>	Conta em forma de coroa circular em material malacológico. Enterramento 11. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).	Conta forma de coroa circular em material malacológico. Enterramento 2. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).

Fonte: Silva et. al (2013), adaptado.

Figura 45 – Modelo de Ficha de Catalogação para Banco de Dados.

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO		
Sítio Arqueológico		Nº Tombo:
Esqueleto Associado:	Unidade:	Nível:
Material Composição	Quantidade: () Unitária () Conjunto _____	
Tipologia	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/Decoração		
Morfologia da Peça		
Morfometria da Peça		
Alterações Estruturais		
Observações:		



ONDE CHEGAMOS AFINAL?!

O AMBIENTE FUNERÁRIO: ÁREAS E SEPULTURAS

A pesquisa arqueológica na região de Xingó, após pouco mais de 30 anos desde seu início, apresentou significativos resultados, não só para a área que margeia o São Francisco, mas, a construção efetiva de uma referência no campo da arqueologia para o estado. O sítio Justino representou o maior quantitativo de vestígios arqueológicos, sobretudo osteológicos, desta forma, foi o sítio que demandou o número mais elevado de pesquisas, publicações trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias).

O Justino foi visto nesta pesquisa através da organização espacial das sepulturas e sua relação com os adornos. O que se sabe até o momento é que os níveis em que os esqueletos estavam depositados somados aos fatores ritualísticos e de características gerais foram determinantes, conforme Vergne (2004), para estabelecer as ocupações dos sítios e, as datações em amostras de carvão, suficientes para determinar o período a que pertenceram.

Não se propôs dentro desta pesquisa desconstruir o que já se foi escrito sobre o Justino, mas, agregar novos dados, com base em fatos, ao que se foi publicado e assim, abrir lacunas sobre a ocupação do sítio, sobretudo situando-o cronologicamente em um período após o século XVI, marcado pela chegada dos europeus e seus componentes artefatuais.

Para tal, foi considerado o Justino enquanto cemitério ceramista, mantendo o foco nas sepulturas com contas de vidro associadas, sobretudo nos intervalos estratigráficos em que se situam, buscando uma compreensão sobre a dinâmica dos enterramentos deste sítio, utilizando os artefatos como marcadores cronológicos.

A distribuição espacial do Justino enquanto cemitério ocorre em 28 das suas 49 unidades com maior concentração de sepulturas em 7 (AB10/15; AB15/20; AB20/25; FL10/15; FL 30/35; MR 25/30 e MR30/35) resultando em uma concentração maior em duas grandes áreas.

No momento em que foram agregadas as nomenclaturas aos referidos cemitérios (D, C, B, A), foi considerada a profundidade em que eram evidenciadas e demais aspectos sociais associados (Fagundes, 2007; Vergne, 2004).

Foi com base no conjunto de atribuições rituais, artefatuais e de características gerais do sítio que Fagundes (2007) propôs uma teoria de ocupações por fases, conforme mencionado.

É fazendo uso dos trabalhos de Fagundes (2010a, 2010b, 2007) em relação ao assentamento e artefatos líticos, Luna (2005) sobre a ocupação ceramista na região, Carvalho (2007) sobre a caracterização bioantropológica da população de Xingó, os dados de Vergne (2004, 2002) e demais publicações do MAX em relação as informações arqueológicas de composição do sítio que foi construído um novo modelo para leitura do cemitério Justino.

Nesse sentido, foi deixando de lado individualização dos níveis, sobretudo para as atribuições de ocupação cemiterial, propondo uma individualização por setores ocupados, entendendo que um mesmo estrato pode ter sido ocupado espacialmente em momentos distintos.

Esta nova proposição de organização temporal é reforçada pela evidência de material arqueológico histórico em associação direta à esqueletos dentro do contexto das sepulturas. As contas, organizadas enquanto colares reforçam a ideia de intencionalidade, vista através da reconstituição dos espaços funerários, utilizando métodos como a Arqueotematologia, para mapear a posição exata de cada elemento dentro do contexto da sepultura.

Tal mapeamento visou oferecer mais confiabilidade quanto ao local em que as contas foram depositadas, desta forma, as reconstituições dos espaços funerários confirmam seu emprego enquanto acompanhamentos funerários, depositados ao lado de tembetás e artefatos feitos em conchas ou ossos. As contas de vidro no Justino já foram apresentadas em trabalhos como o de Silva *et. al.* (2013), Silva (2013); Santos (2011) e Carvalho e Silva (2011).

Diante do proposto, os resultados serão expostos com base em três divisões, na primeira, é apresentado o novo modelo de organização temporal do sítio, utilizando a divisão em intervalos de ocupação, justificáveis pelo espaço mínimo que uma sepultura necessita em solo. Em um segundo momento serão apresentadas as 4 unidades em que os sepultamentos aqui estudados estão situados, expondo todos os outros indivíduos presentes e artefatos atribuídos à unidade e níveis. Somados a esses dados, estão os dados bioantropológicos e a leitura arqueotematológica para leitura dos espaços mortuários em que os indivíduos 55, 137, 138 e 140 foram depositados.

Compreendendo em uma organização sequencial, a última etapa cabe a leitura e organização dos acompanhamentos do tipo adorno, seguindo a metodologia proposta na parte IV e, compondo o registro individualizado de cada peça, estruturados em dois grupos: adorno nativo e adorno de contato e, subclassificações cabíveis a cada tipo de artefato.

NOVAS “LEITURAS” PARA OS NÍVEIS DE ENTERRAMENTO

Com base nas questões levantadas no item material, e, enfatizando o abandono da linguagem dos cemitérios, do posicionamento de cada esqueleto e sepultura conforme a base de sua deposição, esta reorganização se propôs então a criar intervalos de ocupação, o que não implica uma associação direta a concomitância enquanto seus enterramentos, mas, unicamente no uso do espaço.

Os sepultamentos humanos são evidências arqueológicas intencionalmente enterradas, não há um controle exato de profundidade que se saiba que era estabelecido para tais ações, o que se sabe, é que alguns fatores são determinantes. Um exemplo está no emprego de determinados artefatos associados, como no caso da cerâmica, o tamanho de um vasilhame determinaria um intervalo mínimo necessário para o enterramento de um indivíduo, estruturas em pedras ou outros materiais também assim o fazem.

Tomando por base também a morfologia óssea humana, é possível interpretar uma área mínima necessária para a ocupação de uma cova. Um exemplo que pode ser levando em con-

sideração é o de um esqueleto humano adulto enterrado em decúbito dorsal estendido.

Neste caso, o intervalo mínimo de profundidade que uma cova precisaria para enterrá-lo (considerando sua estrutura óssea) seria de entre 16-19 cm tomando por base o comprimento máximo do crânio, maior área para esta posição. Se ocorresse em decúbito lateral, o comprimento total da cintura pélvica agora seria a maior região, e assim por diante, considerando sempre os padrões morfológicos ósseos e idade do indivíduo.

Ao propor as novas configurações de organização do uso do cemitério por intervalos, o objetivo não está em questionar os métodos adotados para classificar e descrever o Justino enquanto suas camadas ou mesmo fases de ocupações; principalmente considerando que os únicos dados adotados aqui são os níveis de enterramentos das sepulturas. Neste momento, estão sendo criados apenas intervalos de ocupação da área como cemitério, ou seja, interpretando quais esqueletos estão inseridos no mesmo intervalo considerando o pacote necessário por cada sepultura.

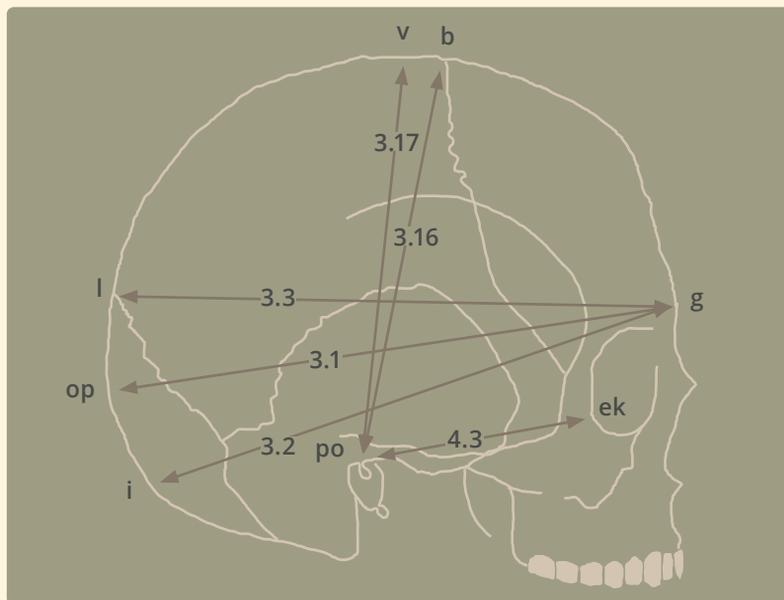
Utilizando os aspectos dos vasilhames cerâmicas e comprimento craniano presente nas amostras de esqueletos do Justino, foi estabelecido assim um intervalo mínimo necessário para o enterramento de indivíduos adultos. Sobre os dados osteométricos, são utilizados os dados apresentados por Vieira Júnior e Palmeira (2006)²⁷, que fizeram a mensuração de 10 crânios²⁸

27 Os autores promovem em sua obra um estudo cranioscópico e craniométrico em alguns elementos cranianos do sítio, nesta Tese foram unicamente utilizadas as medidas do comprimento máximo do crânio para ter uma ideia do comprimento máximo dentro desta amostra, para a população enterrada no Justino. Não estão sendo apontados questionamentos ou adoções sobre o uso de osteometria na população, visto o seu grau de conservação, uma vez que a proposta não é promover tal análise.

28 Os esqueletos adotados estão presentes nas seguintes sepulturas: 10, 54, 76, 91, 107, 109, 111, 115, 118, 156.

adultos do Justino, com base nestes valores, podemos considerar uma média de 17,81 cm no comprimento máximo do crânio (ponto craniométrico Glabella - g ao Opisthokranion - op).

Figura 46 - Vista lateral direita do crânio com evidenciação de eixos para medições craniométricas. As indicações g e op representam o comprimento máximo do crânio.



Fonte: Pereira e Mello e Alvim (1979).

Se somados dados como posicionamentos em decúbito lateral, membros flexionados e, principalmente, a associação de vasilhames cerâmicos; o intervalo em que cada corpo ocupa dentro de um conjunto estratigráfico é maior.

Com base nessas afirmativas foi estabelecido um intervalo de 30 cm como pertencente a cada sepultura, desta forma, considerando o corte estratigráfico estudado 40-140 cm (onde há presença de sepultamento associado a vasilhames cerâmicos), a divisão está configurada em três pacotes: Intervalo I (40-70 cm);

Intervalo II (70-100 cm) e Intervalo III (100-140 cm)²⁹ em sua distribuição temporal no sítio.

Os gráficos 1 e 2 demonstram de forma quantitativa o comparativo entre os dois modos de organização, apresentando os 125 esqueletos distribuídos através das linguagens dos cemitérios, adotadas até o momento, e, a nova organização cemiterial; propondo que um pacote estratigráfico não inferior a 30 cm é visto como camada única para uma sepultura.

Esta nova organização do cemitério utiliza como valores de referência a base das sepulturas e a profundidade referida está na distância entre superfície-base. Não há uma confiabilidade quanto as profundidades que os corpos foram depositados em seu momento de inumação. Levando em consideração o desnível do terreno, e, as alterações de superfícies já mencionadas, capazes de alterar as configurações naturais do terreno em cada fase de ocupação.

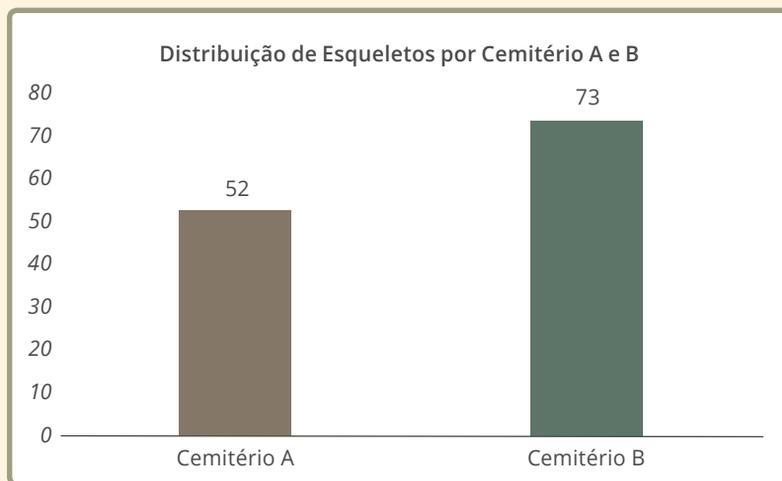
Neste momento não estão sendo propostas hipóteses para a ocupação de cada camada estabelecida, a intenção é identificar esses intervalos de uso do cemitério e, a partir disso, agregar aos dados leituras específicas por unidades individualizadas.

Esta ação propõe a análise de setores individuais do sítio, por entender que o cemitério pode ter sido utilizado em pontos específicos de sua extensão territorial, mesmo dentro de um mesmo intervalo temporal.

O objetivo é dar um caráter individualizado a cada unidade, que, uma vez analisadas, os dados comparativos podem ser cruzados em busca de similaridades e diferenças sobre toda ocupação espaço-temporal do cemitério.

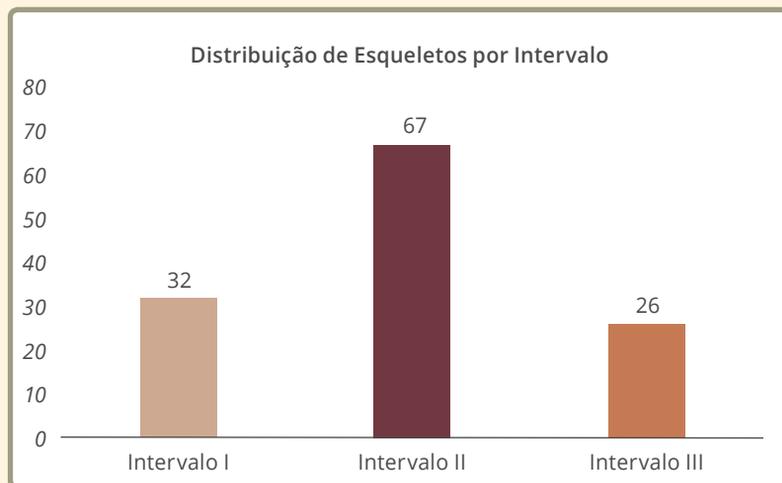
29 O último intervalo é composto por 40 cm, uma vez que é o último nível (140 cm) possui apenas 3 sepultamentos, optou-se por sua apresentação em conjunto ao intervalor III.

Gráfico 1 – Distribuição de esqueletos no intervalo 30-140 cm com base nas divisões por cemitério.



Fonte dos dados: Vergne (2004).

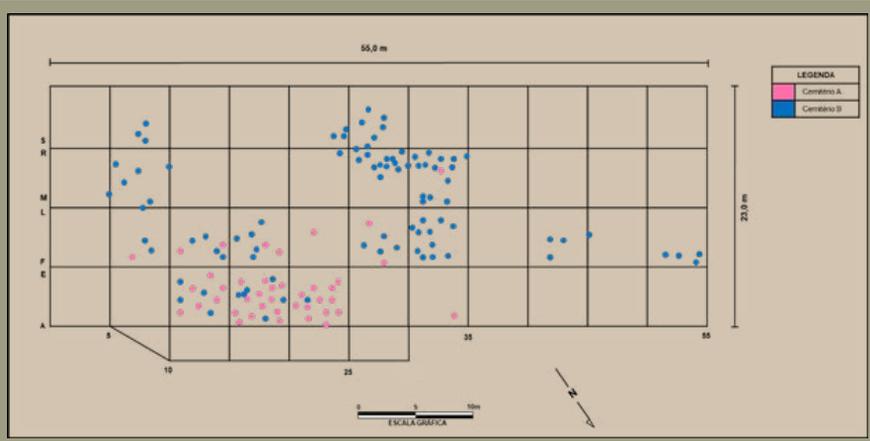
Gráfico 2 – Novo modelo de organização do cemitério entre os níveis 40-140 cm.



Tomando por base os gráficos apresentados, o que se percebe neste momento é que no intervalo II onde há a maior concentração de esqueletos, 67, eles apresentam-se de forma

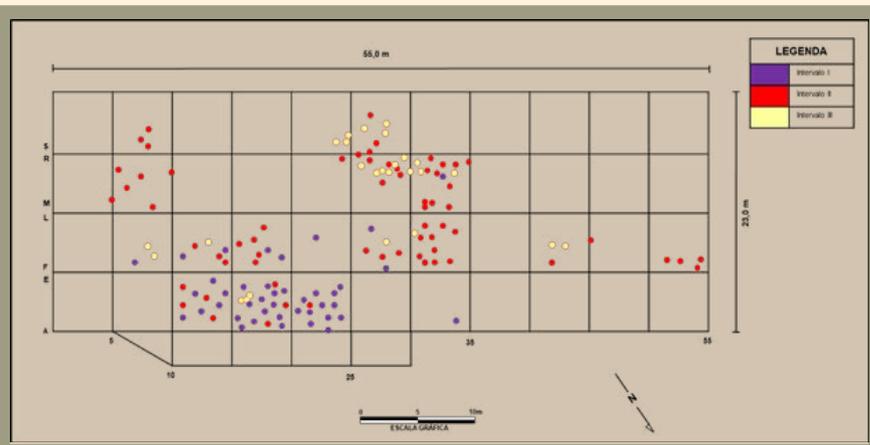
dispersa no sítio, diferente do que ocorre no primeiro intervalo (40-70 cm) e terceiro (100-140 cm), onde, apesar de algumas sepulturas dispersas, ocorre a maior concentração entre as unidades AE no intervalo de 11-25 e MX 26-30, respectivamente.

Figura 47 – Sepulturas do Justino distribuídas nas classificações cemitério A e B.



Planta Baixa de Escavação. Fonte: Acervo MAX (s/d). Alterado e adaptado.

Figura 48 – Sepulturas do Justino distribuídas por intervalos agrupados.



Planta Baixa de Escavação. Fonte: Acervo MAX (s/d). Alterado e adaptado.

Esta nova leitura ratifica o já afirmado no decorrer do trabalho, áreas de cemitério mesmo que interpretadas em um conjunto com base no nível estratigráfico, devem ter suas visões particulares no que tange a espacialidade, uma vez que os modelos de ocupações das áreas podem variar.

Nesse sentido, foram levantadas algumas questões quanto as características de cada área e, seu comparativo quando olhados os dados conjuntamente. Desta forma, o quadro 13 reúne as informações referente as unidades em que foram identificadas contas de vidro e seu caráter espacial e estratigráfico no sítio.

Quadro 13 – Caracterização de áreas em que foram identificadas contas de vidro.

SEPULTURA OU CONTA	UNIDADE ASSOCIADA	NÍVEL DE BASE	ALTITUDE ASSOCIADA
55	MR 30/35	100cm	37,5m
137	MR 6/10	100cm	37,0m
138	MR 6/10	100cm	37,0m
140	MR 6/10	100cm	37,0m
Conta 5861	AE 16/20	120cm	36,5m
	P31	100cm	37,5m

Essas informações são ilustradas na Figura 49, que apresenta as linhas de nível associadas a área de escavação e identificação de contas de vidro. Sabe-se que o primeiro perfil estratigráfico ilustrado para o sítio abrange a área de 30-145 cm, assim, todas as unidades se situam neste intervalo (ver imagem no perfil na página 80, figura 25).

A Figura também ilustra as trincheiras escavadas e, foram suas paredes que resultaram nos únicos perfis que foram publicados para o sítio.

Figura 49 – Plata Baixa de escavação do sítio com dados planialtimétricos e demarcação de sepulturas e áreas selecionadas para pesquisa.



Planta Baixa de Escavação. Fonte: Acervo MAX (s/d). Alterado e adaptado.

O estrato em que as sepulturas se situam é único composto por sedimento areno-argiloso conforme visto no Quadro 8. Quando analisada a planta planimétrica do sítio, nota-se que a trincheira está situada em sua maior parte em 37,5 m de altitude e, as unidades se situam em intervalo semelhante ou distinto com até 50 cm de diferença.

Diante do que foi levantado na documentação do Justino, não há informações que apresentem distinções entre os estratos com base nas variações de relevo. Com base nesta afirmativa, não foram feitas associações diretas das unidades com os perfis, sobretudo por todas as questões já levantadas para a composição desses estratos.

Assim, o objetivo desta nova leitura para as sepulturas em período ceramista do Justino esteve concentrado em criar intervalos de ocupação cemiterial, abordando aspectos de disposi-

ção com base nas áreas mínimas necessárias para a deposição de cada corpo humano e, justificar os aspectos que corroboraram para as análises individuais promovidas diante das unidades escolhidas.

UNIDADES COM VESTÍGIOS DE CONTATO

Com base nos dados já apresentados foram então selecionadas as unidades AE 16/20 e MR 31/35 por apresentarem contatos de vidro sem associação direta as sepulturas, e, FL 31/35, local de deposição da sepultura 55 e MR 6/10 por se situarem as sepulturas 137, 138, 140, 142.

Levando em consideração o rico potencial informativo identificado para as unidades, serão apresentadas individualmente tais características e demais sepultamentos associados.

Unidade MR 6/10

Fazendo referência aos sepultamentos, em todas as sepulturas foram identificados acompanhamentos funerários do tipo adornos, e, em 5 deles, vasilhame cerâmico. Em relação ao perfil biológico dos indivíduos, 85,71% foram classificados como esqueletos não adultos, estando um único indivíduo fora deste padrão (sepultura 137).

Além deste fator, mais de 50% dos esqueletos são de idade inferiores a 10 anos. Com base neste conjunto de dados, as sepulturas foram organizadas no Quadro 14 agregando informações do perfil biológico do indivíduo, associado aos níveis de enterramento e acompanhamentos funerários.

Quadro 14 – Sepulturas da unidade MR 6/10, suas caracterizações e distribuição temporal.

Nº	SEPULTURA	INTERVALO DE NÍVEIS (CM)	PERFIL BIOLÓGICO (CARVALHO, 2007)		VASILHAME CERÂMICO	ADORNOS
			Idade	Sexo		
1	137	70-100	Adulto	Masc	Sim	Sim
2	138	70-100	1-1,5 anos*	-	Sim	Sim
3	140	70-100	4-6 anos*	-	Sim	Sim
4	142	70-100	15-19 anos	-	Sim	Sim
5	147	110-140	5-9 anos	-	Não	Sim
6	150	70-100	NA	-	Não	Sim
7	164	70-100	5-9 anos	-	Sim	Sim

* Dados Silva e Carvalho (2013)

Considerando os aspectos abordados nessa investigação, esta é a principal unidade a ser analisada, sobretudo, o intervalo entre os níveis 1-10, uma vez que reúne 3, das quatro sepulturas com contas de vidro associadas, e, a exumação dos esqueletos foi feita de forma controlada³⁰ utilizado metodologia específica para sepultamentos humanos e, em laboratório.

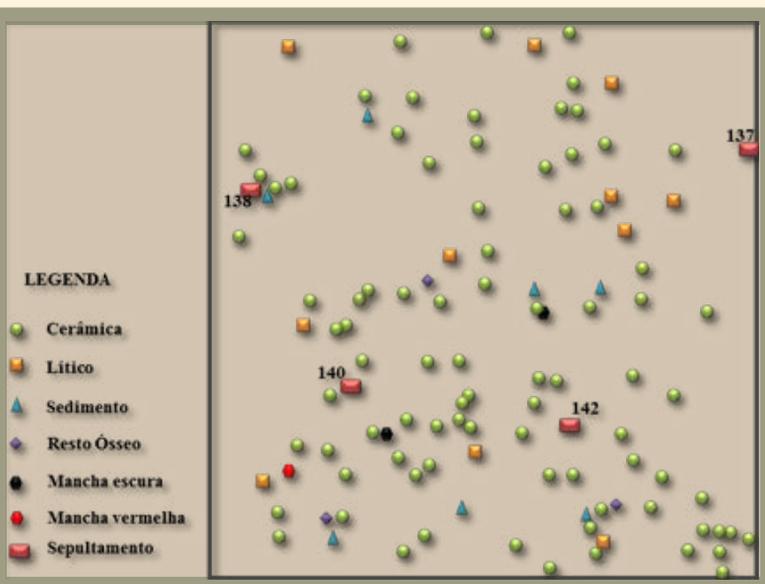
Desta forma, foram levantados todos os vestígios arqueológicos a cada nível, e, agregados em um único plano, apresentando assim a organização espaço-temporal de toda unidade até 1 metro de profundidade (Figura 50). Foram identificados no total 85 vestígios cerâmicos (entre fragmentos e vasilhames), 11 líticos, 7 amostras de sedimentos coletadas e 3 vestígios ósseos não associados às sepulturas, 1 adorno associado a sepultura

30 Sepulturas 138 e 140 exumadas e apresentadas por SILVA (2013).

137, 2 manchas escuras e 1 classificada como mancha vermelha, além de 4 sepulturas.

Vale salientar que dentre os 7 indivíduos apresentados, 4 já foram exumados, os que possuem as contas de origem europeia associadas, os demais ainda estão no casulo (142, 147). A sepultura 150 não foi identificada no momento de verificação do estado atual de cada indivíduo.

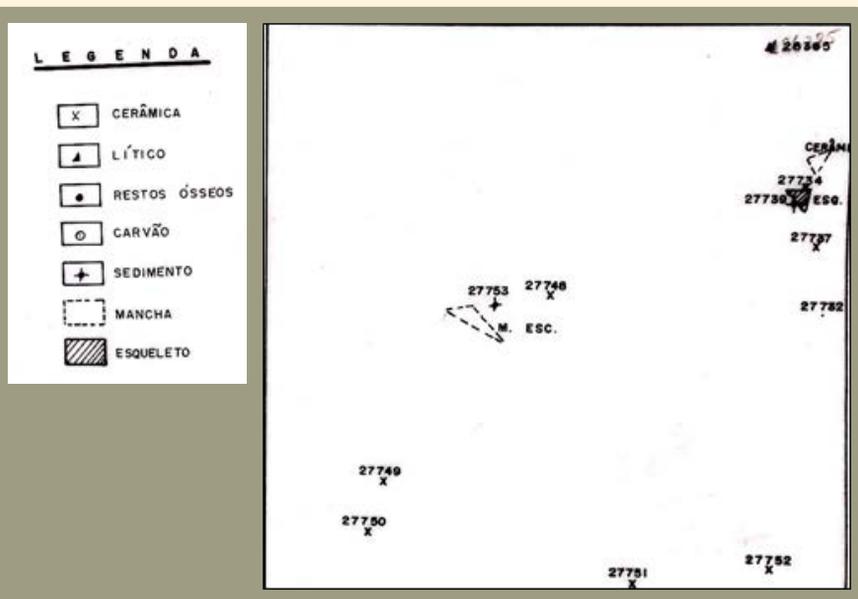
Figura 50 – Unidade MR 6/10 com plotagem de vestígios entre os níveis 1-10.



Tomando por base a distribuição espacial dos vestígios plotados em suas plantas de níveis (exemplo Figura 51), há uma dispersão do material arqueológico por toda área, sendo em sua maior parte fragmentos cerâmicos relacionados ou não, aos sepultamentos.

O objetivo ao apresentar a ilustração está direcionado a uma compreensão da área em que as sepulturas 137, 138 e 140 foram depositadas, permitindo que seja feita leitura espacial e temporal no mesmo plano. Não são abordados, porém, demais questionamentos sobre o uso do espaço, estando direcionado unicamente em sua função funerária cronologicamente mais recente.

Figura 51 – Recorte de planta do nível 6 da unidade MR 6/10 com plotagem de artefatos, identificados com simbologias e número de tombos atribuídos.



Fonte: Acervo Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, elaboração 23/04/1998.

Unidade FL 31/35

Nesta unidade, em termos antropológicos funerários, há uma predominância pelo enterramento dentro do intervalo de 70-100 centímetros, após um espaço vazio de aproximadamente 80 centímetros, são retomados os enterramentos compondo um novo grupo, 6 sepulturas, entre o intervalo de 180-230 cm.

Como pode ser visto no Quadro 15, há uma predominância no uso da área para enterramentos de adultos, com sexo nem sempre determinados. Considerando os aspectos de composições funerárias, esta não é uma unidade de grande representação, uma vez que apenas a sepultura 55, possui acompanhamento cerâmico e de adornos, sendo inclusive este indivíduo, portador de contas de vidro.

Este dado em específico fez a unidade ser inserida na pesquisa, mesmo considerando aparentemente este como um caso isolado, diferente do que ocorreu na MR 6/10.

Quadro 15 – Sepulturas da unidade FL 31/35, suas caracterizações e distribuição temporal.

Nº	SEPULTURA	INTERVALO DE NÍVEIS (CM)	PERFIL BIOLÓGICO (CARVALHO, 2007)		VASILHAME CERÂMICO	ADORNOS
			Idade (anos)	Sexo		
1	54	70-100	30-39	Masc	Não	Não
2	55/55.1	70-100	Adulto	Masc/ Indet	Sim / Não	Sim / Não
3	56	70-100	5-9	-	Não	Não
4	58	70-100	1-4	-	Não	Não
5	59	70-100	Adulto	Indet	Não	Não
6	90	70-100	Adulto	Masc	Não	Não

Nº	SEPULTURA	INTERVALO DE NÍVEIS (CM)	PERFIL BIOLÓGICO (CARVALHO, 2007)		VASILHAME CERÂMICO	ADORNOS
			Idade (anos)	Sexo		
7	91	70-100	Adulto	Masc	Não	Não
8	92	70-100	18-29	Indet	Não	Não
9	93	70-100	18-29	Masc	Não	Não
10	94/94.1/94.2	70-100	Adulto	Indet	Não	Não
11	95	70-100	40-49	Masc	Não	Não
12	96	180-200	50-59	Masc	Não	Não
13	105	180-200	Adulto	Masc	Não	Não
14	107	180-200	50-59	Masc	Não	Não
15	129/129.1	180-200	Adulto/0-1	Indet/ -	Não	Não
16	130	210-230	10-14 anos	-	Não	Não
17	133	210-230	5-9	-	Não	Não

Dentre os 21 esqueletos identificados para esta quadrícula, atualmente 47,62% encontram-se desarticulados enquanto que 52,38% estão parcialmente ou totalmente em casulos.

Considerando o percentual de indivíduos ainda a serem exumadas no Justino 38,04% (70 esqueletos), esta unidade abriga, proporcionalmente uma quantidade considerável. Mesmo apontando esta enquanto uma unidade de baixo potencial informativo de adornos funerários, não é descartada a possibilidade que outras amostras podem ser identificadas ao final da escavação completa das sepulturas.

Unidade AE 16/20

Levando em consideração o perfil biológico dos indivíduos, há uma predominância no enterramento de adultos com sexo em sua maioria indeterminado. Situada a uma distância média (diagonal) em relação a FL 31/35, esta unidade também não possui uma boa representação quando à artefatos compondo um conjunto funerário.

Há o indicativo até o momento de apenas duas sepulturas de adultos com o uso do vasilhame cerâmico e, outras duas, também de adultos, fazendo uso de adornos. Esta unidade foi inserida na pesquisa uma vez que foi identificada uma única conta feita em vidro e que em seu registro não está clara a associação a uma sepultura, sendo confiável apenas os dados que a atribuem a este espaço.

A conta está situada no nível 10, intervalo este em que há 5 sepulturas, uma delas com adorno (sepultura 6) e uma com vasilhame cerâmico (sepultura 31).

É importante considerar que dentre os 22 indivíduos, 15 já estão desarticulados, porém, há 5 sepulturas com esqueletos ainda em casulos (1; 8; 13, 42.1; 42.2) as demais, não foram identificadas para definir o estado que se encontram. Esta informação é de suma importância, uma vez que, só com a completa exumação dos esqueletos é que pode ser comprovada a presença ou não de adornos como acompanhamentos, mesmo considerando esta unidade de baixo potencial informativo em relação aos adereços, bem como a anterior (FL 31/35).

Quadro 16 – Sepulturas da unidade AE 16/20, suas caracterizações e distribuição temporal.

Nº	SEPULTURA	INTERVALO DE NÍVEIS (CM)	PERFIL BIOLÓGICO (CARVALHO, 2007)		VASILHAME CERÂMICO	ADORNOS
			Idade (anos)	Sexo		
1	1	40-60	Adulto	P Masc	Sim	Não
2	2.1/2.2	40-60	Adulto	Masc/Indet	Não	Não
3	3	40-60	Adulto	Indet	Não	Não
4	4	40-60	Não Adulto*	-	Não	Não
5	5	40-60	Adulto	Masc	Não	Sim
6	12	40-60	18-29	Indet	Não	Não
7	13	40-60	30-39	Masc	Não	Não
8	7	40-60	Adulto	Indet	Não	Não
9	8	40-60	Adulto	Indet	Não	Não
10	9	40-60	30-39	Masc	Não	Não
11	11	40-60	Adulto	P Masc	Não	Não
12	6	70-100	40-49	Fem	Não	Sim
13	24	70-100	50-59	Masc	Não	Não
14	30	70-100	1-4	-	Não	Não
15	31	70-100	30-39	Indet	Sim	Não
16	32	70-100	30-39	Indet	Não	Não
17	42/42.1/42.2	110-140	Adulto	P Masc/ Indet/Indet	Não	Não
18	83	180-200	18-29	Masc	Não	Não
19	84	180-200	5*	-	Não	Não

* Dados de Vergne (2004)

Unidade MR 31/35

O pacote estratigráfico situado entre o intervalo 0-145 cm é quem abriga a maior parte dos esqueletos desta unidade (9), seguindo com um intervalo de 40 cm e sendo reiniciados no pacote a partir de 180 cm, já em outro estrato. Esta característica de composição foi bem semelhante na unidade FL 31/35, exceto por nesta apresentar um intervalo maior.

Considerando que as delimitações de áreas são atribuições feitas dentro do procedimento metodológico de escavação da Arqueologia, para o uso do cemitério, algumas áreas podem ser vistas enquanto conjunto de unidades, dependendo exclusivamente do objetivo da pesquisa.

Esta unidade foi inserida, bem como a anterior, em função da presença de contas em vidro semelhante ao material identificado em contexto com as sepulturas 138 e 140. Para este intervalo foram identificadas 4 sepulturas, em nenhum dos casos há presença de vasilhame cerâmico ou adornos, sendo este caso semelhante em todas as sepulturas da unidade, com exceção apenas da 82 que possui um vasilhame.

Levando em consideração esses aspectos, esta também não se apresenta como uma unidade com um rico potencial informativo de adornos, mas, vale ressaltar que ainda possuem 5 esqueletos mantidos total ou parcialmente em seus casulos de gesso e outros 4 não identificados, restando apenas o número de 5 exumados, assim, neste caso também há uma possibilidade de que novos dados venham a surgir quando ocorrer a completa desarticulação dos esqueletos.

Quadro 17 – Sepulturas da unidade MR 31/35, suas caracterizações e distribuição temporal.

Nº	SEPULTURA	INTERVALO DE NÍVEIS (CM)	PERFIL BIOLÓGICO (CARVALHO, 2007)		VASILHAME CERÂMICO	ADORNOS
			Idade (anos)	Sexo		
1	98	70-100	Adulto	Masc.	Não	Não
2	153	70-100	Indet.*	Indet.*	Não	Não
3	154	70-100	Indet.*	Indet.*	Não	Não
4	155	70-100	18-29	Indet.	Não	Não
5	82	110-140	18-29	Indet.	Sim	Não
6	100	110-140	30-39	Indet.	Não	Não
7	101	110-140	Adulto	Indet.	Não	Não
8	102	110-140	40-49	Indet.	Não	Não
9	104	110-140	30-39	Indet.	Não	Não
10	128	180-200	Adulto	Indet.	Não	Não
11	144	180-200	Adulto	Masc.	Não	Não
12	145	180-200	Adulto	Indet.	Não	Não
13	146	180-200	Adulto	Indet.	Não	Não
14	148	180-200	5-9	-	Não	Não

* Dados de Vergne (2004)

Tomando por base a planta baixa do sítio (Figura 52), e, promovendo três cortes (A, B, C) que serão lidos de forma individualizada, permitindo assim uma visão desta organização das contas no que se refere ao espaço-temporal.

Figura 52 – Planta Baixa do Justino com cortes A, B e C e distribuição espacial das contas e sepulturas.

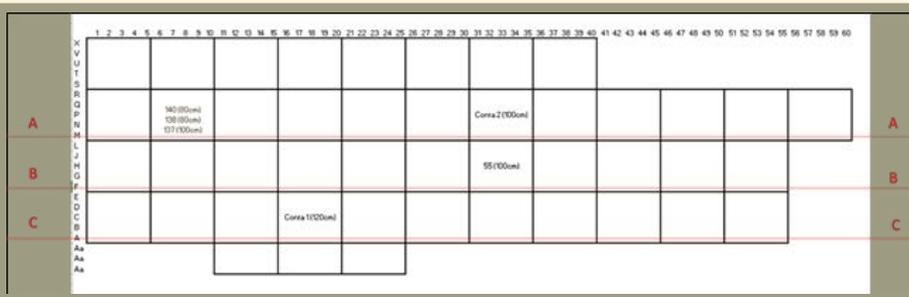


Ilustração com base nas plantas baixas de escavação expostas para o sítio (MAX, 2002).

A leitura do cemitério Justino feita através de sua temporalidade ou espacialidade nos traz um potencial informativo de elevado grau, levando em consideração o que se busca, com a descrição das sepulturas que compõem cada unidade ficou clara a maior incidência de material histórico na área MR 6/10, sobretudo pela maior concentração de enterramentos com similaridades.

Os esqueletos 55 e 137, previamente exumados, estavam com as contas a eles associadas unicamente pelos números atribuídos em suas etiquetas. A não presença de provas que inserem o artefato diretamente com os esqueletos pode abrir precedentes para que sejam levantados questionamentos quanto a confiabilidade dos fatos.

Isso não ocorre nas duas sepulturas de criança (138 e 140) uma vez que, o procedimento de exumação adotado é o resultado de uma lenta decapagem dos sedimentos por níveis controlados artificialmente e que resultam na permanência de todo ou quase todo material no seu local de origem até a completa evidênciação para que só assim, seja feita a retirada de cada peça.

A adoção deste método permitiu conhecer de forma mais detalhada o modo de enterramento do esqueleto, composição da sepultura e processos transformativos que ocorreram pós-inumação, sobretudo os de origem tafonômica. Este procedimento detalhado ocorreu parcialmente na sepultura 140 e totalmente na 138, sendo registrada nesta última a posição de cada conta a cada nível, podendo inclusive propor o uso delas no indivíduo inumado.

O processo de exumação foi apresentado detalhadamente por Silva (2013), nesta pesquisa foram promovidas novas leituras de posição dos indivíduos e dos adornos associados nas sepulturas 138 e 140.

“LEITURA” DOS CONTEXTOS FUNERÁRIOS E SEPULTADOS

A “leitura” arqueotanatológica objetiva reconstruir os espaços funerários, promovendo novas leituras sobre a posição original do corpo e artefatos, e, apresentando os dados referentes ao perfil bioantropológico dos esqueletos.

Foram reunidos os dados relativos as quatro unidades fazendo associação aos perfis bioantropológicos, as características dos vasilhames cerâmicos empregados, dados de enterramento e tipos de adornos empregados.

As sepulturas serão assim detalhadas com base nos aspectos de enterramento e posicionamento dos adornos empregados, seguido dos caracteres etários e sexuais estabelecidos.

As áreas dos sepultamentos e os Inumados

Levando em consideração a localização do Justino em um terraço fluvial, e, sendo comprovadas que, em épocas de cheia o sítio era alagado sabe-se que este fator pode provocar alterações no interior de sepulturas que apresentem espaços vazios.³¹

Com base nesta afirmação, foram utilizadas fotografias associadas ao esqueleto 55 para ilustrar tais fatos. A sequência de fotos³² que ilustram a evidência completa do crânio demonstra o preenchimento no interior do vasilhame, posicionados sobre o crânio, com sedimento.

Figura 53 - Sequência de fotos de evidênciação do crânio do esqueleto 55.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

31 Este fato foi interpretado para esta pesquisa levando em consideração as cerâmicas mantidas íntegras que foram depositadas sobre o crânio, ao serem retiradas, boa parte de sedimento foi inserido em seu interior, propomos assim então que foram depositados nos períodos de cheia do rio onde os grãos de areia em conjunto com a água vão preenchendo áreas anteriormente vazias.

32 É importante salientar uma observação sobre a última foto em que a seta que representa o sentido geográfico do Norte está posicionada de forma equivocada.

Associado a este preenchimento, foi atribuída a evidenciação do crânio caracterizado com um deslocamento em relação a sua posição natural. Áreas com espaços vazios como as permitidas pelo uso da cerâmica como envoltório caracterizam a possibilidade de movimentação de peças ósseas no momento de decomposição das partes moles.

O deslocamento da mandíbula pode estar associado a essa movimentação, mas, o deslocamento do crânio em relação ao conjunto vertebral (cervicais) ocorreu em função do preenchimento no interior da cerâmica.

Figura 54 – Sepultura 55 com áreas de movimentação óssea evidenciadas.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

Na posição de enterramento, o esqueleto (Figura 54) está depositado em posição lateral direita, com membros inferiores flexionados e alinhados e membros superiores com angulação semelhante a 90° e mãos cruzadas em frente ao corpo.

O modelo de aparição de mãos e pés, além da posição dos joelhos (áreas de articulação lábeis), permite caracterizar esta sepultura enquanto primária, confirmando ainda pelo posicionamento das clavículas e vértebras.

A perfeita articulação do pós-crânio após perda de parte mole é resultante deste enterramento promovido diretamente no solo, sem envoltório, com exceção da já descrita região craniana. A leitura arqueotanológica não possibilita fazer referência ao modo no qual os adornos foram colocados ou outras sepulturas que estivessem próximas, como por exemplo, aquela que recebeu a atribuição de 55.1, uma vez que, os registros fotográficos e documentais não permitem que as análises passem das aqui descritas.

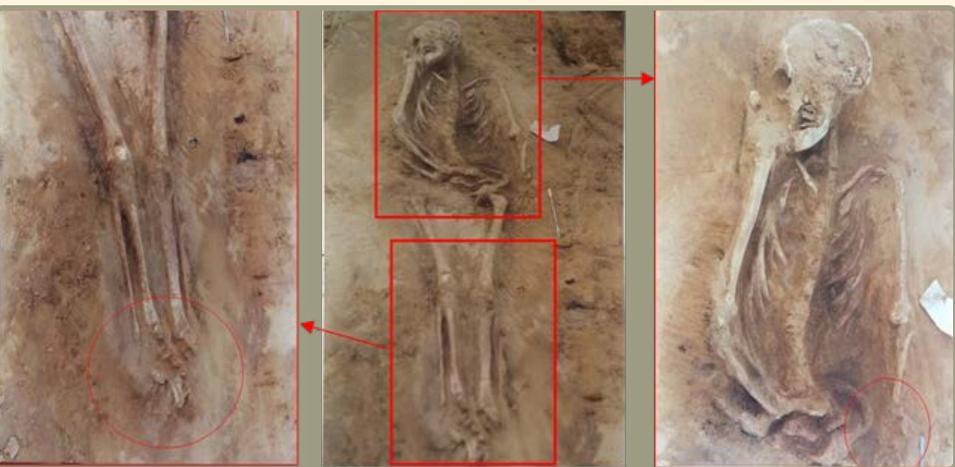
O esqueleto, classificado enquanto adulto masculino apresentou uma estatura de 156 cm e dentre a análise macroscópica realizada no material ósseo não foram classificadas patologias ósseas, e, no que compete aos dentes, foram evidenciadas perdas dentárias *ante-mortem*³³.

Abordando a sepultura 137, que também foi promovida a leitura com base em um escasso registro fotográfico, o esqueleto está depositado em decúbito dorsal com membros inferiores estendidos e superiores com o direito semi flexionado e mão sobre a pelve e esquerdo estendido com mão ao lado da pelve.

33 Dados bioantropológicos de Carvalho (2006, anexos, p.40-41).

Associado a um enterramento primário em espaço vazio, a leitura ocorreu com base na leitura dos poucos ossos de mão e pé preservados, articulados, perceptíveis nas imagens do esqueleto.

Figura 55 – Esqueleto 137 após evidenciação e em destaque região superior e inferior, dando ênfase a ainda articulação de ossos de mão e pé.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

Mesmo levando em consideração o péssimo estado de conservação, foi possível definir o caráter primário da posição do crânio. Não há referências quanto ao modo de associação do vasilhame cerâmico ou demais adornos a ele atribuídos.

Sabe-se unicamente que, o vasilhame estava posicionado ao lado direito do crânio. Ao esqueleto classificado enquanto adulto e masculino não foi possível associar patologias ósseas ou dentárias bem como estatura em função do grau de conservação ruim.

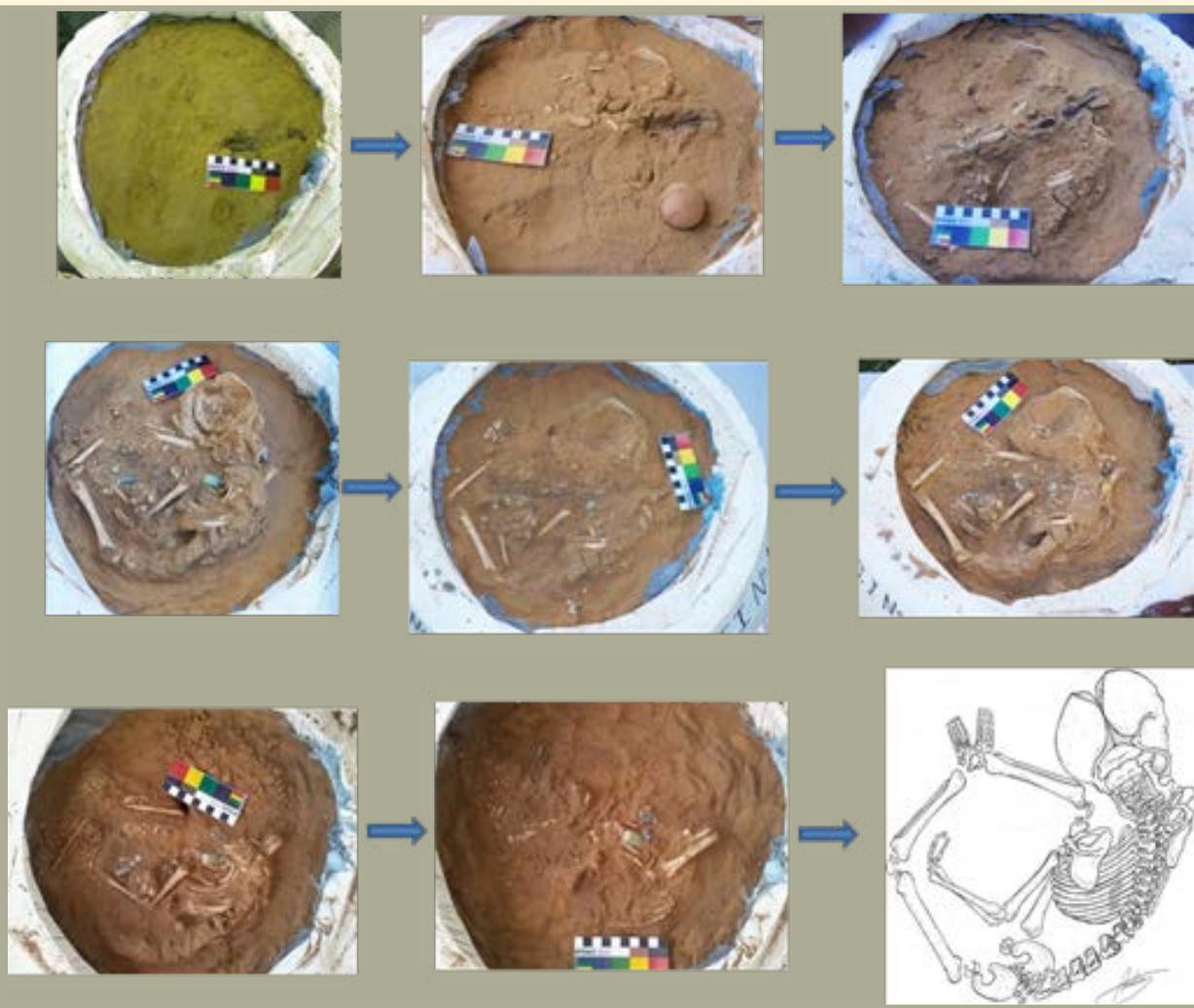
Abordando as sepulturas 138 e 140, as duas sepulturas apresentaram maior nível de preservação por não terem sido trabalhadas até o ano de 2011. Elas apresentam maior nível de detalhes e, a exumação foi promovida com base nos métodos propostos pela Arqueotematologia, descritos por Silva (2013); responsáveis pela exumação entre os anos de 2011/2012 no momento de desenvolvimento da Dissertação de mestrado.

Nesse estudo foram propostas novas interpretações, sobretudo enfatizando o uso de alguns adornos com base no seu posicionamento na sepultura, em associação ao esqueleto, considerando-se ainda seu componente estrutural. O esqueleto de número 138 apresenta melhor nível de evidênciação por camadas sendo exposto e exumado em 7 níveis de decapagens (Figura 56), encontra-se enterrado em sepultamento primário, posição sentado com vasilhame cerâmico cobrindo completamente a área da sepultura.

Mesmo com o emprego da cerâmica e a possibilidade de uma decomposição em espaço vazio, o nível de organização do esqueleto o caracteriza enquanto primário, assim, acreditasse que houve o emprego de sedimento anterior ao emprego do vasilhame. Como o material ósseo é bem frágil e de conservação ruim, a não preservação de determinadas regiões, e, sobretudo o estado de desenvolvimento ósseo em função da idade, não foi possível promover a leitura da posição com base nas conexões anatômicas, impossibilitando a confirmação deste item.

O desenho apresentado reconstitui a posição do esqueleto perceptível no nível de completa evidênciação.

Figura 56 – Sequência de imagens que representam a evidênciação e posterior exumação do esqueleto 138.



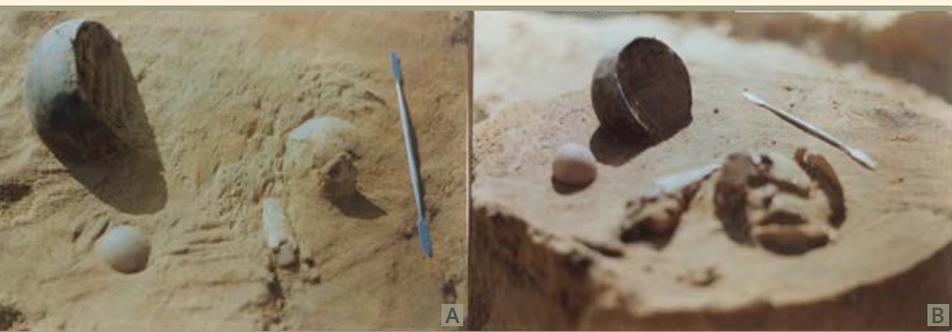
Fonte: Imagens de Silva (2013, p. 78 e 80).

Na organização dos adornos, na região póstero-craniana foi evidenciado um instrumento de sopro, fragmentado por ação tafonômica, mas, os fragmentos evidenciados permitiram entender a forma do objeto e sentido de deposição.

No mesmo nível, há a presença de um artefato lítico, ao lado esquerdo, e, um vasilhame cerâmico de pequeno porte. Foi interpretado que um conjunto de pedras de pequeno porte identificadas próximo a articulação braço-antebraço esquerdo se encontrava no interior deste vasilhame, no qual estava lateralizado, possivelmente fruto de uma movimentação no interior da sepultura.

Há uma proposta de que houve uma alteração do esqueleto ainda com partes moles após o emprego da cerâmica, mas, não foram identificados elementos suficientes para sustentar tal caracterização.

Figura 57 (A e B) – Vista da superfície da sepultura, em diferentes ângulos, com exposição da região craniana e acompanhamentos.



Fonte: Acervo MAX (s/d).

No tocando ao posicionamento das contas, a reconstituição foi promovida tomando por base as contas em que houve o maior número de concentração e organização, produzida em

material calcário. A Figura 59 ilustra a posição das contas isoladas de outros adornos e associada ao esqueleto.

Uma vez reconstituída, foram identificadas formas de colar, mesmo com diversas contas desordenadas, atribui-se o emprego de mais de um cordão³⁴ e em ambos havia contas de vidro central o que possibilitou sua reorganização de artefato enquanto colar, com o uso de cordão de nylon.

Na reconstituição optou-se por manter as contas centrais independentes, possibilitando melhor o acesso no caso de análises futuras. Indivíduo de 1 a 1,5 anos, permitiu uma classificação etária em função do quantitativo de dentes preservados (19) e, estágio de erupção.

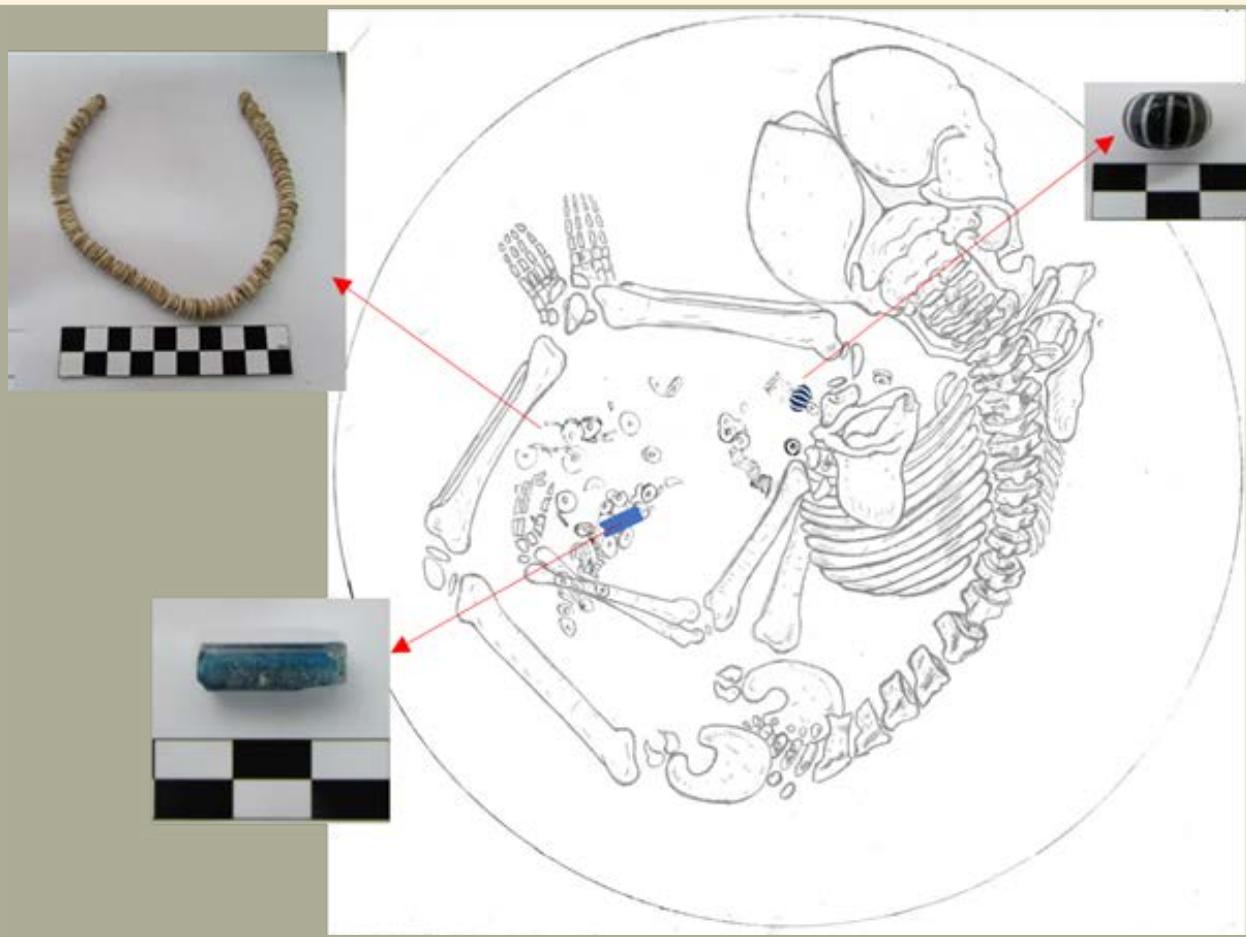
Figura 58 - Crânio do esqueleto 138 antes e após limpeza com evidenciação dos dentes.



Fotos: A autoria própria (2012).

34 Com base na citação já apresentada de Staden (1930), os chefes da tribo eram facilmente identificados em função da quantidade de ornamentos presentes. Ao descrever um chefe, Staden faz referência ao uso de mais de um cordão pendurado, formado por contas nativas e europeias (STADEN, 1930, p. 196).

Figura 59 – Sepultura 138 com contas associadas ao esqueleto dispostas em diversos níveis.



Desenho do esqueleto publicado em Silva (2013, p. 80), adaptado.

Figura 60 (A e B) – Posicionamento das contas de vidro e articulação com as contas brancas em material nativo e tembetá.



Fotos: Autoria própria (2012).

Em relação ao sepultamento 140, ele foi depositado em caráter primário, sentado e com posicionamento do crânio lateralizado. Considerando a perfeita articulação entre mandíbula-maxilar, o esqueleto também foi enterrado antes do uso da cerâmica, dando característica de sepultura preenchida.

O estado de conservação dos ossos, somado a idade do indivíduo, impossibilitaram demais observações de posição do esqueleto na sepultura e demais reconstituições. Os acompanhamentos empregados foram representados por contas e tembetá, como adornos além da peça cerâmica depositada com a face côncava cobrindo a sepultura.

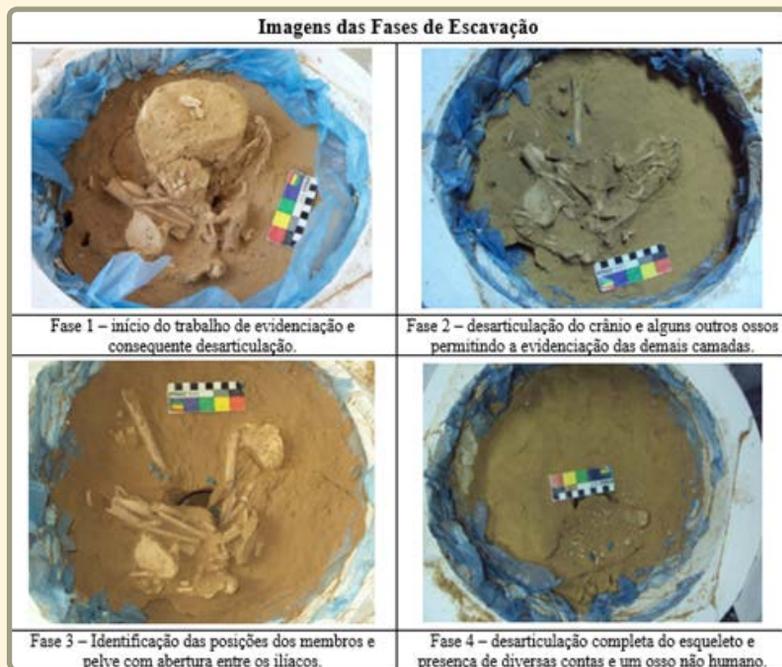
O esqueleto 140, possui características de enterramento semelhante ao 138, porém, não houve um nível de organização das contas que possibilitasse a reconstituição do seu uso, com exceção das contas de vidro identificadas na fase 3 de evidencição (SILVA, 2013, p.74).

Após a exumação do indivíduo houve uma apresentação de diversas contas expostas em uma aparente desorganização. A este fato pode ser atribuído um espaço vazio para movimen-

tação e dispersão uma vez que, estavam posicionadas abaixo do corpo. O esqueleto depositado sentado possuiu a sua região torácica depositada sobre as pernas.

Diante disso, se as contas estivessem nesta região, é possível que este espaço tenha então permitido essa nova organização. No que compete a classificação do indivíduo, bem como o 138, a idade ocorreu pela evidência dos dentes, estimando entre 4 e 6 anos.

Figura 61 – Exposição das fases de escavação promovidas no ato da exumação da sepultura 140.

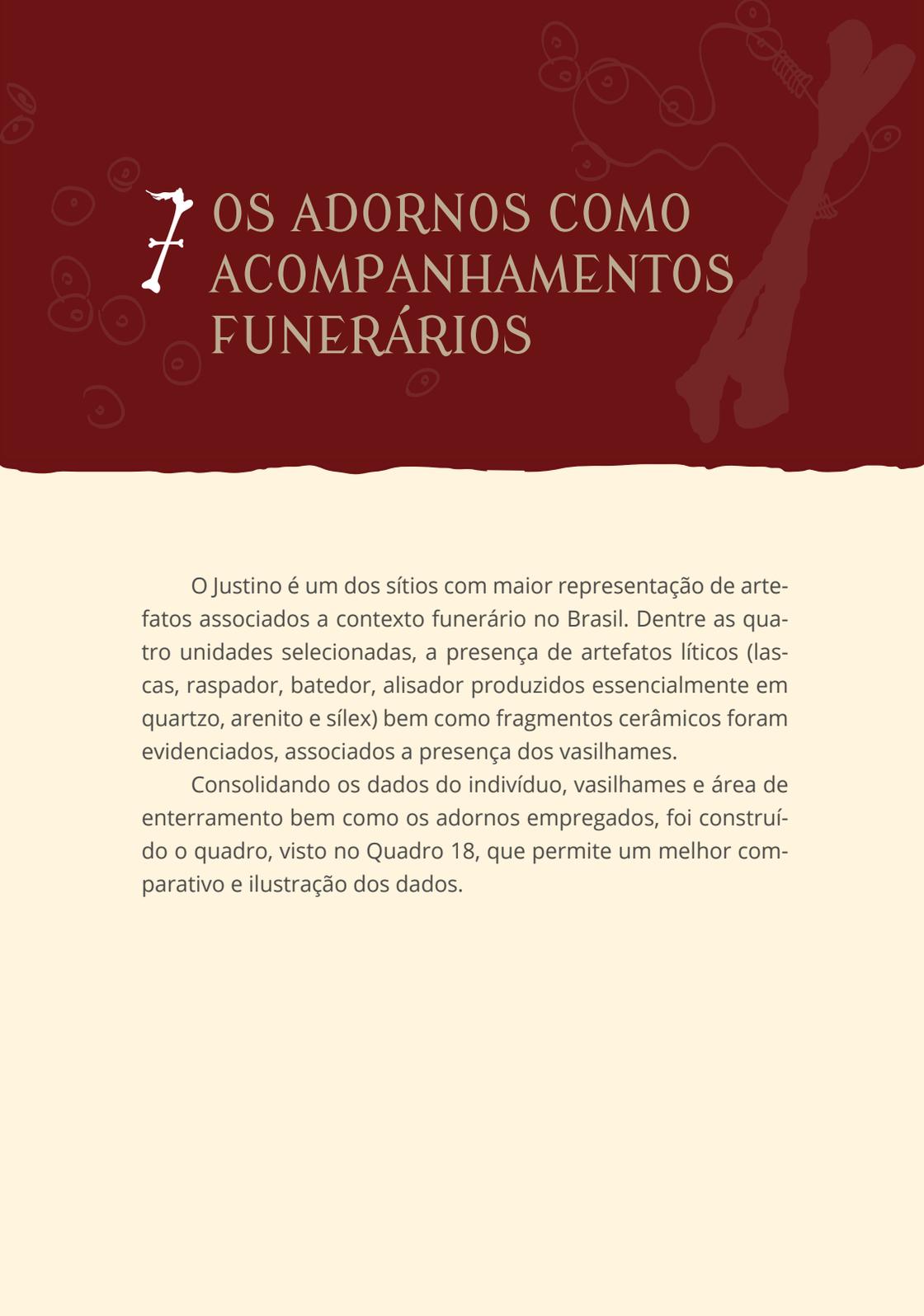


Fonte: Silva (2013, p.74).

Figura 62 – Dentes em articulação do esqueleto 140.



Fotos: Autoria própria (2012).



OS ADORNOS COMO ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS

O Justino é um dos sítios com maior representação de artefatos associados a contexto funerário no Brasil. Dentre as quatro unidades selecionadas, a presença de artefatos líticos (lascas, raspador, batedor, alisador produzidos essencialmente em quartzo, arenito e sílex) bem como fragmentos cerâmicos foram evidenciados, associados a presença dos vasilhames.

Consolidando os dados do indivíduo, vasilhames e área de enterramento bem como os adornos empregados, foi construído o quadro, visto no Quadro 18, que permite um melhor comparativo e ilustração dos dados.

Quadro 18 – Comparativo a nível de enterramento, aspectos biológicos e funerários.

CARACTERIZAÇÃO DE SEPULTAMENTOS COM VASILHAMES CERÂMICOS E ADORNOS														
SEPULT.	UNIDADE DE ESCAVAÇÃO	NÍVEL		VASILHAME CERÂMICO			DADOS ESQUELETO			ADORNOS ASSOCIADOS				
		Inicial	Final	Forma	Altura	Posição na Sepultura	Posição Enterramento	Sexo	Idade	Conta de Vidro	Conta em Concha	Conta em Ossos	Adorno Labial	Instr. Sopro
55	FL 31/35	70	100	semi-esférico	17,0 cm	Sobre o Crânio	LD	M	Adulto	■				
137	MR 6/10	70	100	semi-esférico	10,5 cm	Ao lado	D	M	Adulto		■	■		
138	MR 6/10	70	100	semi-esférico	22,0 cm	Sobre o corpo	S	NA	12-18 meses				■	■
140	MR 6/10	70	100	semi-esférico	23,0 cm	Sobre o corpo	S	NA	4-6				■	■
FONTES	Luna (2005)			Dantas e Lima (2006)		Vergne (2004)	Silva e Carvalho (2013); Carvalho (2007)			Silva, Carvalho, Queiroz (2014); Silva (2010)				

S – Sentado; M – Masculino; NA – Não Adulto; LD – Lateral Direito; D – Dorsal.

Com base no quadro apresentado há variações quanto aos esqueletos em geral, tendo compatibilidade quanto aos níveis de enterramento e emprego das contas. Os esqueletos 138 e 140 são os que apresentam maior similaridade de posição de enterramento, características etárias e da cerâmica.

Dentre os adornos evidenciados, a presença de artefatos nativos como contas em ossos e conchas, adorno labial produzido em amazonita e instrumento de sopro feito em osso permitiram ilustrar o rico acervo pertencente ao contexto dos indivíduos.

Visto assim, serão segregados em dois grupos os adornos naturais do território e os advindo após a colonização, destacando suas características morfológicas e, as particularidades cabíveis a cada contexto.

ORIGEM EUROPEIA

Elemento determinante para a seleção das sepulturas, as contas de vidro compõem parte do acervo dos quatro indivíduos, ainda somadas as duas contas independentes. Com base nos atributos instituídos, serão consolidados os dados finais, compilados na ficha de cadastro, e, considerando como principal elemento a técnica de manufatura, fator este, determinante para entender tantos aspectos cronológicos de produção quanto centros associados.

Quanto às técnicas de manufatura, as contas do Justino configuram-se em sua maioria como produzidas pela técnica **Drawn**, visto no quadro 18, e, posterior gráfico, distribuídas conforme tipos de contas, especificando as sepulturas a que estão vinculadas. O quadro tem como objetivo consolidar as informações apresentadas nas tabelas de cadastro individualizado de cada adorno.

Ao consolidar as informações, é possível interpretar os resultados criando um paralelo de artefatos e associados aos seus esqueletos. O gráfico 3 ilustra o percentual de distribuição com base nas técnicas de manufatura, apresentando o tipo **Drawn** como o de maior frequência.

A maior ocorrência não representa, porém, a maior quantidade de peças no sítio, mas, sua recorrência, uma vez que o percentual foi calculado com base na quantidade de registros.

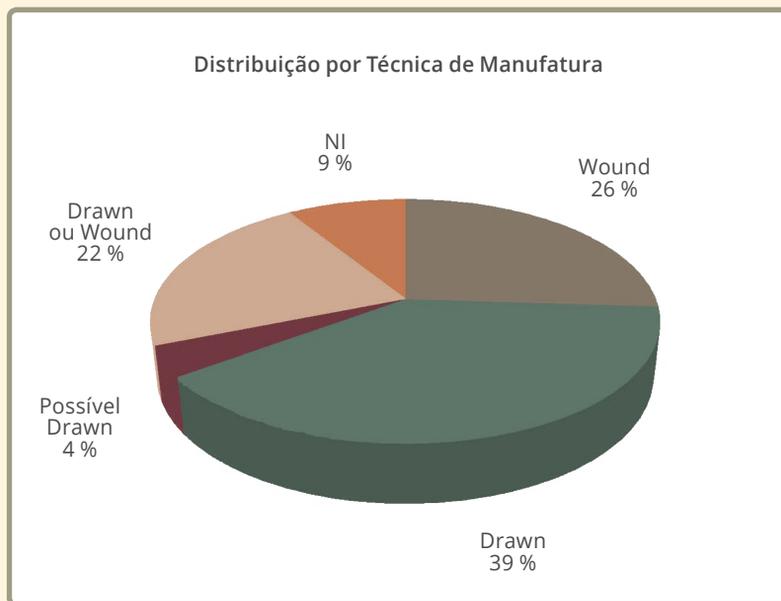
Quadro 19 – Contas classificadas com ênfase na técnica de manufatura.

SEPULT.	REGISTRO	TÉCNICA MANUFATURA ³⁵	QUANT.	COR/DECORAÇÃO	PERÍODO DE PRODUÇÃO	LOCAL
55	55-1	<i>Wound</i>	10	Âmbar	Após meados do XV	Veneza
137	137-1*	NI	1	Preta	NI	NI
137	137-4	<i>Drawn – Speo</i>	1	Preta/ Listras Brancas	Após XVII	Veneza
137	137-5	<i>Drawn – Speo</i>	1	Azul/Listras Brancas	Após XVII	Veneza
137	137-6*	NI	1	Âmbar	NI	NI
137	137-7	<i>Drawn (?)</i>	1	Transparente	Após XVII	Veneza
137	137-8	<i>Drawn ou Wound</i>	2	Transparente/ Facetada	Entre XV – XVII	Veneza/ Bohemia
138	138-2	<i>Drawn – Speo</i>	1	Azul /Listras Brancas	Após XVII	Veneza
138	138-3*	<i>Drawn ou Wound (?)</i>	432	Branca	Entre XV – XVII (?)	Veneza (?)
138	138-6	<i>Drawn</i>	1	Azul / Tubo paredes retas	Após XVII	Veneza
138	138-7	<i>Drawn</i>	16	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia
138	138-8	<i>Drawn – Speo</i>	1	Azul claro /Listras Brancas	Após XVII	Veneza
140	140-1	<i>Wound</i>	1	Azul	Após meados do XV	Veneza
140	140-2	<i>Wound</i>	232	Preta	Após meados do XV	Veneza
140	140-3*	<i>Drawn ou Wound (?)</i>	783	Branca	Entre XV - XVII (?)	Veneza (?)
140	140-4	<i>Drawn</i>	1	Azul / Tubo	Após XVII	Veneza
140	140-5	<i>Drawn ou Wound</i>	1	Azul/ Facetada	Entre XV – XVII	Veneza
140	140-6	<i>Drawn</i>	39	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia
140	140-8	<i>Wound</i>	3	Âmbar/ Facetada	Após meados do XV	Veneza
140	140-10	<i>Wound</i>	3	Âmbar	Após meados do XV	Veneza
140	140-11	<i>Wound</i>	2	Preta	Após meados do XV	Veneza
-	04	<i>Drawn ou Wound (?)</i>	22	Branca	Entre XV – XVII (?)	Veneza (?)
-	5861	<i>Drawn</i>	1	Azul	Após XVII	Veneza/ Bohemia

* Não há uma confirmação se consistem em contas de vidro.³⁵

³⁵ Ver definições no Quadro 11 (pg. 158).

Gráfico 3 – Percentual de distribuição de contas com base no atributo técnica de manufatura.



No que tange ao quantitativo, as contas que estão passíveis de classificação tanto na técnica de **Drawn** quanto na de **Wound** representam quase 80% em relação ao total.

Isso se dá em função da presença de um mesmo modelo de conta, sob os registros 138-3; 140-3 e 04 e que, com base na metodologia aplicada, as características técnicas lidas não permitiram uma definição. O quadro a seguir apresenta a quantidade das peças atribuídas as técnicas de manufatura e, a quantidade de lotes a que estão associados. Ela funciona como uma leitura complementar aos dados apresentados no Gráfico 3.

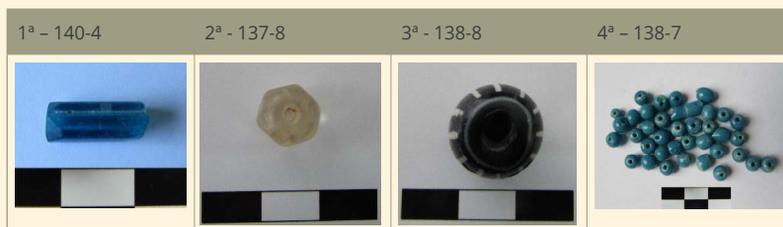
Quadro 20 – Quantidade de contas evidenciadas conforme técnica de manufatura.

QUANTITATIVO DE CONTAS			
TÉCNICA MANUFATURA	QUANTIDADE		PERÍODO PRODUÇÃO
	Registro	Peças	
<i>Wound</i>	6	251	Até meados do XV
<i>Drawn</i>	9	62	Após XVII
<i>Possível Drawn</i>	1	1	Após XVII
<i>Drawn ou Wound</i>	5	1240	Entre XV - XVII
<i>NI</i>	2	2	-
<i>Total</i>	23	1556	-

As contas classificadas enquanto **Drawn**, que estão predominantemente no registro do sítio, são marcadas pelo emprego do uso da técnica dos longos tubos de vidro elaborados e posteriormente cortados e manipulados.

O emprego da técnica que ocorre entre o final do século XV e início do XVI, e que marcou o mercado veneziano de produção de contas, possuiu períodos bem definidos ligados sobretudo as técnicas de manipulação dos tubos e transformação nas contas. Dentre as contas classificadas enquanto produzidas pela técnica **Drawn**, existem 4 tipos classificados que podem ser vistos a seguir:

Quadro 21 – Comparativo entre os modelos das contas produzidas pela técnica Drawn.



Fotos: Silva (2012).

A técnica que consiste na construção de longos tubos de vidro posteriormente manipulados permitiu a classificação das referidas contas com base em atributos gerais e específicos.

A primeira conta foi uma prática comum após o desenvolvimento da técnica, o aproveitamento dos longos tubos. A 2ª revela um dos modelos de manipulação e posterior decoração promovida com o uso de lâminas de corte, por lapidação ou formas.

Em geral, as faces com caráter mais irregulares são características de cortes, nas contas da sepultura 137, as 18 faces apresentam um caráter irregular, prevendo assim, a manipulação por cortes, com suaves polimentos após a transformação do tubo em uma conta. O terceiro caso consiste em uma conta do esqueleto 138 compatível com duas do 137, produzidas pelo método **Speo**. Essas contas estão associadas à modernização de uma técnica para o arredondamento de contas de maior porte e foi aplicada em Veneza entre os anos de 1600 e 1817. O ano final é marcado pela introdução de um método mais moderno que aplicava um tambor rotativo, muito mais eficiente, que, demandava menor tempo de produção e menor possibilidade de falhas, associando assim então ao desuso do **Speo**.

Dentre todas as contas presentes no acervo, as **Speo** representam a melhor cronologia capaz de aplicar ao contexto do sítio, uma vez que seu período de produção é bem marcado (KARKLINS, 2003). O quarto modelo consiste na produção e manipulação semelhante ao método **Speo**, com base na conta identificada com falha de produção, é perceptível que elas eram feitas anteriormente nos tubos e depois manipuladas individualizando e dado caráter enquanto contas.

Essas contas azuis, são identificadas tanto na sepultura 138 quanto na 140, nesta em maior quantidade e, as falhas de processo identificadas em vários detalhes permite uma melhor compreensão.

Para uma leitura dos aspectos ligados a morfologia das peças são adotados, com base no manual de Beck (2006), que tanto direciona a forma quanto a nomenclatura para classificar os artefatos. Com base nisso, foram identificadas as seguintes categorias e o quantitativo de peças: redonda e alongada.

As contas mais comuns são as circulares, que predominam as amostras presentes. Dentre o somatório de 1557 contas identificadas no sítio, 1552 são redondas, 3 são redondas e facetadas e 2 alongadas., representando 99,68% da amostra. Quanto as cores, foram estabelecidos os códigos de referência para as amostras do sítio com base na tabela Munsell, presente no catálogo de contas de vidro (KARKLINS, 1985, p. 110) para as cores de contas venezianas.

Uma vez reunidos, os dados específicos aqui abordados e os gerais das contas individuais serão consolidados na ficha de cadastro, apresentada aqui uma como modelo e, compondo o anexo o conjunto geral de todos os artefatos identificados com essas características.

Quadro 22 – Cores das contas com base na Tabela Munsell.

COR	CÓDIGO MUNSELL	SEPULTURAS PRESENTES
<i>Âmbar</i>	10.0 YR 7/8	55,137,140
<i>Preto</i>	N 1/0	137,140
<i>Branca</i>	N 9/0	138,140, código 04
<i>Azul claro</i>	5.0 PB 5/7	138, 140
<i>Azul médio</i>	5.0 PB 4/4	138, 140
<i>Azul escuro</i>	5.0 PB 3/6	137, 138, 140

Fonte: KARKLINS, 1985, p. 110.

A caracterização das contas torna-se um trabalho de difícil execução em função de fatores como a escassez de material de referência para o território nacional, o número insuficiente de bibliografia que abordem o tema, este problema também está associado a baixa representatividade do material no sítio.

Um dos aspectos perceptíveis neste item refere ao potencial informativo e de cronologia mensurável permitido para este tipo de artefato. As bibliografias de referência apontam que com a expansão mercantilista a produção das contas apresentou um nível considerável de crescimento, uma vez que elas eram empregadas enquanto moeda comercial.

O perceptível está, diante das amostras, que não havia uma escolha no que compete as contas utilizadas para com os indígenas, utilizavam restos de processo, produtos de segunda linha.

No caráter arqueológico, tais anomalias permitiram uma melhor leitura da técnica de produção das contas e, marca de forma mais precisa o tipo de equipamento empregado.

Figura 63 (A e B) – modelos de falha de produção para as contas do esqueleto 140.



Fotos: A autoria própria (2012).

Figura 64 – Cadastro de Contas de origem colonial.

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-4	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn – Speo</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Preto (N 1/0) com listras brancas</i>		
Dimensões	<i>1,00 cm</i>		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento. A conta <i>Speo</i> consistiu em um tipo específico de produção			

Em uma tentativa de estabelecer classificações para o material depositado em conjunto com as sepulturas, Silva (2013) apresenta algumas análises iniciais promovidas em três tipos de contas, com a aplicação de técnicas arqueométricas para caracterização estrutural das peças: Difração de Raios X (DRX) e Espectroscopia de Raios X (EDX). Essas técnicas são bastante úteis sobretudo em elementos bastante modificados intencionalmente (cortados, polidos, perfurados).

As análises desenvolvidas pelo Departamento de Física (DFI/CCET/UFS), pela então professora substituta do Departamento, Dra. Karina Ködel, revelaram características de composição de três tipos de contas pertencentes ao sepultamento 140.

As composições (caracterizações) estruturais e os percentuais representativos identificados em cada caso compõem o Anexo B.

A chegada dos produtos europeus em meio aos agrupamentos nativos trouxe a possibilidade de um conjunto de artefatos novos, não decorativo, mas, funcional. Os adereços, bem como ferramentas, são aplicados seguindo determinados critérios que estão ligados as práticas, em geral culturais.

Os símbolos, nem sempre passíveis de compreensão, dão a esses objetos muito mais que seus valores manufaturais ou comerciais, e, o contato estabelecido e os registros produzidos sobre os grupos nativos americanos, sobretudo continuados com o uso da etnografia, corroboraram para a compreensão e a amplitude de um olhar sobre o novo.

ORIGEM NATIVA

A produção de elementos para adornar os esqueletos em sua sepultura está presente no Justino desde as camadas mais antigas. Dentre os 184 esqueletos identificados em 26 há presença de adornos com variação quanto a composição de material.

Abordando as quatro sepulturas selecionadas em 3 há artefatos que foram empregados e podem ser comparados a diversos presentes em outras sepulturas do sítio. Contas produzidas em conchas, ossos e o uso do Tembeté, marcam a variedade de artefatos que promovem um enfeite ao morto.

Além dos adornos, a presença do vasilhame cerâmico será aqui apresentada bem como os outros artefatos de maior potencial representativo empregado, como o instrumento de sopro na sepultura 138.

Tomando por base as categorias de classificação apresentadas na metodologia, Silva (2013, p.84-85) já aborda alguns aspectos técnicos, sendo então nesta pesquisa levantadas novas informações no que compete à classificação mais detalhada dos produtos empregados, como os propostos como produzidos em conchas.

Serão ainda apresentados dados métricos dos artefatos e o estado de conservação contendo possíveis alterações tafonômicas. O elemento diferencial tratado nessa pesquisa refere-se à classificação quanto a origem e emprego da matéria-prima, visto que anteriormente fora identificado estruturalmente como concha.

A apresentação dos artefatos se dará conforme a matéria-prima adotada, seguido da consolidação dos dados no Quadro 23.

Sobre os Adornos em Ossos

Apenas a sepultura 137 traz duas contas produzidas em ossos. O importante elemento a ser levantado nesta conta está sobre sua forma. Dentre os 26 esqueletos referidos com a presença de adornos³⁶, 19 deles possuem contas produzidas em material ósseo. Em geral elas obedecem a forma dos ossos, alongadas com cortes e polimentos na extremidade.

36 Atualmente ainda existem 59 sepulturas mantidas em casulos no Justino, esse número pode ser alterado ao final da exumação completa da população. Informação oral fornecida em junho de 2017 por Elaine Santana, Arqueóloga do Museu de Arqueologia de Xingó.

A particularidade que ocorre no artefato deste esqueleto é que as duas contas de ossos possuem formas esféricas, simulando as contas advindas com o contato. O grau de manipulação a que o osso foi submetido impede maiores classificações quanto ao tipo de animal que foi utilizado.

As contas obedecem ao tamanho, forma e estão associadas ao mesmo esqueleto que possui as de vidro.

Figura 65 – Sequência de exposições da conta em osso do esqueleto 137.



Figura 66 – Modelos de contas presentes no sítio empregando o osso como matéria-prima.



Fonte: Acervo pessoal.

Sobre os Adornos em Conchas

Bem como ocorre no uso de material ósseo, as conchas quando utilizadas nem sempre é possível estabelecer o tipo de concha empregado e, sobretudo qual seu habitat natural.

Levando em consideração que as três sepulturas possuem contas que foram associadas ao uso de conchas por Silva (2013), foram estabelecidos novos métodos de análise e, com o auxílio da Professora Doutora Rosa Souza, da Universidade Federal Fluminense; especialista em análise de material Arqueoconquiliológico. Dentre as três amostras apenas uma possui características que a classifiquem como tal.

A amostra faz parte do conjunto do esqueleto 137 e possui 203 unidades, uma vez que a manipulação quase não ocorreu, sendo aproveitada a estrutura natural do animal, as contas foram classificadas como provenientes da espécie *Olivella mutica* (Say, 1822), molusco proveniente de ambiente marinho e que ocupa a região litorânea brasileira na porção nordeste.

Figura 67 (A e B) – Imagem da *Olivella mutica* no World Register of Marine Species e artefato do esqueleto 137 em conjunto e individualizado.



Fonte: <http://www.marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=159949>.

Os artefatos dos esqueletos 138 e 140 a que foi atribuída inicialmente a classificação de conchas, esta classificação foi descartada em função de sua forma discoide, sendo, conforme a especialista, impossível manipular um tipo de material e conseguir padrões de espessura e formas tão perfeitos.

Com base na forma, foi proposto que as contas são advindas de formações naturais, sua forma se assemelha a estrutura de determinados vermes marinhos que possuem seus corpos segmentados, as poliquetas.

Para esta pesquisa, não foi possível estabelecer uma classificação quanto a espécie, apenas há a afirmação que as contas são formadas com material calcário e, a formação que une e envolve os adornos presentes no conjunto de contas do esqueleto 140 (Figura 69) sugerem que esta era a forma que o material era encontrado e, posteriormente, separado e reutilizado preservando sua forma e, orifício central.

Figura 68 - Contas possivelmente de poliquetas do 138 e 140 respectivamente, fotografadas com lupa binocular e aumento de 80x (sem escala).



Figura 69 - Contas possivelmente de poliquetas do esqueleto 140 envolvidas no que sugere sua estrutura natural. Foto com lupa binocular e aumento de 80x (sem escala).



Figura 70 - Organização das contas do esqueleto 138 em forma de colar, e, permitindo identificar o padrão quanto a espessura e forma das contas.



Sobre os Tembetás

O uso de adornos labiais está registrado dentro dos relatos de cronistas, em pinturas que reproduzem o nativo-americano visto seu forte impacto tanto pela beleza e manipulação geralmente em amazonita, quanto pelo efeito que a pedra causada quando perfurava a região inferior dos lábios.

No que compete aos dois esqueletos identificados com os tembetás, crianças de baixa idade de desenvolvimento, sabe-se que, a peça foi atribuída como um adorno não necessariamente enquanto uma peça que era utilizada, mas, outros fatores culturais poderiam estar ligados como a já referida troca de peças até a definitiva.

Estas peças podem estar atreladas ao seu bem definitivo ou outros atributos que não foram possíveis classificar. No que compete as formas das peças elas apresentam características semelhantes, tanto no que se refere ao tamanho quanto ao formato do "T". Este fato só corrobora para inferir mais ainda a relação de similaridade entre as sepulturas.

Figura 71 – Tembetá do esqueleto 138.



Figura 72 – Tembetá do esqueleto 140.



Figura 73 – Comparativo entre os tembetás dos esqueletos 138 e 140.



Tembetá do esqueleto 140: mede 4,07x1,98 e estava com uma criança de 4-6anos.
Tembetá do esqueleto 138: 3,67x1,33 e estava com uma criança entre 12-18 meses

Figura 74 – Cadastro de Contas de origem colonial.

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-2	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Ósseo	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 2 und	
Tipologia	Conta	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/De coração	<i>Corte, Polimento de superfície e extremidades</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférico</i>		
Morfometria da Peça	<i>0,65 cm (média)</i>		
Alterações Estruturais	<i>Pontos escuros resultantes de óxido de manganês</i>		
Observações:	Peças únicas no sítio com tais configurações que remete a forma das contas europeias.		

Quadro 23 – Adornos de origem nativa presentes nas sepulturas.

SEPULT.	REGISTRO	MATÉRIA PRIMA	QUANT.	TIPO	COLORAÇÃO E DECORAÇÃO	TRATAMENTO DA PEÇA	MORFOLOGIA	MORFOMETRIA	ALTERAÇÕES TAFONÓMICAS
137	137-2	Ósseo	02	Conta	Cor natural	Polimento de superfície e extremidades alterando as características naturais do osso	Esférico	0,65cm (média)	Pontos escuros resultantes de óxido de manganês
137	137-3	Concha	203	Conta	Aproveitamento natural	Aproveitamento natural sobretudo a perfuração interna	Elipsoide achatado	0,55cm (média)	Algumas quebras
138	138-1	Poliquetas (?)	191	Conta	Coloração natural	Aproveitamento natural aparente	Coroa circular	1,0cm (média)	Algumas quebras
138	138-4	Mineral - amazonita	01	Tembetá	Cor natural - verde	Polimento	"T"	3,67x1,33cm (comp x larg)	Sem alterações aparentes
140	140-7	Poliquetas (?)	08 inteiras e Estrutura	Conta	Coloração natural	Aproveitamento natural aparente	Coroa circular	1,0cm (média)	Material frágil e se desprendendo de uma camada escura que o circula
140	140-9	Mineral - amazonita	01	Tembetá	Cor natural - verde	Polimento	"T"	4,07x1,98cm (comp x larg)	Sem alterações aparentes

Fazendo uma compactação dos dados apresentados quanto aos adornos nativos, o quadro 23 reúne as características de cada conta descrita, associando todos os atributos que foram estabelecidos dentro da metodologia da pesquisa.

Não há um predomínio quanto emprego de artefato, há uma variedade ao mesmo tempo em que há uma repetição dentre alguns tipos em mais de uma sepultura. A disposição dos artefatos identificados nos sepultamentos do Justino permite compreender a relação desta população, com o emprego de adornos e, em alguns casos, seu papel simbólico.

Os tembetás presentes em sepulturas de criança, impossíveis de serem utilizados por seus portadores, trazem uma carga simbólica que talvez os liguem a uma peça herdada, a um bem que os pertenceria na fase adulta.

Os relatos de cronistas, associados aos dados descobertos em pesquisas arqueológicas, fazem entender que esses adornos labiais marcam a transição para a fase adulta, enquanto o menino passa a ser um homem, capaz de executar um novo papel dentre o grupo.

As contas de vidro, belas aos olhos, cobiçadas pelas mulheres, são incorporadas aos enterramentos enquanto bens, dando beleza aos mortos. As duas crianças, 138 e 140 apresentam uma configuração única. Diante do que se foi e é levantado sobre o comportamento de determinados agrupamentos indígenas, com seus bens ornamentais, entende-se que, essas crianças tinham um papel singular dentre o grupo; quer sejam por um direcionamento próprio ou aos seus pais, visto sobretudo no cuidado, inclusive no emprego das cerâmicas protegendo totalmente seus pequenos corpos.

Os esqueletos adultos, 55 e 137, em que os adornos não foram identificados em contexto, bem como a própria configuração da sepultura, impossibilitaram determinadas interpretações de leitura do espaço mortuário, e, inferências que pudessem ser traduzidas com base no contexto.

As contas presentes nestes esqueletos, bem como as isoladas associadas às duas unidades, funcionam como mecanismos para entender o emprego dos artefatos coloniais nos contextos mortuários, e, estabelecer o sítio enquanto área de contato.

As informações bioantropológicas também não corroboraram a hipótese relacionada ao papel significativo na hierarquia desses indivíduos no grupo. Em verdade, a composição cemiterial do Justino apresenta características próprias e diferenciada, que o torna único, já referido e abordada algumas vezes.

As novas leituras aqui propostas, corroboram para interpretações sobre o sítio, sobretudo lançando um olhar nas áreas de enterramento individualizadas com composições próprias, trazendo assim um viés cabível a áreas de sepulturas, uma vez que a escolha do local reflete já uma característica do grupo ou pessoal.

8 CONCLUINDO MAIS UMA ETAPA, QUE VENHAM OUTRAS!

O sítio Justino foi e continua sendo para a Arqueologia um espaço multiuso, seja como habitação, cemiterial e muito tem contribuído para a construção de um campo de pesquisa interdisciplinar dentro do que conhecemos hoje como território sergipano. Após mais de 20 anos desde sua descoberta, e posterior inundação, propicia constantemente que novas pesquisas sejam feitas corroborando para interpretações acerca do uso da região e a dinâmica ocorrida na ocupação do território que margeia o São Francisco.

Os estudos, mesmo que direcionados a pontos específicos de uma pesquisa arqueológica, possibilitam uma visão sobre o homem de Xingó, cumprindo então o papel proposto pela Arqueologia enquanto ciência, que estuda os seres humanos com base em suas construções materiais ou imateriais.

Tomando por base este caso, adentrar assim em um universo funerário que muito reflete do comportamento da sociedade, dela diante do morto e do próprio indivíduo ali inumado. A escavação do Justino, que ocorreu entre as décadas de 80-90, obedeceu a uma metodologia selecionada e cabível a necessidade do sítio. Não nos coube aqui levantar questionamentos sobre o modo de

execução dos trabalhos ou dados apresentados, mas, proporcionar novos modelos de leituras e interpretações, sobretudo considerando um artefato pouco difundido no território nacional.

Com isso, até o presente não foi possível datar ossos ou dentes, as datações radiocarbônicas foram obtidas principalmente em amostras de carvão/cerâmica recolhidas em fogueiras pretéritas estruturadas no sítio, as quais nem sempre são facilmente evidenciados nos locais específicos de coleta e/ou estão presentes em possíveis associações com outros remanescentes arqueológicos. Os acompanhamentos funerários adentram então um universo de protagonista momentâneo, permitindo que através deles novas leituras possam ocorrer para o sítio, sobretudo considerando seu caráter de cemitério, quando as áreas são abertas intencionais e o cuidado é visto em cada gesto diante do morto.

Como mencionado anteriormente, o estudo específico dos adornos ainda é pouco desenvolvido no país, em geral, as anotações estão restritas a evidenciação e caracterização visual do que foi identificado sobretudo quando estão em conjunto com os sepultados. Este lento processo de produção, corroborado pela baixa evidência de artefatos, tornam o trabalho difícil, precisando construir modelos de análise e interpretações que contribuam para as questões levantadas em cada pesquisa.

No que coube a este trabalho, o desenvolvimento de mecanismos para leitura de atributos seguiu dois caminhos distintos, entendendo que as configurações de cada conjunto de artefato são tão diferentes, tais quais seus próprios produtores. As contas produzidas em vidro marcaram o mercado europeu desde o século XIII e, envolvido na nova configuração mercantilista comercial, ocorrida após o século XV; passaram a ser utilizadas não só para adornar as suas damas, mas, os nativos, tidos como selvagens, em um país recém-descoberto.

O valor comercial empregado nas contas fez a produção em toda Europa crescer e, inclusive criar mecanismos de proteção de suas técnicas como ocorreu com os venezianos ao enviar os artesões de contas à ilha de Murano.

Com o tempo, Veneza, Boêmia, Holanda começaram a desenvolver técnicas e aperfeiçoar suas linhas, visando maior alcance de produção. A presença das contas do Justino está significativamente ligada a cidade de Veneza, uma vez que, a maior parte das contas identificadas permitiram tais interpretações. Ela não foi a pioneira, mas, tornou-se o principal centro produtor, e, seus parceiros comerciais, fizeram as contas adentrar no território nacional e enfeitar pescoços vivos e mortos.

O aperfeiçoamento no nível e modelos de produção também é um reflexo desse mercado que demandava de uma necessidade de produção mais acelerada. O método de produção **Drawn**, criado pelos veneziados, se manteve em segredo por muitos anos e, considerando peças específicas como **Drawn Speo**, sabe-se o período de produção específica, entre o XVII – XIX, corroborando aqui, como principais elementos para as referidas datações relativas.

Os artefatos identificados nos registros arqueológicos, inclusive no Justino, demonstram, sobretudo um baixo rigor de seleção, as contas apresentam falhas de produção, quebras, entendidas enquanto possivelmente produtos de segunda linha de fábricas. As contas seguem sequencias cronológicas rastreáveis, uma vez que, as “evoluções” de produção se assemelham ao próprio processo de manipulação do vidro e fabricação de garrafas.

As leituras dessas falhas servem também como elementos para corroborar com a identificação do tipo de técnica empregada e, conseqüentemente, as interpretações no que tange as técnicas de produção adotadas.

Os adornos identificados no território nacional eram confeccionados em variados tipos de suporte, sobretudo os que havia uma familiaridade quanto a manipulação. Ossos, pedras, penas, conchas, sementes, madeira, fibras, eram recursos que faziam parte do cotidiano dos grupos e a transformação em peças que remetiam um significado ao mesmo tempo simbólico e decorativo, demandavam horas de produção, polindo, cortando, transformando, promovendo verdadeiras reconfigurações.

Esse modelo de organização de tarefas é inclusive bem abordado nos relatos dos cronistas, o papel da mulher nas atividades que demandavam cuidados, tempo, assim, elas produziam os adornos, alguns inclusive que requeriam bastante paciência. Tratando de divisão intergrupo, os adornos atribuídos aos grupos litorâneos tratados na pesquisa também eram diferenciados, com base em alguns atributos, tais como gênero – idade – função dentro do grupo.

As percepções quanto aos líderes das tribos estavam no visual, o emprego de diversos tipos de adornos feitos em penas, conchas, pedras, demonstravam poder, que se tratava de um chefe, um líder.

Entendendo essa ótica, inclusive discutida dentro da Arqueologia Americana por Binford (1971), esse papel do indivíduo dentro do grupo poderia assim então ser identificado com base nos adornos empregados, em vida, ou em morte. O uso do tembetá, atribuído conforme toda literatura quinhentista como um adorno masculino, foi empregada nas duas crianças enquanto acompanhamentos.

Como abordado nos resultados que não há uma possibilidade de uso dessas peças diante do desenvolvimento morfológico das crianças. Entende-se seu papel simbólico e cultural, podendo este único elemento indicar tanto um gênero para as crianças, quanto propor uma maior representatividade a elas atribuída.

Os empregos de todas as peças cumprem pequenos significados dentro de toda esfera simbólica que, se constitui um conjunto funerário. Os usos de metodologias específicas corroboraram para tentar entender como se deu o emprego deste elemento associado e, talvez, sua representação neste espaço.

As leituras dos ambientes mortuários buscam então captar as informações transmitidas pelos gestos e símbolos. Essas ações serão vistas então em uma cerâmica inserida com alimento, um colar no pescoço, instrumentos de sopro, pulseiras, tornozeleiras, ferramentas, peças que vão então representar parte da história de vida/morte, e, ganham um novo significado compondo os conjuntos funerários junto com envoltórios em redes ou vasilhames.

Enterrar os mortos já denota um gesto de preocupação, um sepultamento ocorre, pois há uma intenção em fazê-lo e isso muitas vezes demonstra a própria percepção do grupo sobre a além-morte.

O impacto causado com a colonização do território é visto nos grandes e pequenos eventos, na transferência de moradias, no genocídio, ou no uso de facas substituindo os artefatos líticos.

Tais impactos não resultaram necessariamente em um elemento negativo, mas, sim, em uma mudança, as contas multicoloridas trazem um novo olhar, a tentativa de reproduzi-las demonstram uma mudança no comportamento, vista inclusive no desejo despertado.

Enfim, se formos tentar sintetizar em algumas palavras, a Arqueologia visa corroborar para uma compreensão sobre nosso passado, a Arqueologia Funerária, a Bioarqueologia, adentram em um universo específico, simbólico, rico e que proporcionam ao pesquisador o maior vestígio para entender o homem, seu próprio corpo e, suas histórias, mesmo as mais remotas.



REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **O homem dos terraços de Xingó. Documento 6.** UFS/CHESF/PETROBRAS. 1997.

ALBUQUERQUE, M. Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da Tradição Tupiguarani no nordeste do Brasil. **Revista Clio**, v. 5, p. 105-116, 1982.

ANTUNES-FERREIRA, N. **Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais).** 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Pré-História e Arqueologia) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

ARIÈS, P. **História de la muerte em Occidente desde la Edad Media hasta nuestros días.** Traducción de F. Carbajo y R. Perrin. El Acantilado, Barcelona, 2000.

BANDARRA, E. P.; SEQUEIRA, J. L. **Tanatologia: Fenômenos cadavéricos transformativos.** Revista Educ. cont. CRMV/SP, São Paulo, v. 2 fascículo 3, p.72-79, 1999;

BARLEU, G. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau.** Traduções e Anotações de Claudio Brandão. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940.

BECHARA, E. **Minidicionário da língua portuguesa.** Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 2009.

BECK, H. C. **Classification and Nomenclature of Beads and Pendants.** In: *Beads, Journal of the Society of Bead Researchers*, vol.18, p.1-76, 2006.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. de. **O jogo existencial da morte.** Rev. Latino-americana de Enfermagem, jan-fev. 13(1): 99-102, 2005;

BINFORD, L. **Mortuary practices: their study and their potential.** IN: **BROWN, J. A. Approaches to the social dimensions of mortuary practices.** Memoirs of the Society for American Archaeology, New York, 25, p. 06-29, 1971.

BRITO, P. C. L. de. **De conta em conta: rotas atlânticas e comércio no Rio de Janeiro. O caso do cais do Valongo.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2015.

BROWN, C. **The battle over the emergence of modern human in Eurasia.** 2002. Disponível em <http://web.archive.org/web/20130124060958/http://www.newarchaeology.com/articles/emergence.php>. Acesso 28 de maio de 2016;

BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards – For data collection from human skeletal remains.** 44^o Fayetteville: Arkansas Archeologica Survey Research Series, 1994.

CADIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Companhia Editora Nacional – 2^a Edição, São Paulo – Rio – Recife – Porto Alegre, 1939.

CAMPILLO, D.; SUPIRÀ, M. E. **Antropologia física para arqueólogos.** Barcelona: Ariel, 2004. 270 p.

CARVALHO, F. L. de. **A pré-história sergipana.** Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, 2003.

CARVALHO, O. A. de; SILVA, J. A. **Adornos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino e sua relação com a Arqueotematologia.** In: NOGUEIRA, A. D. e SILVA, E. D. da. O despertar do conhecimento na Colina Azulada. Vol. III. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2011, 13-50.

CARVALHO, O. A. de. **Bioantropologie des nécropoles de Justino et de São José II, Xingó, Brésil.** Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007.

CARVALHO, O. A. de; QUEIROZ, A. N. de ; VERGNE, M. C. A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com ossos de animais no sítio Justino (Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil). **Revista Canindé**, Aracaju, v. 2, n.2, p. 275-281, 2002.

CASTRO, V. M. de. *et.al.* **Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará.** MNEME-Revista de Humanidades. Caicó, v.16, n^o36, p.201-227, jan/jul. 2015.

CASTRO, V. M. C. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2009. 309f.

CASTRO, V. M. C. **Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1999. 109f.

CISNEIROS, D. **Práticas Funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. 161f.

CODINHA, S. **Paleobiologia Do material osteológico recuperado da Capela de Nossa Senhora do Castelo (Vila Velha de Ródão)**. AÇAFA OnLine, nº 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo In: www.altotejo.org

CODINHA, S.; FERREIRA, M. T.; CUNHA, E. **Tafonomia ou Patologia? A Questão**. Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Tecnológica da Universidade de Coimbra, 2003.

COOK, D. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. Tocas do Gongo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil: uma bioarqueologia retrospectiva. **Revista de Arqueologia**, vol.24, número 2 – Dezembro de 2011.

CUNHA, E.; PINHEIRO, J.; PINTO-RIBEIRO, I.; VIEIRA, D. N. **Exchanged identities in a complex multiple homicide case**. Identification and cause of death. *Int. J. Legal Med.*, Springer, 121, 2007:483-488, 2007.

DANTAS, V. J.; LIMA, T. A. **Pausa para um Banquete: Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe**. São Cristóvão: MAX, 2006. 150 p.

DINIZ, J. A.; VERGNE, M. C. **Procedimentos Metodológicos. Salvamento Arqueológico de Xingó** – Relatório Final. MAX/UFS, 63-75, 2002.

DOMINGUEZ, J. M.; BRITCHA, A. **Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. Relatório de Consultoria, Documento 4**. São Cristóvão: UFS/CHESF/PETROBRAS. 1997.

DUARTE, C. **Bioantropologia**. In: MATEUS, José E.; GARCIA, Marta M. (Orgs.). *Paleoecologia Humana e Arqueociência: um programa multidisciplinar para a arqueologia sob a tutela da cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003, p. 262-296.

DUDAY H, LE MORT F, TILLIER A-M, 2014: **Archaeoethanatology and funeral archaeology. Application to the study of primary single burials.** *Anthropologie (Brno)* International Journal of Human Diversity and Evolution vol. 55. 2014, p. 235-246.

DUDAY, H. **The Archaeology of the Dead: lectures in Archaeoethanatology.** Translated by CIPRIANI e PEARCE Oxbow Books, Oxford and Oakville. 2009, 158 p.

DUDAY, H.; GUILLON, M. **Understanding the circumstances of decomposition when the body is skeletonized.** In: SCHMITT, A.; CUNHA, E.; PINHEIRO, J. *Forensic Anthropology and Medicine: Complementary Sciences From Recovery to Cause of Death.* Humana Press Inc., New Jersey: 2006, 117-157;

DUDAY, H. **L'archéoethanologie ou l'archéologie de la mort.** (Archaeoethanatology or the Archaeology of Death). In GOWLAND, Rebecca.; KNÜSSEL, Christopher. (Orgs.). *Social Archaeology of funerary remains.* Oxford: Oxbow Books, 2006, p. 30-56.

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBEZY, E.; SELIER, P.; TILLIER, A. M.; **L'Anthropologie « de terrain » : reconnaissance et interprétation des gestes funéraires.** Bull. Et Mém. de la Soc. d'Anthrop. de Paris, n.s., t. 2, n° 3-4, pp.29-50, 1990.

ETCHEVARNE, C.; FERNANDES, L. **Patrimônio Pré-Colonial. Os sítios de sociedade de caçadores coletores e dos grandes grupos de horticultores ceramistas, antes da chegada dos portugueses.** Patrimônio Arqueológico da Bahia. Organização Carlos Etchevarne, Rita Pimentel: Salvador. 2011, 132p.

FAGUNDES, M. Entendendo a dinâmica cultural em Xingó na perspectiva Inter sítios: indústrias líticas e os lugares persistentes no baixo vale do rio São Francisco, Nordeste do Brasil. **Revista de Arqueologia Iberoamericana**, n°6, abril-junho/2010a.

FAGUNDES, M. Análise Intra sítios do sítio Justino, baixo São Francisco – As fases ocupacionais. **Revista de Arqueologia SAB**, n. 23, dez. 2010b.

FAGUNDES, M. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil.** Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

FERNANDES, L. A. Tafonomia Comparada em Urnas Aratu: Piragiba e São Félix do Coribe, Bahia. **Revista Canindé**, São Cristóvão: n. 2, dez. 2002.

FISHER, J. M. K. *et al.* **Manual de Tanatologia**. Gráfica e Editora Unificado. Curitiba: 2007, p. 57;

FRANÇA, S. L. Uma América incógnita. História (São Paulo) [en línea] 2009., Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221014799005>> ISSN 0101-9074. Acesso em 06 de agosto de 2017.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**: o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006;

FUKS, B. **Freud e a cultura**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 2003;

GIFFORD. D. P. Taphonomy and Paleoeology: a Critical Review of Archaeology's Sister Disciplines. Em: **Advances in Archaeological Method and Theory** (ed. por M. Schiffer) 4, Academic Press, New York, 1981: 365-438

GARCIA, C. D.; UCHÔA, D. P. Piaçaguera – Um Sambaqui do litoral do estado de São Paulo, Brasil. Revista de Pré-história. USP – Instituto de Pré-história, vol. 2. 1980.

GUIDON, N.; LUZ, M. de F.; Sepultamentos na Toca do Enoque – Serra das Confusões-Piauí. Nota prévia. **FUMDHAMentos** VIII 2009, 115-123.

GUIDON, N.; VERGNE, C.; VIDAL, I. A. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio (Série Arqueológica)**, Recife, v. 1,n.13, p. 127-138, 1998.

HERRADA, C. R. **Dimensiones bio-arqueológicas de los contextos funerarios**. Estudio de los restos humanos de la necrópolis prehistórica de la Cova des Carritse (Ciudadella, Menorca) Tese de Doutorados. Universitat Autònoma de Barcelona, 2000.

HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. 1ª ed., Rio de Janeiro, 2009.

HUSSAK VAN VELTHEM, L. Feitos por Inimigos - os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato. In: ALBERT, B. e RAMOS, A. R. **As contas de vidro europeias – pacificando o Branco**. Cosmologia do Contato no Norte-Amazônico. Ed. UNESP, São Paulo, 2002, p. 539.

HUSSAK VAN VELTHEM, L. Os “originais” e os “importados” – referências sobre a apreensão Wayana dos bens materiais. Indiana, nº27, **Revista Ibero-Amerikanisches Institut**, Berlin, 2010, p. 141-159.

IBGE, Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro, IBGE, 1981.

KARKLINS, K. **The 19th Century Cevin Catalogue and Venetian Bead Book and-Guide to Description of Glass Beads.** Studies in Archaeology Architecture and History. National Historic Parks and Sites Branch Parks Canada Environment Canada, 1985.

KARKLINS, K. The a Speo method of heat rounding drawn glass beads and its Archaeological Manifestations. **Beads: Journal of the Society of Bead Researchers.** Volume 5:27-36, 1993

KOVÁCS, M. J. **Desenvolvimento da Tanatologia:** estudos sobre a morte e o morrer. Paidéia, São Paulo, 2008, p. 457-468.

KRENZER, U. **Compendio de Métodos Antropológicos Forenses para la Reconstrucción del Perfil Osteo-biológico.** (1ra ed.) Serie de Antropología Forense (Tomo VII). Guatemala: Centro de Análisis Forense y Ciencias Aplicadas, CAFCA, 2006.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e seus próprios parentes.** Martins Fontes. São Paulo: 1998;

LEITE, L. **Estruturas funerárias escavadas na rocha matriz de um abrigo: primeiras observações.** Cadernos do Lepaarq, vol XIII, nº26, Pelotas, 2016.

LEWIS, M. E. **The Bioarchaeology of Children.Perspectives from Biological and Forensic Anthropology.** CambridgeUniversity, 2007.

LEWIN, R.; FOLEY, R. A. **Principles of Human Evolution.** Malden, MA: Blackwell Publishing. 2004;

LEROI-GOURHAN, A. **Le fouilles préhistoire: techniques et méthodes.** Paris: Picard, 1950.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil.** Tradução Sérgio Milliet. Biblioteca do Exército – Editora. 1961.

LIMA, A. da S. **A guerra pelas almas. Alianças, recrutamentos e escravidão indígena (do Maranhão ao Cabo Norte, 1615-1647).** Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2006.

LOUREIRO, A. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços ao estudo.** Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2000;

LUNA, S. As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil. **Revista Canindé,** São Cristóvão: n. 8, dez. 2006.

LUNA, S. Os grupos ceramistas pré-históricos do baixo São Francisco. **Revista Clio Arqueológica,** Recife: n. 19, vol.2, 2005, p.79-103.

MACHADO, L. C. Tafonomia humana: alguns problemas e interpretações em arqueologia funerária. Anais da IX Reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia, CD-ROM, 2000.

MAGALHÃES A. C. V. **A espacialidade da morte na cidade colonial Marechal Deodoro, Alagoas.** In: PEIXOTO, E. R.; DERNTL, M. F.; PALAZZO, P. P.; TREVISAN, R. (Orgs.) Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/espacialidade-da-morte-na-cidade-colonial-marechal-deodoro-alagoas>> Acesso em 18 de maio de 2016.

MAGALHÃES, E. D'A. A língua geral. **Revista da Universidade de Coimbra**, vol. XXXVII, Coimbra, 1992, p.408-418.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** 5ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008. 434 p.

MARTIN, G. Os Rituais Funerários na Pré-histórica do Nordeste. **Revista Clio Arqueológica**, nº10. UFPE, Recife:1994, p.29-46;

MARTIN, G.; ROCHA, J. O Adeus à Gruta do Padre, Petrolândia, Pernambuco. A tradição Itaparica de coletores-caçadores no médio São Francisco. **Revista Clio Arqueológica**, nº 6, v.1. UFPE, Recife:1990, p. 31-44;

MARTINS-NETO, R. G., GALLEGO, O. F. **"Death Behaviour"** (Thanatoethology new term and concept): a taphonomic analysis proving possible paleoethologic inferences- special cases from Arthropods os the Santana Formation (Lower Cretaceous, Northeast Brazil). *Geociências*, 25(2): 241-254. 2006.

MARTÍNEZ-LÓPEZ, J. G. et. al. Aproximación tafonómica en los depósitos humanos del sitio arqueológico Canímar Abajo, Matanzas, Cuba. **Revista Arqueologia Iberoamericana** 4 (2009), 5–21. ISSN 1989–4104

MAX. **Salvamento Arqueológico de Xingó** – Relatório Final. Museu de Arqueologia de Xingó – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2002.

MAX. **Série Didática 2.** Museu de Arqueologia de Xingó – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

MAYS, S. *The Archaeology of Human Bones.* Routledge, 1998.

MELLO e ALVIM, M. C. de. O grupo Pré-histórico da Furna do Estrago-PE e suas relações biológicas com outras populações Pré-históricas e atuais do Brasil. **Revista Clio Arqueológica**, nº4, extraordinário. Anais

do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro. UFPE, Recife: 1991, p. 79-82.

MENDONÇA, S. C. Testemunhos iniciais sobre o Brasil revisitados no século XIX. **Caletroscópio – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto Vol. 4, n.6 (2016)** <http://www.ichs2.ufop.br/caletroscopio/revista/index.php/caletroscopio/article/view/87/58>

MONLÉON, J. Alfareriat emprana em la zona central de Chile. **Revista española de antropología americana**, ISSN 0556-6533, N° 10, 1980 p. 9-20.

MUÑOZ, A. S. **La tafonomía en las investigaciones arqueológicas**. OPFyL, Universidad de Buenos Aires. 2001: p. 1-18

NEVES, M. J.; FERREIRA, M. T.; ALMEIDA, M. e PINHEIRO, J. **A Importância dos Processos de Decomposição Cadavérica para a Interpretação do Registo Osteoarqueológico**. Al-Madan. IIª Série. 17. 2012: 30-37.

NEVES, M. J. **O protocolo iDryas de recuperação de vestígios osteoarqueológicos**. 2011 Disponível em < https://www.academia.edu/1681919/O_protocolo_iDryas_de_recupera_%C3%A7%C3%A3o_de_vest%C3%ADgios_osteoarqueol%C3%B3gicos >. Acesso em 04 de março de 2016.

NEVES, M. J. **Arqueotematologia: da teoria à prática**. 2009. Disponível em < <https://woc.uc.pt/antropologia/class/getbibliography.do?idyear=5eidclass=180> >. Acesso em 04 out. 2009.

NOVAES, C. N.; REIS, M. S. C. *Reis* Hans Staden, José de Alencar e Antônio Torres: representações do índio e a invenção da identidade brasileira. **Revista Língua e Literatura**. Vol. 11 n. 16 (2009) 33-44 <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/90>. Acesso em 06 de agosto de 2017.

NOELLI, F. S.; VIANA, A.; MOURA, M. Lebarbenchon. Praia dos Ingleses 1: Arqueologia subaquática na Ilha de Santa Catarina, Brasil (2004/2005/2009). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 19: 179-203, 2009.

NOGUEIRA, Mônica Almeida Araújo. **A Cerâmica Tupinambá na Serra de Santana-RN: O Sítio Arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE, Recife, 2011, 196f.

OLIVIERI, A.; VILLA, M. A. **Cronistas do Descobrimento**. Editora Ática, Série bom livro. 1999.

PASCHOALICK, L. C. A. **A arte do índio Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados, MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica.** In: XXI simpósio Nacional de História - A História no Novo Milênio: entre o Individual e o Coletivo, 2001, Niterói/RJ. Histórico do Novo Milênio: entre o individual e o coletivo. Niterói/RJ: ANPUH - Universidade Federal Fluminense, 2001. v. 1. p. 5-510.

PAVLOVIC, D. Periodo Alfarero temprano em La cuenca superior del río Aconagua. Una primera aproximación sistemática a sus características y relaciones. **Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología**, nº 30: 17-29, 2000.

PAX. **Caderno de Arqueologia – Documento 2.** Projeto Arqueológico de Xingó. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.

PEREIRA, C. B.; MELLO E ALVIN, M. C de. **Manual para estudos Craniométricos e Cranioscópicos.** Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Maria, 1979. Disponível virtualmente em <http://www.cleber.com.br/manual1.html>. Acesso em 05/07/2016.

PESSIS, Anne-Marie; CISNEIROS, D.; LEITE, L. **Perfil Funerário do sítio Toca da baixa dos Caboclos.** Resumo de Dissertação. Revista Clio Arquelógica, v. 29 nº 2, 2014.

PRONAPA. Arqueologia Brasileira em 1968. **Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.** Conselho Nacional de Pesquisas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1969.

PROUS, A. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, v. 19, p. 371-413, 2009.

PROUS, A. **O Brasil antes dos Brasileiros.** Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2006.

RAPP PY-DANIEL, A. **Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do rio Amazonas.** Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RAPP PY-DANIEL, A. **Arqueologia da Morte no sítio Hatahara durante a fase paredão.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

REIS, J. J. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres de revolta popular no Brasil do século XIX.** Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

REIS, A. R. dos; FERNANDES, L. E. de O. 1492 : **partos do fecundo oceano - relatos históricos sobre o descobrimento da América em dois tempos** (as Décadas de Anglería e de Herrera). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v30n54/a07v30n54.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología. Teoría, Métodos y Practica.** Tradução: Maria Jesús Rial. Akal: Madrid, p. 571. 1993.

REZENDE, E. C. M. **Cemitérios.** Editora Necrópolis: São Paulo. 2007;

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias.** Uma abordagem historiográfica. São Paulo, Alamada. 2007, 194 p.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte.** Editora Fio Cruz, 2ªed. Rio de Janeiro, 2006;

RODRIGUES-CARVALHO, C.; SOUZA, S. M. F. M. de. Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, Brasil: uma hipótese baseada no perfil dento-patológico. **Revista de Arqueologia**, 11: 43-55, 1998.

ROSS, L. A. Trade beads from Hudson's bay company fort Vancouver (1829-1860), Vancouver, Washington. Beads: **Journal of the Society of Bead Reseachers** Vol. 2: 29-67 (1990)

SANTANA, A. N. Datação Radiocarbônica-AMS do Sítio Arqueológico Justino, Região do Baixo São Francisco/Sergipe, Dissertação (Mestrado em Geologia), Universidade Federal de Sergipe, 2013.

SANTANA, P. A.; MARTINS, A. F. Apresentação dos sítios. **Documento 02.** UFS/PAX/PETROBRAS/CHESF, 1997;

SANTOS, A. M. **Estudo dos remanescentes humanos do Acervo Arqueológico do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX, em Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil: Sepulturas com cerâmicas do Sítio Justino.** Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2011.

SCHEEL-YBERT, R. Considerações sobre o método de datação pelo C14 e alguns comentários sobre as datações em sambaquis. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 9: 297-301. 1999.

SCHULTZ, H. **Vocábulos Urukú e Digüt.** *Journal de la Societé des Américanistes*. Tome 44, 1955, p. 81-97

SENA, V. **Reconsiderando a materialidade no sítio arqueológico Macaguá I**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal de Pernambuco, 277f, 2013.

SENA, V. **A cerâmica Tupinambá e as identidades no período do contato no semi-árido do nordeste do Brasil**. Resumo apresentado em 54º International Congress of Americanists, 2012.

SENE, G. M. **Indicadores de Gênero na Pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social**. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, S.F.S.M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15-16: 113-138, 2005-2006.

SILVA, S. F. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, J. A.; **O corpo e os adereços: Sepultamentos Humanos e as especificidades dos adornos funerários**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe – UFS, Campus de Laranjeiras, 2013;

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A. de. Análise Arqueotanológica de duas sepulturas infantis – Sítio Justino-SE. **Revista Clio Arqueológica**. v 28, nº1, 2013, p. 74-104;

SILVA, S.F.S.M.; CALVO, J. B. Potencial de análise e interpretação das deposições mortuárias em arqueologia: perspectivas forenses. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 17: 469-491, 2007;

SILVA, S.F.S.M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15-16: 113-138, 2005-2006.

SILVA, S. F. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

SIMON, C.; CHAIX, L.; CARVALHO, O. A de; QUEIROZ, A. N. de. **Enterramentos na Necrópole do Justino – Xingó**. PAX/UFES, 1999.

SIMÕES, M. G.; RODRIGUES, S. C.; BERTONI-MACHADO, C.; HOLZ, M. Tafonomia: Processos e Ambientes de Fossilização. In: CARVALHO, I. de S. (Ed.). **Paleontologia**. Rio de Janeiro: Intercâmbio, 2004, v. 1, nº 3, cap.3, p.19-45;

SOUZA, C. D. de. **As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.c.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2010.

SOUZA, S. M. F. M. de. A Paleopatologia no Brasil: crânios, parasitos e doenças do passado. In: FERREIRA, L. F.; REINHARD, K. J.; ARAÚJO, A. **Fundamentos da Paleoparasitologia**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

SOUZA, T. O. M. de. A divulgação pela imprensa da notícia do descobrimento do Brasil por Álvares Cabral. **Revista de História**. USP. Vol, 28, n. 58, 1964 file:///C:/Users/jacia/Desktop/Cap%C3%ADtulo%20II/122689-230257-1-SM.pdf. Acesso em 06 de agosto de 2017.

SOUZA, G. N. **O material lítico polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008

SPECTOR, J. D. **The interpretive potential of glass trade beads in historic archaeology**.

Historical Archaeology, 10, p. 17-21, 1976. SPIRITO, Mari di. *Perle Veneziane*. Milano: Fabbri Editore, 2001.

STADEN, H. **Viagem ao Brasil**. Revisado por Theodoro Sampaio. Publicações da Academia Brasileira. Rio de Janeiro, 1930.

THÉVET, A. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América**. Biblioteca Pedagógica Brasileira, São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Baía – Porto Alegre, 1944.

TORRES, A. C. Rituais Funerários Pré-Históricos – Um estudo antropológico. **Revista Clío Arqueológica**, nº 12, Recife, 1997;

UBELAKER, D. H. Human Skeletal Remains (excavation, analysis, interpretation). **Manuals on Archeology 2**. Smithsonian Institution, Whashington, 1996.

UCHÔA, D.P. **Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Rio Claro, 230 p. 1973

VERGNE, M. C. S. **Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do Sítio Justino - região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2004.

VERGNE, M. C. S.. A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com ossos de animais no Sítio Justino Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, São Cristóvão/SE, v. 02, n. 02, p. 275-281, 2002.

VERGNE, M. C. S.. Enterramentos em Sítios Arqueológicos em Xingó. **Caderno de Arqueologia**, São Crsitóvão, v. 01, p. 00-00, 1997.

VERGNE, M. C. S.; SILVA, S. A. A Necrópole do Justino/Xingó. **CLIO. Série Arqueológica** (UFPE), Recife, v. 04, p. 171-177, 1992.

VERGNE, M. C.; AMÂNCIO, S. A necrópole Pré-histórica do Justino/ Xingó - Sergipe. Nota Prévia. **Revista Clío Arqueológica**, vol. 1, nº 8, 1992.

VERGNE, M. C.; NASCIMENTO, A. C.; MARTINS, A. F. O salvamento arqueológico de Xingó. **Documento 01**, UFS/PAX/PETROBRÁS/CHESEF, 1997.

VIEIRA JÚNIOR, A. S.; PALMEIRA, J. A. V. **Grupos Pré-históricos de Xingó: Um estudo cranioscópico e craniométrico**. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2006, 132 p.

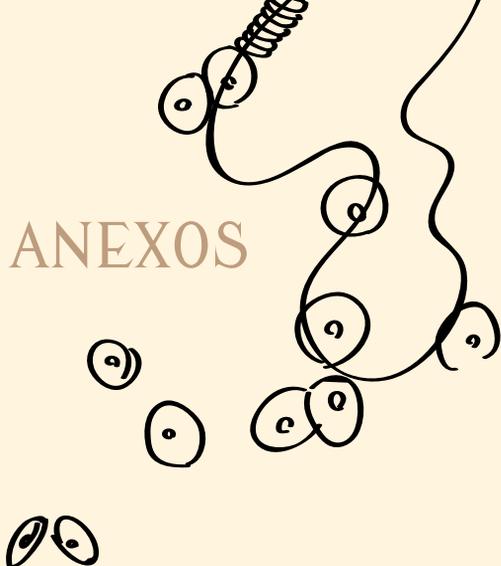
WESOLOWSKI, V. Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: é possível comer amido e não ter cárie? **Revista de Arqueologia**, vol. 21, 2008.

WHEELER, M. **Arqueologia de Campo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

YAMAZAKI, T. **Introduction to Environmental Archaeology - Nara National Research Institute for Cultural Properties**, 2011. Disponível em: << <http://www.nara.accu.or.jp/elearning/2011/introduction.pdf>>>. Acesso 21 de outubro de 2015.

YUMIANDO, M. e BONNICI, T. **A construção da Alteridade em Viagem à terra do Brasil de Jean Léry**. UNILETRAS 26, Universidade Estadual de Maringá, 2004.

ANEXOS



ANEXO A Catálogo dos Adornos

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 55-1	
Esqueleto Associado	137	Unidade: FL 31/35	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 10 uni	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound		
Período de Produção	Após meados do Século XV		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Âmbar (10.0 YR 7/8)		
Dimensões	0,35 cm (média)		
Observações:			
<p>A técnica <i>Wound</i> consiste na produção a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um madril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-1	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro (?)	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Não Identificado	Imagem	
Técnica de Manufatura	Não Identificado		
Período de Produção	Não Identificado		
Morfologia da Peça	Elipsóide achatado		
Cor/Decoração	Preto (N 1/0)		
Dimensões	2,60 cm		
Observações: Sem comentários.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-4	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Drawn – Speo		
Período de Produção	Após Século XVII		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Preto (N 1/0) com listras brancas		
Dimensões	1,00 cm		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento. A conta <i>Speo</i> consistiu em um tipo específico de produção.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-5	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn – Speo</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 3/6) com listras brancas</i>		
Dimensões	<i>1,40 cm</i>		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento. A conta <i>Speo</i> consistiu em um tipo específico de produção.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-6	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	<i>Vidro (?)</i>	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	<i>Não Identificado</i>	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Não Identificado</i>		
Período de Produção	<i>Não Identificado</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Âmbar (10.0 YR 7/8)</i>		
Dimensões	<i>1,00 cm</i>		
Observações: Peça fragmentada.			

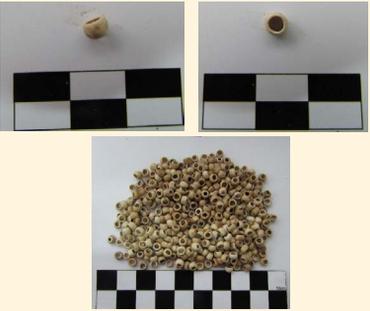
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 137-7
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn (?)</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Transparente</i>		
Dimensões	<i>1,70 cm</i>		
Observações: Possivelmente <i>Drawn</i> . A técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 137-8
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 2 u.	
Local de Origem	Veneza/Boêmia	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn ou Wound</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica facetada</i>		
Cor/Decoração	<i>Transparente</i>		
Dimensões	<i>0,60 cm (média)</i>		
Observações: Contas com 18 facetas. Não há definição se foi produzida a partir de um bastão como na <i>wound</i> ou com filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril.			

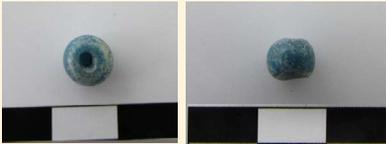
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL

Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-2
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn – Speo</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 3/6) com listras brancas</i>		
Dimensões	<i>1,60 cm</i>		
Observações:	<p>Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento. A conta <i>Speo</i> consistiu em um tipo específico de produção.</p>		
			

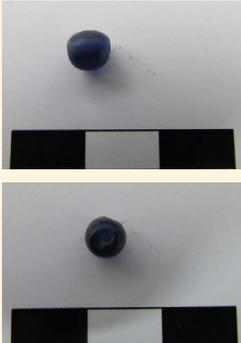
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL

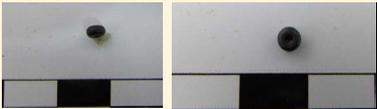
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-3
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro (?)	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 432	
Local de Origem	Veneza (?)	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Wound (?)</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Branca (N 9/0)</i>		
Dimensões	<i>0,34 cm (média)</i>		
Observações:	<p>Possível <i>Wound</i>. A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>		
			

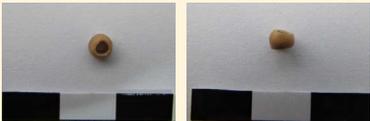
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-6
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Tubular com paredes retas</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5.0 PB 4/4)</i>		
Dimensões	<i>2,60 cm</i>		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento.			

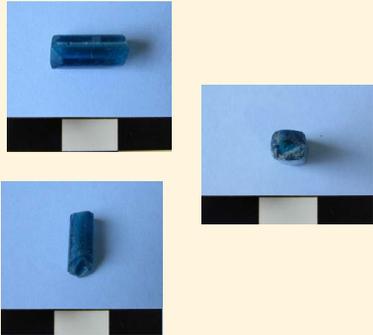
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-7
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 16	
Local de Origem	Veneza / Boêmia	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5.0 PB 4/4)</i>		
Dimensões	<i>0,81 cm (média)</i>		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento.			
			

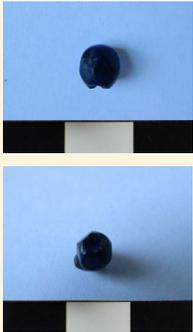
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-8
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn - Speo</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 5/7) com listras brancas</i>		
Dimensões	1,00 cm		
<p>Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento. A conta <i>Speo</i> consistiu em um tipo específico de produção.</p>			

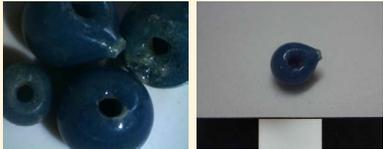
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 138-3
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 432	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Wound</i>		
Período de Produção	<i>Após meados do XV</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 3/6)</i>		
Dimensões	0,62 cm		
<p>Observações: A técnica <i>Wound</i> consiste na produção a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 140-2	
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 232 u.	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound	 	
Período de Produção	Após meados do XV		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Preto (N 1/10)		
Dimensões	0,62 cm (média)		
<p>Observações:</p> <p>A técnica <i>Wound</i> consiste na produção a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 140-3	
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro (?)	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 783	
Local de Origem	Veneza (?)	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound (?)	 	
Período de Produção	Após Século XVII		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Branca (N 9/0)		
Dimensões	0,46 cm (média)		
<p>Observações:</p> <p>Possível <i>Wound</i>. A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>			

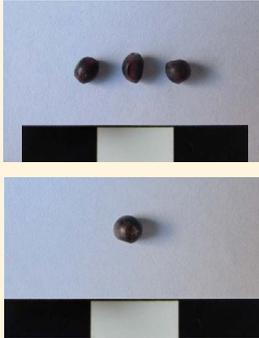
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-4
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Tubular</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 4/4)</i>		
Dimensões	<i>1,31 cm</i>		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-5
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto: .	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Drawn ou Wound</i>		
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica facetada</i>		
Cor/Decoração	<i>Azul (5,0 PB 4/4)</i>		
Dimensões	<i>0,72 cm</i>		
Observações: Não há definição se foi produzida a partir de um bastão como na <i>wound</i> ou com filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril.			

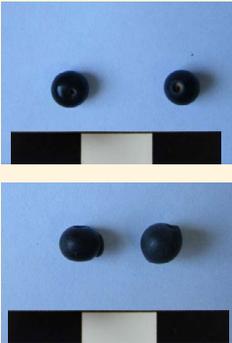
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 140-6	
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 39	
Local de Origem	Veneza / Boêmia	Imagem	
Técnica de Manufatura	Drawn		
Período de Produção	Após Século XVII		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Azul (5.0 PB 5/7)		
Dimensões	0,79 cm (média)		
Observações: Técnica <i>Drawn</i> consiste na produção de bastões de vidro com base no alongamento e posterior corte e polimento.			

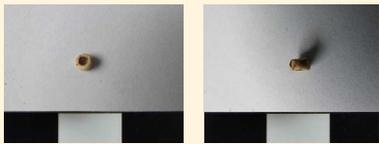
FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 140-8	
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 3 u.	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound		
Período de Produção	Após meados do XV		
Morfologia da Peça	Esférica facetada		
Cor/Decoração	Âmbar (10.0 YR 7/8)		
Dimensões	0,48 cm (média)		
Observações: A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL

Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-10
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 3 u.	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound		
Período de Produção	Após meados do XV		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Âmbar (10.0 YR 7/8)		
Dimensões	0,30 cm (média)		
Observações:	<p>A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>		

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL

Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-10
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100 cm
Material Composição	Vidro	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 3 u.	
Local de Origem	Veneza	Imagem	
Técnica de Manufatura	Wound		
Período de Produção	Após meados do XV		
Morfologia da Peça	Esférica		
Cor/Decoração	Preto (N 1/0)		
Dimensões	0,52 cm (média)		
Observações:	<p>A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.</p>		

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 04
Esqueleto Associado	-	Unidade: AE 15/20	Nível: 100-140 cm
Material Composição	<i>Vidro (?)</i>	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 22 u.	
Local de Origem	<i>Veneza (?)</i>	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Wound (?)</i>	 	
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Branca (N 9/0)</i>		
Dimensões	<i>0,23 cm (média)</i>		
Observações: Possível <i>Wound</i> . A técnica é produzida a partir do aquecimento de filigranas de vidro derretidos e enrolado em um mandril em que é mantido o movimento circulatório em contato com o fogo.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – ARTEFATO COLONIAL			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 5861
Esqueleto Associado	-	Unidade: RM 31/35	Nível: 70-100 cm
Material Composição	<i>Vidro</i>	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto: .	
Local de Origem	<i>Veneza</i>	Imagem	
Técnica de Manufatura	<i>Wound</i>	 	
Período de Produção	<i>Após Século XVII</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférica</i>		
Cor/Decoração	<i>Não definida</i>		
Dimensões	<i>1,00 cm</i>		
Observações:			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-2	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	Ósseo	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 2 u.	
Tipologia	Conta	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	<i>Corte, polimento de superfície e extremidades</i>		
Morfologia da Peça	<i>Esférico</i>		
Morfometria da Peça	<i>0,65 cm (média)</i>		
Alterações Estruturais	<i>Pontos escuros resultantes de óxido de manganês</i>		
<p>Observações: Peças únicas no sítio com tais configurações que remete a forma das contas europeias.</p>			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 137-3	
Esqueleto Associado	137	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	<i>Concha - Olivella mutica</i>	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 203 u.	
Tipologia	Conta	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	<i>Aproveitamento natural sobretudo a perfuração interna</i>		
Morfologia da Peça	<i>Elipsoide achatado</i>		
Morfometria da Peça	<i>0,55 cm (média)</i>		
Alterações Estruturais	<i>Algumas contas quebradas</i>		
<p>Observações: O ambiente natural das conchas é o marinho, elas estão presentes no litoral brasileiro, na faixa da região nordestina.</p>			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 138-1	
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	Poliquetas	Quantidade: () Unitária (x) Conjunto: 191 u.	
Tipologia	Conta	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	Forma, coloração e perfurações naturais		
Morfologia da Peça	Coroa circular		
Morfometria da Peça	1,00 cm (média)		
Alterações Estruturais	Algumas contas quebradas		
Observações: Possivelmente produzidas em poliquetas marinhas.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino	Nº Tombo: 138-4	
Esqueleto Associado	138	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	Mineral Amazonita	Quantidade: (x) Unitária () Conjunto:	
Tipologia	Adorno labial - Tembetá	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	Polimento e coloração natural (verde)		
Morfologia da Peça	Em forma de "T"		
Morfometria da Peça	3,67 x 1,33 cm (comp x larg)		
Alterações Estruturais	Sem alterações aparentes		
Observações: Peça em perfeito estado de conservação.			

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-7
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	<i>Poliquetas (?)</i>	Quantidade: () Unitária	(x) Conjunto: 8 und. + estrut.
Tipologia	<i>Conta</i>	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	<i>Forma, coloração e perfurações naturais</i>		
Morfologia da Peça	<i>Coroa circular</i>		
Morfometria da Peça	<i>1,00 cm (média)</i>		
Alterações Estruturais	<i>Estado de conservação ruim, algumas quebras</i>		
Observações:	<p>As contas estão mantidas em uma estrutura escura q as envolve, provavelmente o corpo do verme marítimo, levando em consideração o proposto. Possivelmente produzidas em poliquetas marinhas.</p>		

FICHA DE CADASTRO DE ADORNOS – NATIVO			
Sítio Arqueológico	Justino		Nº Tombo: 140-9
Esqueleto Associado	140	Unidade: MR 6/10	Nível: 70-100
Material Composição	<i>Mineral Amazonita</i>	Quantidade: (x) Unitária	() Conjunto:
Tipologia	<i>Adorno labial - Tembetá</i>	Imagem	
Técnicas de Manufatura, Acabamento/ Decoração	<i>Polimento e coloração natural (verde)</i>		
Morfologia da Peça	<i>Em forma de "T"</i>		
Morfometria da Peça	<i>4,07 x 1,98 cm (comp x larg)</i>		
Alterações Estruturais	<i>Sem alterações aparentes</i>		
Observações:	<p>Peça em perfeito estado de conservação.</p>		

ANEXO B

Resultados das Análises DRX e EDX

Análise da Caracterização Estrutural de Material por EDX – Conta Branca

IMAGEM EM TAMANHO NATURAL	IMAGEM COM LUPA
	
<p>Descrição dos Resultados: A amostra branca é composta basicamente de silício (~98,5%) e uma pequena quantidade de fósforo (~1,5%)</p>	

RESULTADO QUALITATIVO	RESULTADO QUANTITATIVO (%)
Silício – Si	98.545
Fósforo – P	1.455

Fonte: SILVA, 2013. Análise de dados realizada por Professora Dra. Karina Kodel.

Análise da Caracterização Estrutural de Material por EDX – Conta Preta

IMAGEM EM TAMANHO NATURAL	IMAGEM COM LUPA
	
<p>Descrição dos Resultados: Apresentam uma maior diversidade de elementos em sua composição, permanecendo em maior quantidade o Si (~54%) e destacando-se a presença do manganês (Mn) com 15.7% e do cálcio Ca com 15.3%. O manganês possivelmente é o responsável pela coloração preta</p>	

RESULTADO QUALITATIVO	RESULTADO QUANTITATIVO (%)	RESULTADO QUALITATIVO	RESULTADO QUANTITATIVO (%)
Silício – Si	54.330	Chumbo – Pb	1.185
Manganês – Mn	15.708	Estrôncio – Sr	0.570
Cálcio – Ca	15.345	Estanho – Sn	0.448
Potássio – K	6.081	Actínio – Ac	0.254
Ferro – Fe	3.613	Tálio – Tl	0.196
Fósforo – P	2.201	Tório – Th	0.068

Fonte: SILVA, 2013. Análise de dados realizada por Professora Dra. Karina Kodel

Análise da Caracterização Estrutural de Material por EDX – Conta Azul

IMAGEM EM TAMANHO NATURAL	IMAGEM COM LUPA
	
<p>Descrição dos Resultados: grande quantidade de silício (68,497 %) e a presença especial de cobre (Cu) em 5,857 % que pode ser o responsável pela coloração azul da amostra</p>	

RESULTADO QUALITATIVO	RESULTADO QUANTITATIVO (%)	RESULTADO QUALITATIVO	RESULTADO QUANTITATIVO (%)
Silício – Si	68,497	Ferro – Fe	2,693
Cálcio – Ca	13,973	Estrôncio – Sr	0,266
Cobre – Cu	5,847	Chumbo – Pb	0,228
Potássio – K	4,347	Tálio – Ti	0,220
Cloro – Cl	3,753	Bismuto – Bi	0,127
Zircônio – Zr	0,049		

Fonte: SILVA, 2013. Análise de dados realizada por Professora Dra. Karina Kodel.

AUTORES



ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ

Prof. Dr. do Departamento de Arqueologia (DARQ/UFS), do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS) e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS). Doutor em Ciências (Biologia/Zooarqueologia) pela Universidade de Genebra, Suíça. Coordenador do Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ/UFS). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Arqueologia e Bioarqueologia: Patrimônio Cultural e Ambiental. Bolsista de Produtividade CNPq (PQ2).



ELAINE ALVES DE SANTANA

Arqueóloga do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX/UFS). Doutoranda e Mestre em Arqueologia do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (PROARQ/UFS), Bacharel em Arqueologia pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DARQ/UFS).



JACIARA ANDRADE SILVA

Profa. Dra. do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (CARQUEOL/UNIVASF). Doutora e Mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (PROARQ/UFS). Bacharel em Arqueologia pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DARQ/UFS). Pesquisadora Externa Associada ao Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ/UFS).



OLIVIA ALEXANDRE DE CARVALHO

Profa. Dra. do Departamento de Arqueologia (DARQ/UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS). Doutora em Ciências (Antropologia) pela Universidade de Genebra, Suíça. Vice Coordenadora do Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ/UFS). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Arqueologia e Bioarqueologia: Patrimônio Cultural e Ambiental. Bolsista de Produtividade CNPq (PQ2).